





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E  
AMAZÔNIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

JESSÉ ANDRADE SANTA BRÍGIDA

DE MOÇOS ALEGRES A LGBTs:  
Explorando memórias e história sobre os homens homossexuais na  
produção enunciativa dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* (1901-  
2011) em Belém, Pará.

BELÉM - PARÁ  
2019

JESSÉ ANDRADE SANTA BRÍGIDA

DE MOÇOS ALEGRES A LGBTs:

Explorando memórias e história sobre os homens homossexuais na produção enunciativa dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* (1901-2011) em Belém, Pará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Netília Silva dos Anjos Seixas

BELÉM - PARÁ  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S231m Santa Brígida, Jessé Andrade  
De Moços Alegres a LGBTs : explorando memórias e história  
sobre os homens homossexuais na produção enunciativa dos jornais  
Folha do Norte e O Liberal (1901-2011) em Belém, Pará / Jessé  
Andrade Santa Brígida. — 2019.  
140 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade  
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Comunicação e cultura . 2. Belém do Pará. 3. Folha do  
Norte . 4. O Liberal . 5. História e memória . I. Título.

CDD 302.209811

---



Jessé Andrade Santa Brígida


DE MOÇOS ALEGRES A LGBTs:  
Explorando memórias e história sobre os homens homossexuais na  
produção enunciativa dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* (1901-  
2011) em Belém, Pará


Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e  
Amazônia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa  
de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da  
Comunicação, para a obtenção do título de mestre.  
Orientadora: Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas.

RESULTADO:  APROVADO ( ) REPROVADO

Data: 20 de março de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Netília Silva dos Anjos Seixas (PPGCOM/UFPA) – Orientadora

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Cristina Gobbi (PPGCOM/UNESP) – Examinadora

  
Prof. Dr. Nilton Milanez (PPGEL/UEFS) – Examinador

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Danila Gentil Rodriguez Cal Lage (PPGCOM/UFPA) – Examinadora

BELÉM-PA  
2019





## AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se fecha. Mais um percurso se concretiza. Novas portas se abrem. A cada etapa, podemos dizer que alcançamos algo e que conquistamos novas perspectivas. Que a memória não me traia e que eu possa aqui deixar meus agradecimentos de forma coerente com a história que tracei nesses dois anos de mestrado.

Início meus agradecimentos à minha família, que me apoiou, esteve ao meu lado e, mesmo sem entender, foi compreensível com minhas faltas. Jessica, Denise, Antônio e Nilza Santa Brígida, vocês são os meus eixos, a minha base forte. Obrigado.

Meu muito obrigado ao cara que nunca deixa que eu me desmotive, um dos meus maiores apoiadores, que ouve minhas leituras (cochilando), Hilton Galvão. Devo muito a todo seu amor e carinho. Obrigado por ter essa paciência com esse aprendiz de pesquisador. Com ele, agradeço também a toda a família Galvão, que me acolheu em várias ocasiões, Adriane, Anete, Harielton e Ane.

Aos amigos sempre certos e fiéis. A Layze Machado, pelos conselhos fantásticos, Dienes Maciel, pela linda capa deste trabalho, Marcio Dias, amigo de graduação e mestrado, Ivana Melo, Elem Sabrina e Adriana Alves. Amigos que a vida me deu em cada fase da minha formação acadêmica e que estão hoje, sempre, ao meu lado. Vocês são os melhores.

Aos queridos amigos a quem o mestrado no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia me apresentou. Neste final, posso dizer que passei no momento certo, pois tive uma turma maravilhosa, companheira e cheia de amizade para ajudar e apoiar em todos os momentos, seminários, qualificação e, agora, defesa. Obrigado a Luana Laboissiere, Sergio Ferreira Junior, Nathália Kahwage, André Palmeira, Adriana Trindade, Carolina Neves, Roberta Machado, Nathan Kabuenge, Bárbara Leão, Camila Simões, Flávia Cortez, Moisés Sarraf, Nara Pessoa, e Patricia Wanderley.

A todo quadro de professores do PPGCom, em especial, às atuais coordenadoras Elaíde Martins e Danila Cal Lage, sempre solícitas e dispostas a ajudar em todos os momentos. Obrigado pela política acolhedora e empática que pudemos partilhar. Ainda dentro do PPGCom, não posso deixar de agradecer à queridíssima Juliana Ranieri, que foi mais do que uma secretária, foi uma amiga que sempre esteve apta a ouvir e ajudar nos mais variados problemas de percurso.

Deixo aqui minha referência e gratidão imensa por todos os funcionários da Biblioteca Pública Arthur Vianna, que não mediram esforços para me ajudar ao longo da pesquisa. Mesmo com as máquinas de microfilme danificadas, sempre me atenderam com todo carinho e respeito,



auxiliando no manuseio dos jornais antigos. Dona Ruth, Dona Patrícia e Seu Ranulfo, sem vocês este trabalho não seria concluído.

Agradeço às contribuições do professor Nilton Milanez e da professora Fátima Pessoa no Seminário Interno de Avaliação do PPGCom, e das professoras Maria Cristina Gobbi e Danila Cal durante a Qualificação. São todas pessoas que muito ajudaram no desenvolvimento das ideias da dissertação e muito importantes na minha formação.

Ao meu querido grupo de pesquisa: Leonardo, Érica, Ruth, Giulia e Gabriela, pessoas maravilhosas que dividem as lutas e conquistas de cada pesquisa alcançada, cada artigo publicado, cada ideia realizada. Que nosso futuro seja fortalecer o grupo e o projeto que tanto nos acolhem e apoiam.

Aos queridos amigos, Luana Alves, Henrique Petrovick, Nirvana Tolosa, Hans Costa, Suzana Magalhães, Tarcízio Macedo, Rebeca Lima, Victor Lopes, Luciana Hage pelos encontros, desencontros, conversas, acolhimento, momentos que, com certeza, foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado que possibilitou que eu trilhasse esse caminho de forma mais tranquila, com dedicação aos estudos e trabalhos.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Netília Silva dos Anjos Seixas. Ela sabe o quanto eu a admiro e me espelho no exemplo de pesquisadora e pessoa que me ensina a ser, seja na orientação, seja em um almoço informal. Que os anos que virão sejam para fortalecer essa parceria e amizade que nasceu na graduação, com a Iniciação Científica, e que segue para muitas outras fases da vida acadêmica.

Por fim, sou esse sujeito histórico que ecoa vozes que me antecedem, formado por vozes que me chegam das mais variadas partes. Sou um pouco de cada um que aqui pontuei. Sou, também, a memória de cada homossexual que lutou, luta e lutará para que sua voz não se cale. Que na memória social fique o grito por mais amor e mais respeito.

*Se não fossem as minhas malas cheias de memórias  
Ou aquela história que faz mais de um ano  
Não fossem os danos  
Não seria eu  
Se não fossem as minhas tias com todos os mimos  
Ou se eu menino fosse mais amado  
Se não desse errado  
Não seria eu  
Se o fato é que eu sou muito do seu desagrado  
Não quero ser chato  
Mas vou ser honesto  
Eu não sei o que você tem contra mim  
Você pode tentar por horas me deixar culpado  
Mas vai dar errado  
Já que foi o resto da vida inteira que me fez assim  
Se não fossem os ais  
E não fosse a dor  
E essa mania de lembrar de tudo feito um gravador  
Se não fosse Deus  
Bancando o escritor  
Se não fosse o Mickey e as terças-feiras  
E os ursos pandas e o andar de cima da  
Primeira casa em que eu morei e dava pra chegar  
no morro só pela varanda  
Se não fosse a fome, e essas crianças, e esse cachorro, e o Sancho Pança  
Se não fosse o Koni e o Capitão Gancho*

*(Clarice Falcão, Capitão Gancho, 2012)*

## RESUMO

O trabalho tem o objetivo de explorar os enunciados e as enunciações elaboradas pelos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* sobre os homossexuais em Belém, Pará, de 1901 a 2011 e, assim, perceber as memórias sobre esses sujeitos na cidade. O estudo é pertinente diante do momento atual, em que os mais variados sujeitos sociais buscam se autoafirmar como sujeitos de direitos. Devido ao longo período temporal, definimos na metodologia a coleta dos dados de dez em dez anos, nos meses de fevereiro e/ou março (Carnaval), agosto, setembro e/ou outubro (Festa da Chiquita Bacana e Paradas LGBTs de Belém), sempre observando sete edições da semana do mês dos eventos que, a partir do levantamento bibliográfico, mostraram-se com uma maior possibilidade de emergência a respeito de homossexuais. Para não deixar nenhuma década descoberta, nos anos sem ocorrência de textos sobre homossexuais, observamos o ano seguinte e, quando não havia, passamos ao próximo. Foram 18 anos observados, sete edições de cada evento, que somaram 147 edições. Desse total, coletamos 53 textos com menção explícita ou sugestiva sobre homossexuais, sendo 12 da *Folha do Norte* e 41 de *O Liberal*. Para auxiliar na contextualização da sociabilidade e história dos homossexuais em Belém, entrevistamos três homens gays com idades entre 50 e 70 anos, moradores de Belém desde 1960. Discutimos e apresentamos os dados a partir dos seguintes tópicos, que possibilitam a apresentação dos dados levantados e sua análise: a) De moços alegres a *travestis*; b) Homossexuais, gays e LGBT's; c) Ênfase na enunciação; d) Homossexualidade e religião; e) Histórias carnavalescas; e f) O filme *Giselle*. Os dados observados nos tópicos evidenciam que os enunciados do início do século XX até meados da década de 1930 sobre os homossexuais foram constituídos em torno dos sentidos do bestial e do selvagem. Os sentidos de festa, alegria, carnaval estiveram presentes de forma constante ao longo da pesquisa, evidenciando que as memórias sobre a temática estavam ligadas aos enunciados *moços alegres*, *veado* e/ou *travesti*. A *travesti* foi uma imagem recorrente, utilizada pelos jornais como símbolo da homossexualidade masculina. Uma mudança na forma de enunciar foi percebida no final do século XX e início do XXI, quando os termos *homossexual* e *LGBT* emergiram, movimentando os sentidos em direção a ações políticas dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Comunicação e cultura. Belém do Pará. *Folha do Norte*. *O Liberal*. História e memória.



## ABSTRACT

This study aims to explore the enunciations and enunciateds about homosexuals in Belém, Pará, published on *Folha do Norte* and *O Liberal* newspaper between 1901 and 2011, to understand the memories about these social subjects in the city. We believe that this research is relevant in view of the current moment in which many social subjects seek self-affirmation by the means of rights. Due to the long time span this study covers, we collected data jumping ten to ten years and paying attention to three main events: Carnival, Festa da Chiquita Bacana (a local party) and Belém LGBT Pride Parade. We chose these events based on a bibliographic survey that indicated they were more likely to present enunciations about homosexuals. Thus, we selected issues from February and/or March (Carnival), August and September and/or October (Festa da Chiquita Bacana and LGBT Pride Parade), observing seven issues during the week in which the events took place. When we did not find texts about homosexuals in a particular year, we observed the following year, so as not to let any decade uncovered. Overall, we observed 18 years and 147 issues. From this, we collected 53 texts, 12 from *Folha do Norte* and 41 from *O Liberal*, which addressed homosexuals explicitly or implicitly. We also interviewed three male homosexuals between 50 and 70 years old, who live in Belém since 1960, to help us contextualize the sociability and history of homosexuals in Belém. We discussed and presented the data exploring six categories: a) from “moços alegres” (cheerful young man) to transvestites; b) Homosexuals, gays and LGBTs; c) Emphasis on the enunciation; d) Homosexuality and religion; e) Carnival stories; and, f) The movie *Giselle*. The data indicates that enunciateds about homosexuals from early 20th century to mid-1930s were built around the idea of wilderness and bestiality. Meanings related to party, happiness and carnival crossed the time span covered by the research, which is an evidence that the memories about homosexuals were linked to enunciateds of moços alegres, veado and/or the transvestites. The transvestites were a recurrent image, used by the newspapers as a symbol of male homosexuality. A shift in enunciation was observed in the late 20th century and early of 21st century, when the terms homosexual and LGBT emerged, moving the meanings toward the political actions of the subjects.

**Keywords:** Communication and culture. Belém of Pará. *Folha do Norte*. *O Liberal*. History and memory.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - O Paraense, 22 maio 1822, p. 1. ....	82
<b>Figura 2</b> - <i>A Semana Ilustrada</i> , 1 ago. 1887, p. 4.....	86
<b>Figura 3</b> - Folha do Norte, 5 de jan. 1901, p.1. ....	89
<b>Figura 4</b> - O Liberal, 15 de nov. 1946, p. 1. ....	93
<b>Figura 5</b> - Folha do Norte, 21 fev. 1971, p. 9. ....	103
<b>Figura 6</b> - O Liberal, 29 out. 2002, p. 10.....	104
<b>Figura 7</b> - <i>O Liberal</i> , 10 jan. 1991, p. 5.....	105
<b>Figura 8</b> - O Liberal, 26 set. 2011, p. 9, Cidades.....	110
<b>Figura 9</b> - Folha do Norte, 14 fev. 1931, p. 5. ....	113
<b>Figura 10</b> – O Liberal, 5 mar. 2011, p. 12, Atualidades. ....	113
<b>Figura 11</b> - O Liberal, 28 fev. 2001, p.8. ....	115
<b>Figura 12</b> - O Liberal, 7 mar. 2011, p. 4, Atualidades.....	116
<b>Figura 13</b> - O Liberal, 08 out. 2011, p. 1, Magazine. ....	118
<b>Figura 14</b> - Folha do Norte, 6 fev. 1921, p. 4. ....	120
<b>Figura 15</b> - O Liberal, 3 mar. 1981, p. 10.....	122

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Dados coletados dos jornais <i>Folha do Norte</i> e <i>O Liberal</i> .....	17
<b>Tabela 2</b> - Textos encontrados nos jornais nos eventos escolhidos.....	19
<b>Tabela 3</b> - Textos coletados da <i>Folha do Norte</i> de 1901 a 1971.....	97
<b>Tabela 4</b> - Textos coletados de <i>O Liberal</i> de 1951 a 2011. ....	98



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1 – PANORAMA DOS ENUNCIADOS E ENUNCIÇÕES SOBRE OS HOMOSSEXUAIS NO SÉCULO XX.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1</b>	<b>Herança do século XIX.....</b>	<b>22</b>
2.1.1	A enunciação sobre o homossexual pela ciência do século XX.....	26
2.1.2	O homossexual como produto do meio.....	28
<b>2.2</b>	<b>As mudanças sociais e a cura/castigo do corpo homossexual.....</b>	<b>35</b>
2.2.1	“Homem verdadeiro” versus “bicha efeminada”.....	38
2.2.2	Loucos, desviados e anormais: cura ou castigo?.....	40
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2 - MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS DO SER E ESTAR SOCIAL DO HOMEM HOMO.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1</b>	<b>Amigos, festas particulares e autoafirmação.....</b>	<b>48</b>
<b>3.2</b>	<b>De turma de amigos para grupo político organizado: a imprensa gay.....</b>	<b>51</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3 - A ENUNCIÇÃO COMO UMA PONTE POSSÍVEL ENTRE MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO.....</b>	<b>63</b>
<b>4.1</b>	<b>Memória e comunicação: caminhos teóricos.....</b>	<b>63</b>
<b>4.2</b>	<b>Processos comunicacionais do passado: rastros da memória.....</b>	<b>70</b>
<b>4.3</b>	<b>Jornalismo e enunciação.....</b>	<b>74</b>
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4 - PRODUÇÃO ENUNCIATIVA DA FOLHA DO NORTE E DE O LIBERAL SOBRE OS HOMENS HOMOSSEXUAIS EM BELÉM.....</b>	<b>81</b>
<b>5.1</b>	<b>O caminho até Belém: 14 anos nos separam da primeira imprensa do Brasil.....</b>	<b>81</b>
5.1.1	<i>Folha do Norte</i> nas ruas de Belém.....	88
5.1.2	<i>O Liberal</i> : da política partidária ao grupo de comunicação do Pará.....	92
<b>5.2</b>	<b>Enunciado e enunciação: o caminho percorrido.....</b>	<b>96</b>
5.2.1	Rapazes alegres e <i>travestis</i> : um pilar enunciativo.....	100
5.2.2	Homossexuais, gays e LGBTs: embate político e mais do mesmo.....	106
5.2.3	Ênfase na enunciação: invisibilidade no enunciado.....	111
5.2.4	Cristãos e homossexuais: um embate enunciativo.....	114
5.2.5	Histórias de carnaval: Diabolina, misteriosa e sensual.....	119
5.2.6	Giselle: um filme, um anúncio, várias memórias.....	121
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>125</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....</b>	<b>140</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A música que apresentamos na epígrafe deste trabalho fala muito sobre o que pensamos a respeito de memória. Ao observamos a letra de Clarice Falcão, percebemos que nós mesmos somos uma construção de vozes que nos antecedem e nos constroem no presente. Além disso, nossa própria experiência interage com essas vozes e elabora nossa própria voz, marcada em um tempo e um espaço. Michel Foucault, ao proferir seu discurso na aula inaugural no Collège de France, em 2 de dezembro de 1970, inicia colocando-se como uma lacuna, um ponto por onde outras vozes pudessem emergir.

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, sem seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (FOUCAULT, 2007, p. 5-6).

A fala de Foucault (2007) ajuda a estabelecer uma forma de entender os sujeitos. Diversos, cada um com sua nuance: homem, mulher, branco, negro, índio, solteiro, casado, heterossexual, homossexual, bissexual, alfabetizado ou não, entre outras possibilidades. Estão marcados, em certa medida, por essas construções de memórias que estão espalhadas e que podem emergir, de acordo com as condições históricas.

É perceptível a atual situação da disputa pelo enunciar dos sujeitos, pois “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2007, p. 9). É momento de pensar e dialogar com os sujeitos que historicamente foram agredidos e marginalizados e que hoje querem poder escolher a forma como são nomeados e identificados na vida social. Apesar disso, essa marginalização histórica é uma construção que antecede os sujeitos do presente, pois ela se constitui por diversas nuances, estando ainda em circulação por meio dos discursos e da memória coletiva. Essas memórias se materializam no enunciado, nas constituições enunciativas, na comunicação do cotidiano.

A partir do contexto social atual, elaboramos a ideia deste trabalho, que trata dos enunciados/enunciações e das memórias que emergem a respeito dos homossexuais nos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* na cidade de Belém ao longo do século XX e início do XXI, que teve também forte influência de três movimentos. O primeiro corresponde ao período de

atuação no projeto de pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará<sup>1</sup>, coordenado pela professora doutora Netília Silva dos Anjos Seixas, orientadora desta dissertação<sup>2</sup>, que sempre incentivou a pesquisa pelo percurso de vários sujeitos na imprensa, como as mulheres, os jornalistas, etc. A relevância sempre esteve no fato de muito se saber sobre como esses sujeitos aparecem nas mídias atuais, mas pouco se tentar entender o percurso histórico da visibilidade (ou não) desses indivíduos por meios das enunciações e das memórias que vão sendo construídas e alimentadas nas mídias ao longo do tempo. O segundo movimento se deu em agosto de 2013, com discussões promovidas no II Encontro de Análise de Discurso na Amazônia (DCIMA), evento no qual pudemos participar e acompanhar a apresentação do trabalho *Telenovela e sexualidade: o discurso sobre a homossexualidade em Insensato Coração (2011)* (DISIDÉRIO, 2013). O terceiro e decisivo movimento foi a conversa com um grande amigo, Anastácio Campos, que nos apresentou o livro *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de James N. Green (2000).

Para darmos início ao estudo, definimos os homens homossexuais como sujeitos a serem pesquisados, uma vez que boa parte das memórias cristalizadas, sobretudo, em estudos médicos, debates públicos e religiosos sempre colocaram em evidência a homossexualidade masculina – muito mais do que a feminina – como sinal de anormalidade, inversão, imoralidade e mesmo patologia (GREEN, 2000; NAPHY, 2006; TREVISAN, 2000). Dessa forma, utilizamos a ferramenta de busca de palavras da Hemeroteca Digital da Biblioteca Pública Nacional para buscar pelos principais termos usados para nomear os homossexuais no final do século XIX e ao longo do XX nos jornais do Pará, dentre os quais encontramos: pederasta(s), com 27 ocorrências; rapaz(es) alegre(s), com 50 ocorrências; e, gay(s), com 1.115 ocorrências. *Pederasta* foi um termo mais do século XIX, com poucas ocorrências no século XX. Essas ocorrências estavam presentes nos periódicos da cidade de Belém, com apenas uma ocorrência da cidade de Cametá, interior do estado. O material disponível no acervo da Hemeroteca tem

---

<sup>1</sup> O projeto foi coordenado pela professora doutora Netília Silva dos Anjos Seixas (2012a) e realizado na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação, Comunicação e Amazônia (UFPA) entre 2012 e 2015, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tinha como objetivo central contribuir para o conhecimento da trajetória da mídia impressa no Pará, em especial dentro do campo da Comunicação. Esses estudos somam-se aos que já tinham sido realizados pela mesma professora desde 2009, quando aprovou o primeiro projeto com a mesma temática (*Jornais Paraóaras: o percurso da mídia impressa em Belém*). Tive o prazer de ingressar na equipe a partir de 2012, como bolsista PIBIC UFPA-Ações Afirmativas, quando houve o primeiro contato com a pesquisa científica.

<sup>2</sup> Nosso trabalho faz parte do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet, apoiado pelo Edital Universal 001/2016 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ligado ao grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (CNPq), ambos coordenados pela professora Netília Silva dos Anjos Seixas e desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e na Faculdade de Comunicação da UFPA.

muitas faltas, por isso, boa parte das ocorrências foi na década de 1990, não possibilitando uma pesquisa mais sistematizada.

Essas ocorrências nos deram indícios de que o assunto em questão aparecia na imprensa de Belém e de que os enunciados sobre os sujeitos homossexuais foram se alterando ao longo dos anos. Essa pesquisa exploratória permitiu percebermos a alteração das enunciações sobre a temática nos jornais do Pará ao longo do século XX e, assim, formularmos uma questão de partida: quais são as memórias tecidas em enunciados/enunciações dos jornais *Folha do Norte e O Liberal* sobre os homens homossexuais na cidade de Belém durante o século XX e XXI?

Para responder a essa pergunta, o objetivo foi explorar os enunciados e as enunciações elaboradas pelos jornais sobre os sujeitos homossexuais na cidade de Belém, com a finalidade de perceber as memórias cristalizadas e/ou reelaboradas que entram em circulação e podem emergir em outros momentos históricos. Ainda mais especificamente, buscamos perceber como esses sujeitos foram nomeados e descritos nos enunciados dos jornais *Folha do Norte e O Liberal*.

Começar a pesquisa pelo século em questão se justifica pelo levantamento bibliográfico e documental prévio para a delimitação do tema. De acordo com Marialva Barbosa (2007; 2010), a imprensa no Brasil teve dois momentos principais: o primeiro seria o do século XIX, quando ela estaria mais voltada para as questões de direito e de denúncias políticas, uma verdadeira arena de debates; e, no segundo momento, já no século XX, quando essa imprensa se voltou mais para os assuntos do cotidiano, mostrando a vida das ruas das grandes cidades (BARBOSA, M., 2007, 2010).

O interesse neste estudo não é fazer a história dos homossexuais, mas observar a(s) memória(s) suscitadas sobre esses sujeitos pelos enunciados/enunciações dos jornais selecionados, tendo em vista a imprensa como registro do cotidiano. Nossa pesquisa visa a tratar dessa temática a partir de uma proposta exploratória, pois, como explicam Orozco e González:

Há investigações que se realizam para conhecer de maneira geral algo sobre o que não foi investigado ainda, ou saber os poucos dados que existem, tentando apontar uma primeira perspectiva e uma primeira versão do “mapa” do fenômeno, o qual ajuda a gerar, então, hipóteses mais complexas. A esse tipo de investigação chamaremos “descritiva” ou exploratória”, tanto que sua função fundamental é descrever como é o fenômeno e ao mesmo tempo a descrição se fundamentará em uma perspectiva exploratória (OROZCO; GONZÁLEZ, 2011, p. 37, tradução nossa)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Hay investigaciones que se realizan para conocer de manera general algo sobre lo que no se ha investigado aún, o saber lo que existen muy pocos datos, intentando aportar una primera mirada y una primera versión del “mapa” del fenómeno, la cual ayuda a generar, entonces, hipótesis más complejas. A este tipo de investigación le

Como base para o desenvolvimento do estudo, usamos as pesquisas bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica remete a contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, “a pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUIDANI, 2009, p. 4-5).

De acordo com Le Goff (2013), a memória coletiva, quando analisada pela ciência, pode ser entendida como história, ou seja, a história é a forma científica da memória. A memória e a história podem ser observadas em dois tipos de materialidades básicas: os documentos e os monumentos.

A Escola dos Annales<sup>4</sup> insistiu sobre a necessidade de ampliar a noção de documento, vendo outras materialidades que pudessem exprimir, em certa medida, os vestígios dos homens, qualquer objeto que mostre ou expresse o homem de alguma forma, inaugurando assim a ideia de documento/monumento. Essa posição da Escola atentou que os documentos (a escrita) também tinham intenções, pois “não existe um documento objetivo, inócuo, primário”, ele também “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2013, p. 494-495). Por isso, o papel do analista é sempre questionar os documentos/monumentos (FOUCAULT, 2008).

No caso do nosso estudo, estamos entendendo o jornal como um documento/monumento composto por diversas vozes (jornalistas em suas várias funções na empresa, proprietários, fontes, etc.) que ecoam com marcas temporalmente constituídas (umas mais à frente, outras mais atrás) (SEIXAS, informação verbal)<sup>5</sup>. Vozes que nos chegam pelos jornais e permitem observarmos as constituições de memórias sociais. Segundo Moreira (2005, p. 274), “a análise crítica do material encontrado constitui importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos”. Um estudo documental carece de uma “apuração paralela e simultânea de informações que complementem os dados coletados” (MOREIRA,

---

llamaremos “descriptiva” o “exploratoria”, en tanto que su función fundamental es describir cómo es un fenómeno y en tanto que esta descripción se basará en una mirada exploratoria (OROZCO; GONZÁLEZ, 2011, p. 37).

<sup>4</sup> A Escola dos *Annales* surgiu em 15 de janeiro de 1929 com a edição da primeira revista *Annales d'histoire économique et sociale*, editada por Lucien Febvre e Marc Bloch. A revista surgiu com a proposta de ser uma liderança no campo da história social e econômica, um porta-voz dos apelos dos editores por uma nova história, uma história interdisciplinar. Além dos principais editores, o comitê da revista congregava antigos e modernos historiadores, “um geógrafo (Albert Demangeon), um sociólogo (Maurice Halbwachs), um economista (Charles Rist), um cientista político (André Siegfried, um antigo discípulo de Vidal de la Blache)” (BURKE, 1991, p. 38 ).

<sup>5</sup> Orientações com a Professora Doutora Netília Silva dos Anjos Seixas, 15 de maio de 2018, Belém, Pará.

2005, p. 275). Diante do grande percurso a que nos propusemos, a história é peça fundamental para nos ajudar a entender parte do contexto das épocas que estamos observando, uma vez que enunciados/enunciações se constituem em materializações de tentativas de processos comunicacionais entre sujeitos enunciadorees na imprensa e seu público (SEIXAS, informação verbal)<sup>6</sup>.

O primeiro passo para a pesquisa foi obter a bibliografia. Assim, fizemos busca pelas palavras-chave “Gay”, “LGBT”, “Homossexual”, “Homossexualidade”, “Homossexual Imprensa” no Catálogo de Teses e Dissertações e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Houve busca também nos Programas de Pós-Graduação consolidados e bem avaliados, como os das universidades federais do Pará, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, em Comunicação, História, Antropologia, Artes e Letras.

Foram encontradas quatro teses (MAYA, 2008; BUTTURI JÚNIOR, 2012; DARDE, 2012; BILATE 2017) e 10 dissertações (REIS, 2004; PEDRO, 2006; SOARES, 2009; SOLIVA, 2012; SOUTO JÚNIOR, 2015; SILVA, 2016; ALENCAR, 2017; CORDÃO, 2017; VIANA, 2017). A busca possibilitou, por meio das referências finais dos trabalhos aqui expostos, encontrar autores-base no debate sobre a temática homossexual, enunciação e imprensa, dialogando diretamente com o nosso trabalho. Os artigos em periódicos qualificados foram utilizados ao longo do texto.

As referências encontradas cumprem duas funções fundamentais e pertinentes para nosso trabalho. A primeira – e comum a toda pesquisa acadêmica – é o levantamento de bibliografia que permite ver o que se tem produzido sobre o tema escolhido (STUMPF, 2005). A segunda é contextualizar enunciados sobre a homossexualidade, uma vez que, ao longo dos séculos XX e XXI, as formas de denominar os homens homossexuais foram se alterando.

Tendo exposto o aparato teórico-metodológico, nosso *corpus* de pesquisa é constituído por dois jornais diários de destacada relevância para a história da imprensa no Pará: *Folha do Norte* (1896-1974), jornal diário, com período de duração de 78 anos, cobrindo boa parte do século XX; e *O Liberal*, que surgiu no ano de 1946 e se estende até os dias atuais.

Sistematizamos a nossa pesquisa a partir das coleções desses jornais disponíveis no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém. Devido ao grande número de edições e anos, optamos por fazer coletas de dez em dez anos em semanas de meses com eventos em que percebemos haver a presença de enunciados a respeito de homossexuais (Carnaval, Festa

---

<sup>6</sup> Orientação com a Professora Doutora Netília Silva dos Anjos Seixas, em Belém, 13 de maio de 2018.

da Chiquita e Paradas LGBTs<sup>7</sup>), a partir de 1901 (1901, 1911, 1921 e assim por diante). A coleção da *Folha do Norte* tem todas as edições microfilmadas entre 1901 e 1971 e *O Liberal* apresenta falhas de 1946 a 1949, mas tem todas as edições completas entre 1951 e 2011. Esses dados nos possibilitam afirmar que os jornais nos ajudam a percorrer o século sem lacunas nos períodos delimitados. Optamos em adicionar o critério de observar até três anos após o ano selecionado quando neste não houvesse ocorrência de textos sobre os homossexuais.

A pesquisa se concentrou no setor de microfilmagens da Biblioteca Pública Arthur Vianna, que contém a coleção completa dos periódicos selecionados. No período da coleta de dados, as máquinas de microfimes estavam com defeito, o que dificultou o processo da pesquisa. No entanto, contamos com o total apoio da instituição, que nos permitiu manusear os jornais impressos, mesmo os mais antigos. Dessa forma, podemos coletar os seguintes dados:

**Tabela 1** - Dados coletados dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*

Jornal	Períodos observados de dez em dez anos	Anos dos acréscimos	Número de edições	Número de textos
<b>Folha do Norte</b>	1901-1971	1952	35 edições	12 textos
<b>O Liberal</b>	1951-2011	1962, 1963, 1992, 1993	112 edições	41 textos
<b>Total</b>			147 edições	53 textos

Fonte: Dados da pesquisa, com base no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O Carnaval foi escolhido a partir do levantamento bibliográfico realizado nos primeiros passos da pesquisa. Os estudos de James Green (2000) evidenciam a festa carnavalesca como um dos momentos mais propícios ao aparecimento de homossexuais nas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo. Seria o mesmo em Belém? Para Mikhail Bakhtin (1993), o carnaval seria frequentemente considerado um rito de inversão, no qual se brinca com as normas e com as estruturas. Segundo Gontijo, a festa possibilita aos homossexuais um “momento de reivindicação da aceitação de suas *diferenças relativas*, portanto, momento de reivindicação de sua cidadania plena como homens participantes da vida da *polis*, e não mais simplesmente como portadores da etiqueta (*label*) ‘homossexual’” (GONTIJO, 2009, p. 39, grifos do autor).

A festa possibilita esse lugar de exceção da ordem e da sexualidade, uma inversão do espaço, já que o centro da cidade, local de trabalho, torna-se lugar de diversão; do tempo, pois

<sup>7</sup> Há outras siglas que denominam o movimento Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual (LGBT), como os LGBTI (Intersexual), LGBTQ (*Queer*), entre outros. Optamos por LGBT por ser a mais usada por ONGs e instituições que promovem a luta pelos direitos homossexuais no Brasil.



se dorme durante o dia para viver durante a noite; do sexo, já que há a feminilização dos sujeitos, com homens se vestindo de mulheres e mulheres se tornando mais mulheres, ou seja, com o gênero feminino estando em maior destaque (GONTIJO, 2009). O Carnaval, então, será o evento que acompanharemos desde 1901 até 2011, na *Folha do Norte*, entre os anos de 1901 até 1971, e em *O Liberal*, de 1951 até 2011.

Observamos também um movimento particular de Belém, a Festa da Chiquita Bacana. Nos anos de 1975 e 1976, os primeiros do evento, a Festa acontecia no período do Carnaval. Somente no ano de 1978 passou para o mês de outubro, período da procissão do Círio de Nazaré (SILVA FILHO, 2012). A Festa da Chiquita é um evento que nasceu dentro do Carnaval da cidade, herdando, em certa medida, todo o aparato de exceção que as festas carnavalescas possuem. Com a mudança para outubro, a Chiquita levou a inversão do Carnaval para dentro da quadra nazarena, assim, o considerado profano chegou ao centro da maior festa religiosa da cidade. A ação foi criticada pelos jornais conservadores da cidade de Belém. No entanto, tais críticas, que poderiam ter sido um motivo para enfraquecer o movimento, tornaram-se ensejo de lutas e protestos a favor da realização da Festa, pautada em prol dos direitos dos homossexuais.

Dessa forma, para nossa pesquisa, obedecendo às delimitações temporais propostas, observamos as notícias publicadas a respeito da Festa da Chiquita a partir de 1981, pois nesse ano a Chiquita já era uma festa realizada na quadra nazarena. Como a *Folha do Norte* já havia saído de circulação, ficamos apenas com o jornal *O Liberal*, sempre no mês de outubro (1981, 1991, 2001 e 2011).

A terceira manifestação selecionada foi a Parada do Orgulho LGBT de Belém, que acontece desde 2002. O evento pauta de forma diferente os homossexuais, pois há uma movimentação política do grupo LGBT, que consegue pautar os meios de comunicação de forma diferente, trazendo à tona assuntos mais voltados para os direitos e contra discriminação aos homossexuais.

Para Facchini e França (2009), é graças aos primeiros grupos organizados que os sujeitos homossexuais passam a se ver e entender como comunidade LGBT, ou seja, é por meio dos movimentos sociais, que se organizam em volta das Paradas, que a lógica de comunidade se instalou, abandonando-se em parte a questão individual homossexual em prol de um coletivo LGBT. É algo que nos leva a entender melhor a importância das Paradas e do movimento organizado em relação a todo o contexto de lutas e políticas afirmativas que conseqüentemente também pautam os jornais impressos.

**Tabela 2** - Textos encontrados nos jornais nos eventos escolhidos

Ano	Jornal	Eventos observados	Número de textos encontrados
1901	<i>Folha do Norte</i>	Carnaval	01
1911	<i>Folha do Norte</i>	Carnaval	01
1921	<i>Folha do Norte</i>	Carnaval	02
1931	<i>Folha do Norte</i>	Carnaval	03
1941	<i>Folha do Norte</i>	Carnaval	02
	<i>Folha do Norte</i>		01
1951	<i>O Liberal</i>	Carnaval	-
1952	<i>Folha do Norte</i>	Carnaval	01
	<i>Folha do Norte</i>		01
1961	<i>O Liberal</i>	Carnaval	01
	<i>Folha do Norte</i>		01
1971	<i>O Liberal</i>	Carnaval	01
	<i>O Liberal</i>	Carnaval	01
1981	<i>O Liberal</i>	Carnaval	01
		Festa da Chiquita	-
1982	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	-
1983	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	-
		Carnaval	06
1991	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	-
1992	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	-
1993	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	-
		Carnaval	04
2001	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	-
		Parada LGBT	03
2002	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	01
		Carnaval	11
2011	<i>O Liberal</i>	Festa da Chiquita	05
		Parada LGBT	07

Fonte: Dados da pesquisa, com base no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Em Belém, houve 17 edições da Parada até 2018. Ela variou quanto aos meses de realização: de 2002 a 2005, foi realizada em junho; em 2006 e 2007, em agosto; de 2008 a 2014, em setembro; e de 2015 a 2017, em outubro (GADELHA, 2018). Dentro da proposta de coleta de dados de dez em dez anos, observamos o jornal *O Liberal* por sete dias, o mais próximo de sua ocorrência, sendo incluídos no *corpus*, então, os meses de junho de 2002 e setembro de 2011 para a coleta de dados a respeito da Parada LGBT.

Os três eventos escolhidos têm um elemento que os liga, a carnavalização. Eles são espaços em que a ordem se inverte de várias formas. Bakhtin (1993), ao estudar a cultura

popular na idade média por meio da literatura de François Rabelais, aponta que as festas carnavalescas apresentavam elementos muito particulares de inversão dos costumes e dogmas. O carnaval tem em sua constituição memórias das festas pagãs agrícolas e subvertia toda a lógica imposta pela Igreja e Estado. Durante as festas de Carnaval daquele tempo, só se podia “viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade” (BAKHTIN, 1993, p. 6). Todas as barreiras sociais caíam momentaneamente, as hierarquias eram suspensas, em uma espécie de “fuga provisória dos moldes da vida ordinária” (BAKHTIN, 1993, p. 6).

Os carnavais de Belém, a festa da Chiquita e a Parada do Orgulho LGBT carregam essa espécie de gene de liberdade e subversão. Ou seja, por mais que cada uma tenha sua particularidade, da diversão à luta política (unas menos, outras mais), elas são espaços nos quais, por um curto período de tempo, o homossexual, assim como qualquer outra pessoa, pode se sentir “um ser humano entre seus semelhantes” (BAKHTIN, 1993, p. 9), uma proposta que vem do ato carnavalesco observado por Bakhtin (1993) e que podemos estender aos homossexuais de Belém.

Durante o percurso da pesquisa, percebemos uma escassez de bibliografia a respeito da história dos homossexuais em Belém, o que dificultou a contextualização de nossos dados no plano local. Optamos, então, por realizar entrevistas abertas (LAVILLE; DIONNE, 1999), pois esse tipo de procedimento metodológico poderia contribuir com informações mais aprofundadas e contextuais, permitindo entender melhor a história dos homossexuais em Belém. Para o trabalho, a entrevista aberta possibilitou esclarecer questões sobre como esses homossexuais eram tratados, quais os lugares de encontro e como eram nomeados. Selecionamos três entrevistados, homens homossexuais entre 50 e 70 anos que viveram/vivem em Belém desde os anos de 1960 ou 1970. Não entraremos em mais detalhes, pois as entrevistas nos foram cedidas a partir da assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) em que nos comprometemos em manter os nomes e relatos mais particulares<sup>8</sup> dos entrevistados sob sigilo, em especial por alguns serem pessoas públicas. Não anexaremos as entrevistas ao trabalho, pois elas contêm dados pessoais que, acreditamos, poderiam identificar os entrevistados.

O trabalho, então, está dividido em introdução, quatro capítulos, considerações finais e referências. No primeiro capítulo, apresentamos um panorama da história da homossexualidade no Brasil durante o século XX, sem perder de vista alguns enunciados que antecederam o

---

<sup>8</sup> Os relatos, na íntegra, apresentam memórias e histórias pessoais muito profundas e de vida social como nome dos pais e pessoas com quem se relacionaram, nome dos locais que moraram (endereço completo) e empresas que atuaram. Relatos mais particulares que podem identificar os entrevistados.

período e que circulavam na sociedade. Tal dinâmica se justifica para podermos contextualizar os enunciados e enunciações a partir da conjuntura social.

No segundo capítulo, discutiremos as mudanças que ocorreram no meio social ao longo do século XX e a criação de pequenas comunidades gays nos apartamentos para festejar e interagir. A ação possibilitou o nascimento da imprensa gay no Rio de Janeiro e São Paulo. Também dessas pequenas comunidades articularam-se movimentos políticos em prol dos direitos dos homossexuais.

No terceiro capítulo, articulamos as discussões sobre comunicação, enunciado/enunicação e memória. Buscamos mostrar nosso entendimento em relação à enunicação como um ato de comunicação, dentro do processo de elaboração e reelaboração de memórias.

No quarto capítulo, apresentamos uma breve história da imprensa no Pará, destacando a dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*. Em seguida, apresentamos o material coletado durante a pesquisa e os tópicos que possibilitam a apresentação dos dados levantados e sua análise que foram formulados a partir da observação. Nos tópicos, apresentamos parte das memórias que emergem nos enunciados e enunciações dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* ao longo do século XX e início do XXI. A partir deles entendemos como os homens homossexuais foram nomeados e descritos por esses jornais, alimentando a memória coletiva social.

Em seguida, apresentamos as considerações finais em relação ao nosso trabalho, com breve síntese dos pontos principais da pesquisa e os possíveis desdobramentos que observamos. Por fim, as referências bibliográficas que compõem este trabalho e o apêndice com o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos entrevistados.

## 2      **CAPÍTULO 1 – PANORAMA DOS ENUNCIADOS E ENUNCIÇÕES SOBRE OS HOMOSSEXUAIS NO SÉCULO XX**

Neste capítulo apresentamos um panorama da história da homossexualidade no Brasil, destacando alguns dos enunciados e enunciações que foram se alterando ao longo do século. Passamos por perspectivas médicas, jurídicas e criminológicas do século XIX, que influenciaram as ideias sobre a homossexualidade do início do século XX. Esses estudos mudaram o *status* da homossexualidade de pecado para doença e promoveram “métodos de tratamento” [aspas nossas] ora para a correção - pois a visão era de um desvio moral -, ora como forma de “cura” [aspas nossas]- pois o entendimento era de uma doença mental ou hormonal (GREEN, 2000; FRY, 1982). Por fim, passamos para a segunda metade do século XX, que possibilitou uma abertura política para os homossexuais lutarem por mais igualdade e menos preconceito na sociedade brasileira por meio de ações como a Parada do Orgulho LGBT.

Boa parte do capítulo foi baseada no trabalho de James Green (2000), uma vez que no levantamento bibliográfico o autor foi o que de melhor forma nos possibilitou a entrada na história desses homens homossexuais, principalmente nos estudos médico-científicos desenvolvidos no século XIX e XX. Por meio do trabalho do autor podemos perceber, de forma aprofundada, os enunciados e as enunciações circulantes no período. Além disso, Green (2000) nos permite uma imersão mais contextual na temporalidade dos enunciados.

### 2.1      **Herança do século XIX**

Uma das perguntas do senso comum que, de certa forma, também se tornou uma pergunta científica para os séculos XIX e XX foi: o que é a homossexualidade? No entanto, essa pergunta cai numa questão quase infinita. Seria semelhante a perguntar o que é ser mulher, ser homem, ser negro, entre outras indagações. Poderíamos cair numa resposta simplista de que ser homossexual é ser uma pessoa que se relaciona com alguém do mesmo sexo. Porém, como afirma Peter Fry (1982), ser homossexual variou com a temporalidade e a cultura de cada povo. Sendo que essa discussão é bem mais profunda e já acompanha a sociedade há bastante tempo.

Podemos citar a Grécia antiga, onde, segundo Foucault (1984), o amor entre rapazes marcava a separação do rapaz – jovem – e do homem – adulto. Não era uma relação estritamente marcada pelo ato sexual. A relação do homem grego não se dava em torno da oposição de gêneros, dos papéis de homem e mulher, pois o amor se direcionava ao que era belo, seja esse belo vindo de um rapaz ou de uma mulher (FOUCAULT, 1984).

Segundo Foucault (1984), a relação entre o homem e a mulher mostrava uma hierarquização bem demarcada, já que era o homem quem comandava todos os bens, os costumes e a ele a mulher deveria obedecer. No caso da relação entre um homem com outro, havia uma certa liberdade, igualdade de opiniões e deveres (FOUCAULT, 1984). No entanto, essa relação devia obedecer à certa moral: o jovem não podia facilmente se deixar conquistar, existindo um jogo mais intenso de resistência. O homem mais velho tinha o dever de ensinar, aconselhar, de conduzir o mais novo no caminho da maturidade. O amor entre esses homens tinha uma datação em alguns casos, nos quais o rapaz, adolescente, devia se desvencilhar do homem em seu primeiro corte de barba, no que mostrava que agora ele já não era mais um adolescente, mas um homem (FOUCAULT, 1984).

Esse recorte da Grécia nos mostra que a sexualidade homo foi entendida pelos gregos como uma forma de ensinamento entre homens de idades diferentes. Para os judeus, o entendimento era outro. A relação homossexual era algo agressivo e não consentido. No trecho bíblico que precede a destruição das cidades de Sodoma (Gênesis 19), dois anjos enviados por Deus tinham a missão de visitar a cidade; chegando ao local, Ló os avista e os convida para passarem a noite em sua casa. Ao cair da noite, os homens da cidade cercam a casa de Ló e exigem que os dois anjos em forma de homens saiam da casa com a finalidade de “conhecê-los” [aspas nossas]. Ló nega e oferece no lugar as duas filhas virgens, o que evidencia que o ato enunciado pelo verbo “conhecer” possibilita efeitos de sentidos de teor sexual. Com ira do ocorrido, os anjos cegam os homens que tentavam invadir a casa e afirmam que irão destruir a cidade. No Antigo Testamento, há outros episódios (Levítico, 18:22 - 20:13; Juízes 19: 22-23) e ensinamentos que colocam a relação entre dois homens como algo abominável e agressivo.

Quando chegamos ao Novo Testamento, o que marca o cristianismo, temos Paulo recriminando as sexualidades romanas, falando sobre o sexo entre dois homens e o sexo entre duas mulheres, o que o apóstolo chamou de “relações vergonhosas” (Romanos 1: 26). No trecho, podemos perceber que a sexualidade entre os romanos já não era algo só sexual. Paulo diz que os homens abandonaram as mulheres para viver uns com os outros e que tal relação era torpe, ou seja, indigna, infame. É essa visão que marcará a sociedade ocidental cristã a respeito da homossexualidade.

No Brasil colônia, herdeiro da tradição cristã, os homossexuais eram caçados pela Santa Inquisição, não pelo ato homo, mas pela sodomia, lembrando o acontecido em Sodoma<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> De acordo com William Naphy (2006), o termo surge como uma referência à história bíblica da destruição de Sodoma e Gomorra, cidades que foram destruídas por Deus por causa dos inúmeros pecados. Em Figueiredo, C. (1913, p. 1905), a palavra sodomia significa “acto sensual contra a natureza”.

(TREVISAN, 2000). Segundo Trevisan (2000, p. 110) “a sodomia era considerada como um pecado gravíssimo, que não prescrevia, continuando digno de punição por muito tempo”, pois “se tratava de um desvio ditado diretamente pelo demônio”.

De acordo com os estudos promovidos por Fry (1982), os atos homo eram considerados pecados hediondos e capazes de provocar a ira de Deus, sendo abominados até mesmo pelo diabo, com a punição sendo a fogueira. Por muito tempo, esse domínio foi tratado somente pela Igreja Católica, que era acusadora e juíza de “crimes” [aspas nossas] contra a moral e os bons costumes.

No século XIX, a ciência desponta nesse momento como uma construtora de saber para obtenção de poder, ditando regras e condutas (FOUCAULT, 2014). Questões sobre homossexualidade passam a ser competência da medicina. É nesse período que a prática de sexo entre homens, no Brasil, muda de “pecado”, “sem-vergonhice” ou “crime” para “doença” (FRY, 1982, p. 61). Segundo Green (2000), no país, os médicos da época tinham a proposta de observar e registrar “o que eles consideravam um problema social, oferecer soluções para melhorar a saúde pública da capital imperial (e depois republicana) e criar um papel ascendente dos profissionais médicos na manutenção da ordem e da saúde pública” (GREEN, 2000, p. 78).

Nesse processo de nomear o que os médicos consideravam um problema social, alguns estudos se voltaram para o que se chamou de “sexualidade desviante” (TREVISAN, 2000, p. 178). A partir de uma classificação “rigorosamente científica” surgiu a categoria *homossexual*, termo que data de 1869, na Alemanha, cunhado pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny (TREVISAN, 2000, p. 178). Da expressão *homossexual* derivou a palavra homossexualismo (TREVISAN, 2000).

Dentro dessa categorização dos comportamentos sexuais, no Rio de Janeiro, Ferraz de Macedo<sup>10</sup>, no final do século XIX, buscou documentar as práticas da prostituição na cidade para estabelecer ações de saúde pública com a finalidade de frear o avanço da sífilis na capital do Império (GREEN, 2000). O estudo se concentrou basicamente nos pontos de prostituição, pois se acreditava que as prostitutas eram as grandes responsáveis pela propagação da doença, mas acabou por categorizar e incluir os homossexuais que se prostituíam ou homens que tinham comportamentos homoeróticos nessas áreas como uma prostituição clandestina, o que chamou de uma segunda classe de prostituição. Nessa classe, ele colocou todos os homossexuais e as

---

<sup>10</sup> Português, nascido no ano de 1845, formado em Farmácia e Medicina. Ferraz de Macedo dedicou-se desde muito cedo aos estudos antropológicos. Também foi Diretor dos Serviços Antropométricos e Fotográficos do Juízo de Instrução Criminal de Lisboa até próximo a sua morte, em 1907 (MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E CIÊNCIA, 2015).



mulheres mais pobres da cidade do Rio de Janeiro (MACEDO, 1873). Esses indivíduos foram descritos em três categorias. A primeira era dos homens penetradores (ativos); a segunda, dos homens receptivos (passivos); e a terceira, dos homens mistos (tanto ativos como passivos) (MACEDO, 1873).

Nas conclusões do estudo, Macedo considerou que todos os homens que praticavam sexo com outros homens eram sodomitas<sup>11</sup>, independentemente de pertencerem a qualquer categoria descrita. O médico então sugeriu que esses homens não eram responsabilidade da Igreja, mas, sim, da medicina, a única que era capaz de estabelecer condutas que evitavam tal comportamento, que ele considerou desviante (MACEDO, 1873).

Para Macedo (1873), os homossexuais eram sodomitas que se prostituíam. Ferraz de Macedo se refere ao prostituto masculino como sendo “o bagaxa”, ressignificando a gíria “bagaxa” – forma pela qual a mulher prostituta era chamada popularmente – com a inclusão do artigo “o” para masculinizar o termo (GREEN, 2000).

Green (2000) resume o trabalho de Ferraz de Macedo da seguinte forma:

A elegância excessiva e a falta de masculinidade, ao menos ao médico observador, implicavam uma disposição voluntariosa para o homoerostismo. A pobreza, assim como a inacessibilidade das mulheres e as preocupações com a higiene pessoal resultavam em incursões desafortunadas, porém perdoáveis, nesse mundo “depravado” (GREEN, 2000, p. 83, aspas do autor).

Outro estudo, desenvolvido em 1894 pelo jurista Francisco José Viveiros de Castro (1862-1902)<sup>12</sup>, também defendia o termo *homossexualismo*, retomando a ideia de uma doença (GREEN, 2000). Trevisan (2000) afirma que Viveiros de Castro se baseava em autores europeus quando sugeria que a lei só devia punir pederastas<sup>13</sup> depravados e viciados, principalmente quando esses se envolvessem ou abusassem de menores. Nos estudos do jurista, podemos encontrar um termo que parece ter circulado com bastante força no período: para Viveiros de Castro, os homossexuais eram “invertidos<sup>14</sup>”. Segundo Candido Figueiredo (1913,

<sup>11</sup> Ver na nota de rodapé 9.

<sup>12</sup> No final do século XIX e início do XX, no Brasil, foi considerado o maior especialista no combate aos crimes sexuais (MARTINS JÚNIOR, 2015). Foi professor de Direito Criminal e Desembargador da Corte de Apelação do Distrito Federal (MARTINS JÚNIOR, 2015)

<sup>13</sup> Segundo Green (2000), o uso do termo por Viveiros de Castro era um reflexo dos estudos europeus sobre a homossexualidade naquele período. Na metade do século XIX, o médico-forense Ludwig Casper buscou no grego clássico a palavra pederastia, que significava “amor-de-menino” (GREEN, 2000). No final do século XIX, a palavra passou a ser confundida com o termo *paedication*, originário do latim e que significava a prática do intercurso sexual anal, empregada para homens adultos que praticavam sexo anal entre si e não, necessariamente, para sexo com crianças (GREEN, 2000). Em dicionário do início do século XX (FIGUEIREDO, C., 1913), a pederastia é descrita como um vício contra a natureza, ou amor repugnante de um homem a um rapaz ou a outro homem.

<sup>14</sup> Termo cunhado por Arrigo Tamassia, médico-forense italiano (GREEN, 2000). O termo foi cunhado por Tamassia na Itália e importado para o Brasil por Viveiros de Castro.

p. 1123), o termo era um adjetivo que significava “que se inverteu” e o uso popular descrevia um homem, “em que outro exerce acções libidinosas”. Green (2000) pontua que, no mesmo período, o termo já era muito popular na França.

Segundo Trevisan (2000), Viveiros de Castro entendia a homossexualidade como uma anomalia causada por

[...] “loucura erótica” resultante de psicopatias sexuais em pessoas mentalmente alienadas; falhas no desenvolvimento glandular, provocadas por hereditariedade; vida insalubre, alcoolismo ou excesso de onanismo<sup>15</sup>; e outras circunstâncias favoráveis à aquisição do vício, tais como prisões, velhice e impotência. [...] os homossexuais sofrem de uma alteração psíquica chamada “efeminização” (TREVISAN, 2000, p. 179, aspas do autor).

Trevisan (2000), ao comentar os estudos de Viveiros de Castro, afirma que a efeminização podia ser identificada pelo comportamento do indivíduo, já que os homossexuais teriam uma paixão, semelhante a mulheres, por banheiros, enfeites (adornos), cores vistosas, rendas, perfumes, entre outros. Além disso, depilavam-se cuidadosamente, autodenominavam-se por nomes femininos, eram caprichosos, invejosos, vingativos e mudavam rapidamente de humor.

Os estudos de Viveiros de Castro citados por Green (2000) tiveram como “amostra” três homossexuais. O primeiro vivia isolado e tinha relações com os empregados. O segundo era empregado de uma loja e mantinha relações com o patrão e, em um surto de ciúme, matou-o ao descobrir que o patrão se casaria com uma mulher. O terceiro era um homem adulto que havia estuprado e matado um menino de quatro anos. Pontua Green (2000):

Essas histórias, longe de inspirar uma simpatia para com os pederastas cariocas, reforçaram a ideia de que os homens envolvidos em relacionamentos homossexuais eram doentes mentais, assassinos apaixonados, ou molestadores de crianças. A demonstração de compaixão por pederastas degenerados e efeminados, aliada à propaganda de estereótipos de maníacos homicidas, continuaria a ser uma fórmula potente nos escritos de outros médicos, juristas e criminologistas durante o século XX (GREEN, 2000, p. 87).

Esses tipos de discussões não ficaram tão restritos a Viveiros de Castro e outros escritos médicos evidenciados por Green (2000), eles também constituíram os enunciados/enunciações dos jornais do século XX no Brasil.

### **2.1.1 A enunciação sobre o homossexual pela ciência do século XX**

---

<sup>15</sup> O mesmo que masturbação (FIGUEIREDO, C., 1913).

No século XX, outros estudos foram conduzidos em torno da questão homossexual. Um deles foi realizado por José Ricardo Pires de Almeida<sup>16</sup>. Segundo Green (2000), foi esse trabalho que mostrou o uso mais recorrente do termo homossexualismo, principalmente como sinônimo de uranista<sup>17</sup>. O estudo foi um indício de que o termo homossexualismo estava mais em uso no início do XX; no entanto, pederasta seguiu sendo o mais utilizado. Segundo Trevisan (2000), os estudos de Pires de Almeida tentavam trazer novas luzes sobre a questão. Uma das hipóteses do médico era que os homossexuais tinham uma atração pela cor vermelha e, assim como as mulheres, não eram capazes de assobiar. Na questão do assobio, Pires de Almeida faz uma ressalva, afirmando que os incapazes do ato eram pederastas passivos e não assobiavam porque o ato causava um desconforto anal (TREVISAN, 2000).

Nos mesmos moldes dos estudos de Viveiros de Castro, Pires de Almeida também descreveu uma ligação estreita entre homossexualidade e prostituição e apontou a falta de mulheres como uma das causas da prática homossexual entre homens do período (GREEN, 2000). Um diferencial dos estudos do médico foi a percepção de que a homossexualidade estava em todas as classes sociais do Rio de Janeiro, não se fechando somente às classes mais baixas, como fez Ferraz de Macedo no século XIX.

Em Pires de Almeida (1906) não havia uma distinção entre ativo, passivo ou misto. Todos eram pederastas e a homossexualidade era uma espécie de perversão moral (ALMEIDA, 1906). O médico, assim como nos estudos do século XIX, descreveu os homossexuais a partir de seus traços corporais, como nádegas avantajadas e voz aveludada. O estudo também destaca a maquiagem e as roupas utilizadas por homens homossexuais, sempre justas e extravagantes. Green fala sobre a percepção de Pires de Almeida ao analisar sujeitos tidos como homossexuais: “o médico notou que ele apresentava o andar típico da maioria dos ‘uranistas’, rebolando as ancas e salientando as nádegas” (GREEN, 2000, p. 90).

Pensando em uma morfologia corporal (MILANEZ, 2014), o corpo que o estudo de Pires de Almeida retratou não foi um corpo biológico somente, mas um corpo à luz do pensamento médico da época, que levava em conta a proporção, a repetição dos gestos, criando um padrão que poderia ser repetido e observado, quase que sintomático, uma doença que

---

<sup>16</sup> Nasceu no Rio de Janeiro em 1843 e faleceu em 1913. O Médico Pires de Almeida era ainda jornalista, teatrólogo, arquivista da Câmara municipal do Rio de Janeiro e bibliotecário da Inspetoria Geral de Higiene (PORTAL CATARINA, 20[--])

<sup>17</sup> De acordo com Trevisan (2000), o termo uranismo foi cunhado pelo jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs em 1862. O uso foi pensado como uma forma de se referir a homossexualidade. A palavra seria derivada de Afrodite Urania, a musa de Pausânias no Banquete de Platão, que representava um amor mais antigo, viril, másculo, entre homens (PLATÃO, [360, a.c], 1991). No dicionário Candido Figueiredo de 1913 (p. 2072), uranismo seria uma perversão que “arrasta” o indivíduo para outro do mesmo sexo.

poderia ser diagnosticada. Por exemplo, numa gripe ou resfriado, tem-se o espirro, a coriza e outros elementos que se repetem em todos aqueles corpos doentes. Do mesmo modo, Pires de Almeida (1906) via a forma de se vestir, de falar, de andar dos homossexuais como sintomas de um corpo doente, um corpo masculino que não se comportava com a “normalidade” [aspas nossas] que deveria.

Baseando-se nos estudos de sexólogos europeus da época, Pires de Almeida parecia entender o homossexual como um “terceiro sexo”, no qual a “alma feminina” [aspas nossas] estaria presa no corpo masculino (ALMEIDA, 1906). É possível perceber uma discordância entre Pires de Almeida e os estudos anteriores sobre a homossexualidade. Esses trabalhos destacavam as relações sexuais entre homens, mostrando que o homossexual ativo sempre exercia uma dominância sobre o passivo, o que parecia refletir as classes econômicas dos envolvidos, ou seja, o ativo sempre era o rico dominante e o passivo era o pobre submisso (GREEN, 2000). Pires de Almeida (1906) viu que as relações homo, assim como os encontros entre homens heterossexuais e as prostitutas e/ou homens das classes média e alta, possibilitavam momentos em que as barreiras de classes e de raça eram transgredidas.

Os estudos de Pires de Almeida (1906) entendiam a homossexualidade como uma doença congênita ou o resultado de uma educação imprópria. A sugestão de tratamento proposta pelo médico passava por uma “correção moral e educacional” (aspas nossas). Tanto que o médico sugeriu o afastamento dos rapazes no colégio, cuidados com a educação moral dos jovens e o incentivo à convivência entre meninos e meninas (ALMEIDA, 1906).

Segundo Green (2000), os traços físicos e estéticos descritos por Pires de Almeida e Viveiros de Castro povoaram o imaginário popular até meados da década de 1920, perdurando, de certa forma, até hoje. Trata-se de traços que serviram e servem como estereótipos. Nos periódicos da época, por exemplo, por meio de texto ou desenhos, eram apresentados com frequência os traços femininos como marcas descritivas dos homossexuais (GREEN, 2000). Um homem bem vestido, com roupas apertadas e com traços femininos, era usado como estereótipo que apoiava a enunciação jornalística, disseminando na imprensa todo um comportamento que, de certa forma, contribuía para estereotipar os homossexuais.

### **2.1.2 O homossexual como produto do meio**

Ainda na primeira metade do século XX, há outra enunciação, que também tem uma herança do século XIX a respeito desses homens. Os estudos de Green (2000) apontam que, dez anos após a libertação dos escravos (1888) e a proclamação da República (1889), houve no

Rio de Janeiro uma renovação urbana, arquitetônica e social que fortaleceu as elites cariocas e criou guetos onde podiam ser encontrados todos aqueles que não estavam no padrão da elite: prostitutas, homossexuais, negros, imigrantes, entre outros. Havia também no Rio um descompasso entre a população feminina e a masculina, o que gerou uma massa de homens solteiros pelas ruas em busca de trabalho, diversão e sexo (GREEN, 2000).

Em Belém, a dinâmica urbana foi semelhante à descrita por Green (2000). A cidade passou por grandes transformações urbanas advindas da economia da borracha, com uma diferença em relação ao Rio de Janeiro. Segundo Nazaré Sarges (2002), Belém era muito mais uma cidade de passagem, local de onde nordestinos e paraenses partiam maciçamente para os interiores do estado em busca das riquezas da economia gomífera. Ao mesmo tempo, a riqueza e a urbanização advindas por meio da economia da borracha criavam áreas próprias para as elites, que se afastaram dos centros comerciais. A classe pobre se manteve no centro e em torno dos locais de comércio (SARGES, 2002). Ou seja, assim como no Rio de Janeiro, Belém também teve seus guetos. Porém, não encontramos informações confiáveis a respeito da socialização homossexual na cidade de Belém na primeira metade do século XX.

No Rio de Janeiro, a área que servia de ponto de encontro entre homens era a praça do Rossio, cujos frequentadores ficaram conhecidos como “os putos do Largo do Rossio” (GREEN, 2000, p. 64). A praça ficava no centro da cidade, próxima ao teatro São Pedro. Com o desenvolvimento urbano, prédios, cafés e zonas de prostituição foram se estabelecendo ao redor do teatro, tornando o lugar propício – por ser escondido – para as relações sexuais entre homens. Os “putos do Largo do Rossio” eram descritos como pessoas de voz afinada, flauteada, e que usavam pó de arroz ou ruge no rosto (GREEN, 2000). De acordo com Green (2000, p. 63), o termo puto era usado tanto no Brasil quanto em Portugal e se referia ao “moço que se prostituía ao vício dos sodomitas”. Em resumo, nesse período de virada de século, era comum associar a imagem de um homem homossexual com um prostituto, a ponto de virarem basicamente sinônimos. A relação entre os termos era tanta que as mulheres que se prostituíam eram chamadas de “moças alegres” e os homens que também viviam da prostituição de “moços (rapazes) alegres” (GREEN, 2000).

[...] a conexão entre a prostituição, a efeminação no homem e a homossexualidade persistiu como uma forte representação do comportamento homoerótico até a segunda metade do século, quando surgiram noções alternativas de identidade sexual que constataram esse paradigma dominante (GREEN, 2000, p. 63).

O termo “puto” tinha como sinônimo a palavra “fresco” (GREEN, 2000, p. 63). Segundo Green (2000), o *fresco* podia ser usado de duas formas, uma era referência direta ao “puto” e a outra era ideia de um ambiente ameno, arejado. Essa polissemia era explorada pelos jornais do início do século para descrever os homossexuais presentes nas ruas do Rio de Janeiro (GREEN, 2000, p. 64). O termo era usado de forma pejorativa a qualquer homem que demonstrasse traços femininos, seja no comportamento, seja na voz, por exemplo. Logo, esse homem era acusado de manter relações homossexuais passivas com outro homem (GREEN, 2000).

A presença de homossexuais nas ruas do Rio de Janeiro, aponta Green (2000), era justificada ou relacionada com as degradações advindas da modernidade da época, como se o homossexual fosse o resultado disso. Circulava entre o jornalismo de então uma descrição que, de certa forma, ajudou a construir o estereótipo do que era ser *gay* nos primeiros anos do século XX no Brasil. A revista ilustrada *O Malho*<sup>18</sup> (1902-1954) publicou, em 1904, uma charge junto a um poema que mostra bem a representação do que seria um *fresco* que frequentava lugares de homoerotização, com o título “Fresca Theoria (Requerimento)”.

A charge mostrava um homem com um chapéu de palha da moda, gravata borboleta florida, paletó justo e curto e calças coladas e chamativas fazendo ressaltar as nádegas e dando a sua figura um formato de S, a pose clássica da mulher nas ilustrações da virada do século (GREEN, 2000, p. 64).

Há sempre uma associação explícita do homossexual com a prostituição. Ainda no poema de *O Malho*, o personagem descrito pede uma indenização à prefeitura, pois a praça do Rossio, onde ele possivelmente fazia programas, foi interdita e agora ele não teria mais do que viver. Todos esses elementos que são publicados no jornal *O Malho* ilustram parte das enunciações sobre homossexuais, *frescos* ou *putos* que viviam da prostituição e que frequentavam lugares como praças para conseguir clientes.

Outro periódico que trouxe assuntos relacionados com os homossexuais no Rio de Janeiro foi o *Rio Nu*<sup>19</sup> (1898-1916). A revista trazia contos e imagens eróticas e era voltada para

---

<sup>18</sup> Revista ilustrada de sátira política que começou a circular no Rio de Janeiro em 20 de setembro de 1902 e foi fundada pelo francês Crispim do Amaral, que também era o diretor artístico da revista. Era publicada semanalmente e ficou famosa pelas charges e caricaturas que ironizavam o governo. Tinha como diretor Luís Bartolomeu de Sousa e Silva e, durante o período que circulou, contou com vários desenhistas como J. Carlos, Calixto Cordeiro, J. Ramos Lobão, Alfredo Stoni, entre outros. Com a Revolução de 1930, *O Malho* deixou de circular por alguns meses, pois foi empastelada e a redação foi incendiada e fechada. Ainda em 1930 voltou a circular, porém, não mais com o mesmo humor ácido, o que possibilitou atravessar a censura imposta pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. A revista chegou ao final em janeiro de 1954 (SODRÉ, 1966).

<sup>19</sup> Jornal bissemanal do Rio de Janeiro que surgiu em 13 de maio de 1898. Era redigido por J. Brito, que também assinava pelos pseudônimos Bock, Bier, Mané Gregório Júnior e Carlos Eduardo (PEÇANHA, 2012). Segundo Natália Batista Peçanha (2012), o jornal era um dos principais do “gênero alegre”, gênero direcionado para o público masculino que combinava pornografia, charges, linguagem fácil, preços baixos e humor ácido. O periódico deixou de circular em 1916.

a classe mais periférica, ao contrário de *O Malho*, que se dizia um humorístico voltado para a classe média da época. Em *Rio Nu*, foi publicado um livreto de 15 páginas, em 1915, contendo uma ilustração de dois homens praticando sexo anal. De acordo com Green (2000), a revista tinha um preço acessível e poderia ser comprada por qualquer pessoa no período. A ilustração era intitulada “O menino do Gouveia”, fazendo relações às gírias da época, uma vez que, popularmente, homens mais velhos que desejavam relações com rapazes mais novos eram chamados de *gouveia* ou de *fanchono*<sup>20</sup> (GREEN, 2000, p. 70). No conto, fica clara outra ideia que circulava nas ruas das cidades, a de que homens efeminados e de voz aveludada que praticavam sexo com outros homens eram prostitutas profissionais (GREEN, 2000).

Nesse caso, vemos dois sujeitos homossexuais. O primeiro, representado pelo rapaz efeminado, era colocado nos moldes do que Fry (1982) apontou como sendo o homossexual passivo, aquele que desenvolveria o papel de gênero feminino. O *fanchono* seria, coloquialmente falando, o “homem” da relação, ativo, desenvolvendo o papel de gênero masculino e tido como homem perante a sociedade.

Não era somente nos periódicos impressos que circulavam representações a respeito dos sujeitos homossexuais. No romance *Bom-Crioulo*<sup>21</sup>, segundo Green (2000), há uma versão alternativa das relações homossexuais no Brasil. A história gira em torno do relacionamento entre Amaro, um escravo nascido no Brasil que fugiu do seu dono, buscando refúgio em trabalho num navio da Marinha, e Aleixo, um garoto na flor da idade; os dois se conhecem em alto-mar servindo à Marinha. Quando voltam para o Rio de Janeiro, os dois vão viver uma história de amor num quarto alugado na cidade. Porém, o desfecho é trágico, com o assassinato de Aleixo por Amaro em uma explosão de ciúmes. A obra pertence à escola naturalista<sup>22</sup> e foi um dos primeiros contos homossexuais com teor erótico.

---

<sup>20</sup> De acordo com Candido Figueiredo (1913), o termo, provavelmente, deriva do italiano *fanciullo* (menino, garoto) e era popularmente utilizado para designar um homem que procurava relações sexuais com outro homem, “aquele que se prestava aos prazeres sesuaes de indivíduo do mesmo sexo”, e podia ter como sinônimo a palavra “urningo” (FIGUEIREDO, C., 1913, p. 887).

<sup>21</sup> Livro publicado no Rio de Janeiro em 1895 com autoria do cearense Adolfo Caminha. O autor nasceu na cidade de Aracati-CE no ano de 1867 e faleceu no Rio de Janeiro em 1897 (BEZERRA, 2012). Segundo Carlos Eduardo Bezerra (2012, p. 1), o livro é um dos primeiros em língua portuguesa, no Brasil, “a tratar abertamente do homoerotismo masculino”.

<sup>22</sup> O Naturalismo começou na França, na segunda metade do século XIX, e refletia toda uma cultura científica que avançava na Europa a partir do positivismo de Auguste Comte e pela Teoria da Evolução das Espécies de Darwin. Os escritores dessa escola propuseram uma “visão de mundo objetiva, imparcial, materialista e determinista” (SENRA, 2006, p. 15). Uma das principais temáticas abordadas no Naturalismo literário foi o desvio do comportamento humano, que, segundo essa escola, são influenciados pelas noções de “raça” e “meio”. O romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, é considerado o marco inicial da escola no Brasil, seguido de obras marcantes como *Bom Crioulo* (Adolfo Caminha), *A Carne* (Júlio Ribeiro) e *O Cortiço* (Aluísio Azevedo). O movimento começou a enfraquecer no início do século XX (SENRA, 2006).



De acordo com Green (2000), o romance é complexo e envolve várias questões sociais do final do século XIX e início do XX, sobretudo a questão da raça e da sexualidade. O romance circulou pelos meios da época, tanto que, no jornal *Folha do Norte* de 3 de fevereiro de 1896, há um extenso comentário a respeito da história, que coloca em evidência alguns dos discursos a respeito da homossexualidade.

O texto da *Folha* deixa evidentes duas questões. A primeira, que o autor de *Bom Crioulo* é uma pessoa renomada no meio literário da época e que o romance segue uma forte tendência daquele momento nos meios literário e científico, assim como já foi discutido em nosso trabalho. O outro argumento – e por que não pensar no discurso e na enunciação utilizada para construir o comentário sobre o romance – deixa clara a aversão e repulsa que se tinha à temática em questão. O texto categoriza o tema como sendo uma “these pedregosa” e segue:

O romance transcorre na exibição dos repugnantes episódios. O nojo va e crescendo, de pagina para pagina. O negro provoca vomito e Aleixo, que temia o *Bom Crioulo*, incide immensa compaixão... Apodera-se de nós uma inarável vontade de tagantar os dois, - tal é o poder descriptivo do analista (BOM CRIOULO, 1896, p. 2).

No trecho retirado do jornal, podemos perceber marcas de uma aversão ao caso homossexual, classificando como um “repugnante episódio”. O autor do texto segue dizendo que, ao folhear o romance *Bom Crioulo*, sentiu-se enjoado, com vontade de vomitar. O trecho também deixa evidente que uma das reações possíveis aos casos homossexuais era a prática de violência. Quando o autor expressa “vontade de tagantar os dois”, deixa claro que uma ação possível era açoitar os dois, agir com violência pra “disciplinar”, como é dito ao longo do texto, a “aberração sexual”. Segundo William Naphy (2006), as aversões agressivas contra homossexuais datam de 1300-100 a. C, período que ocorreu o avanço das religiões monoteístas que pregavam a punição severa a práticas homossexuais.

Há outras marcas ao longo do texto que mostram os discursos que circulavam no final do século XIX. O casal homossexual, Amaro e Aleixo, foi considerado um “caso de pederastia”. A palavra “caso” remete aos tribunais, nesse caso, a um julgamento. Segundo Trevisan (2000), a Igreja Católica do século XVI era quem exercia o papel de juiz e condenava à fogueira homens que eram pegos em relações homoeróticas. A Igreja estabeleceu regras rígidas na instituição do casamento, e todo ato sexual que não se voltasse para a reprodução era penalizado com a morte pela Inquisição (TREVISAN, 2000). A recorrência do julgamento e condenação dos personagens de *Bom Crioulo* lembra e parece derivar das práticas da Inquisição da Igreja Católica no século XVI.

O autor do texto publicado na *Folha do Norte* descreveu Amaro como um homem negro, bruto, que metia medo nos demais, quase um animal selvagem solto em meio à “civilização”. Aleixo, o rapaz branco, foi descrito como bobo, ingênuo e “insexual”, que se deixava envolver pelos desejos “anormais” do *Bom Crioulo* (BOM..., 1896, p. 2). Ou seja, percebemos um recorte de raça, no qual o negro parecia um ser bestial, degenerado; ele era o pederasta. Aleixo, o branco, era descrito quase com uma imagem santificada. Ou seja, fica marcado que no negro se tinha um homem que não se encaixava na dita civilização, ele era menos humano, enquanto o branco era um ser puro, sem inclinação ao mal, ao pecado da carne.

O autor do texto na *Folha do Norte* não critica Caminha pela obra, na verdade, o elogia e diz apenas que o escritor segue um debate muito presente naquela época, que estava sendo abordado tanto pela literatura quanto pela medicina.

Seguindo a abordagem naturalista, a posição do jornal foi a de que o homem era resultado do meio ao qual estava exposto e que algo externo podia corrompê-lo. Segundo ao enunciado da *Folha*, Amaro foi esse elemento externo que corrompeu Aleixo. O negro foi quem corrompeu o branco. O jovem não tinha inclinação para nenhum tipo de sexualidade, era virgem, enquanto Amaro já era “iniciado” [aspas nossas] na sexualidade e despejou seus desejos sobre o rapaz inocente.

O naturalismo também influenciou, em certa medida, a escrita jornalística da época. Green (2000) afirma que, no Rio de Janeiro, o homossexual era visto como um produto da degradação advinda da modernidade da época e o desenvolvimento urbano. Esse tipo de constituição enunciativa também pode ser observado em textos dos jornais de Belém. Enquanto a urbanização no Rio de Janeiro era o meio que transformava homens em *frescos*, na Amazônia, esse sujeito era resultado do afastamento da “civilização” e se deixava voltar para atos animalescos advindos da floresta.

No jornal *Folha do Norte*, de 19 de janeiro de 1911, encontramos notícia sobre um caso de homicídio que aconteceu na cidade de Breves, interior do estado do Pará. O caso dizia respeito a dois seringueiros que, ao retornarem de uma festa, alcoolizados, deitaram-se na mesma rede, quando houve um desentendimento que ocasionou a agressão.

No dia 15 do corrente, às 4 horas da tarde, os seringueiros Benevenuto Corrêa e Alexandre Cardoso, freguezes de Antonio Chaves e moradores no rio Pauxis, districto de Breves, regressavam da casa de um conhecido, onde beberam regularmente e, uma vez em sua barraca, Alexandre Cardoso deitou-se em uma rede e Benevenuto, pouco depois, deitou-se com elle. Depois rrengaram e, como Cardoso se asperasse, sacou de uma faca, fazendo dois ferimentos profundos no abdômen do seu companheiro (A FACA, 1911, p. 1).

O trecho se encontrava na capa do dia, mostrando que foi uma notícia de certo destaque. O jornal *Folha do Norte*, nessa época, era composto por sete colunas, e o texto que transcrevemos estava na quarta coluna, na parte inferior, antes do folhetim, que naquele dia tinha o título “O Selvagem”, de autoria de Emile Richebourg<sup>23</sup>. Há uma construção enunciativa nessa capa que nos remete à ideia de selva, violência, uma não civilização. O que nos leva a pensar que o trecho mostra indícios sobre uma possível relação homoerótica entre os dois seringueiros. Não é algo explícito. O que causa estranhamento é o fato de os dois estarem dividindo a mesma rede, algo que não é comum entre pessoas do mesmo sexo, uma vez que o contato proporcionado requer um alto grau de intimidade. O enunciado “companheiro” nos oferece dois sentidos possíveis, um que remete à ideia de parceiro de trabalho e outro, que é mais atual, de companheiro amoroso. No entanto, isso não fica claro, apenas sugere uma parceria entre os dois seringueiros.

O que fortalece esse pensamento são os relatos de relações entre homens nos seringais. Na análise dos textos *Maibi*<sup>24</sup> e *A Selva*<sup>25</sup>, Carlos Guedelha (2013) mostra que eram comuns sexualidades ditas como “anormais” [aspas nossas] nas áreas dos seringais. O contexto de afastamento da família, ausência de mulheres – tidas como prejuízo pelo dono do seringal –, ingestão de bebidas alcoólicas, entre outros elementos, possibilitava que esses homens tivessem atos sexuais tidos como “bestialidades” [aspas nossas].

Dessa forma, os indícios sobre uma relação homoerótica entre Benevenuto e Alexandre, em Breves, descrito pela *Folha do Norte*, ficam mais fortes. No entanto, o jornal não versa sobre essa questão, pois a proposta parece ser mais focar na notícia do assassinato. A enunciação do jornal apresenta dois homens que beberam muito e que brigaram por um motivo que não fica claro, resultando na morte de um deles.

A construção da enunciação mostra como esses homens, dentro de um ambiente, estavam fora de todos os traços de “civilização” – no meio do mato e alcoolizados –, praticam atos violentos explícitos – assassinato – e atos que não ficam claros, mas que criam possibilidades de sentidos que nos levam a atos sexuais entre dois homens. O enunciador silencia a questão sexual, sem dar detalhes da relação entre os dois homens. A partir das informações “deitados na mesma rede” e “companheiros”, o enunciador deixa entrever uma

---

<sup>23</sup> Escritor que francês (1833 - 1898), considerado um dos principais autores de romances folhetins da sua época (ALVES, 2015).

<sup>24</sup> Conto do livro *Inferno Verde*, de autoria do pernambucano Alberto Rangel, publicado em 1908 (GUEDELHA, 2013).

<sup>25</sup> Livro de autoria do português Ferreira de Castro, publicado em 1930 (GUEDELHA, 2013).

possível uma relação homoerótica. Deixa evidente apenas que esses homens são “frutos” de uma construção social que os impede de serem civilizados e que estão mais próximos dos animais. Usando uma palavra de Guedelha (2013), atos próximos da “bestialidade”, o que era justificado pelo afastamento da civilização.

Aqui podemos colidir com os dois discursos expostos por Green (2000) e Guedelha (2013). O primeiro expõe que, no Rio de Janeiro, o homossexual era um resultado da modernidade da cidade e trazia em seus traços elementos que lembravam as “frescuras” da época, até por isso o termo *fresco*. Guedelha (2013) observa que o discurso da época justifica as práticas homoeróticas na Amazônia, a partir do pensamento de que esse homem afastado do centro da cidade tomava para si atos semelhantes aos dos animais e por isso se envolvia com outro homem.

## **2.2 As mudanças sociais e a cura/castigo do corpo homossexual**

Na virada do século XIX para o seguinte e até meados do XX, os médicos viam a homossexualidade como uma anomalia orgânica (FRY, 1982). Foi por meio dessa concepção sobre a homossexualidade que houve uma leve mudança no sentido sobre o comportamento homoerótico, que deixou de ser visto como pecado e passou a ser notado como doença, e, como doença, passa a ter cura (FRY, 1982).

De acordo com Green (2000), nos anos de 1920 a 1930, não houve grandes alterações nas relações homoeróticas no Rio de Janeiro. A subcultura homossexual se mantinha nas praças, ruas, hospedarias de aluguel por uma noite, etc.. No entanto, ele destaca que o Rio de Janeiro era um ponto de encontro de pessoas que chegavam de outras cidades do Brasil. O Rio inspirava às pessoas um certo grau de liberdade, tanto que, segundo Green (2000), muito homossexuais chegaram à cidade carioca atrás da liberdade de poder aproveitar as noites boêmias e também se sentiam mais livre para viver relações homoeróticas, longe dos olhares da família. É nesse momento que a cultura homossexual parece ser “multifacetada, autoafirmativa e mais consciente” (GREEN, 2000, p. 125).

No entanto, nem tudo era liberdade para esses homens. Se anos antes, médicos e juristas desenvolviam os mais variados estudos que estavam contidos no macro tema moral, agora esse cenário muda. Para esses estudiosos, as questões que foram domínio da religião ou da polícia por muitos anos agora eram questões de higienização da nova sociedade pós-guerra. É nessa esteira que políticas higienistas vindas da Europa e dos Estados Unidos foram aplicadas no

Brasil e dominaram o pensamento de criminologistas e antropólogos das décadas de 1920 e 1930 (GREEN, 2000).

Nesse período, houve dois movimentos que marcaram a sociedade da época: a Semana da Arte Moderna<sup>26</sup>, em 1922, e a instauração do Estado Novo, em 1937<sup>27</sup>. Dois acontecimentos que mexeram com as estruturas culturais e políticas do Brasil. Em resumo, o primeiro movimentou trouxe os debates a respeito da identidade brasileira, com afirmações positivas a respeito da riqueza sobre a variedade e miscigenação do Brasil, deixando de exaltar somente uma hegemonia europeia. O Estado Novo, entre várias mudanças, estabeleceu a elaboração de um sistema para a emissão de uma carteira de identidade nacional.

A emissão da carteira de identidade foi conduzida por Leonídio Ribeiro<sup>28</sup>, médico que se dizia apolítico e, por isso, foi escolhido para a função. Entre as várias ações tomadas pelo médico, uma atingiu diretamente a questão dos homens homossexuais, o Laboratório de Antropologia Criminal<sup>29</sup>. O laboratório tinha por finalidade “realizar experimentos científicos civil e criminal” (GREEN, 2000, p. 130).

Ribeiro ganhou fama internacional por conta dos estudos promovidos pelo laboratório. Uma das pesquisas era sobre “as relações entre homossexualidade masculina e mau funcionamento endócrino” (GREEN, 2000, p. 130). A pesquisa ocorreu em 1932 e contou com 195 homossexuais que foram presos e levados ao laboratório. Esses homens foram “fotografados e medicados, com o objetivo de determinar se havia alguma relação entre sua sexualidade e sua aparência física” (GREEN, 2000, p. 131). De acordo com Green (2000), não há uma explicação exata de como esses homens foram “escolhidos” para fazer parte da pesquisa, apenas sabe-se que eles eram do centro do Rio de Janeiro e circulavam nos lugares popularmente conhecidos na época por serem locais de encontros entre homens que buscavam sexo com outros homens.

---

<sup>26</sup> A Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo, em fevereiro de 1922. Segundo Elza Ajzenberg (2012), foi um evento importante para as reflexões e críticas à arte do Brasil. A Semana teve grande influência de toda uma discussão sobre nacionalismo que emergiram pós Primeira Guerra Mundial e da industrialização acelerada pela qual São Paulo estava passando, incentivando jovens artistas a rever e criar novos projetos culturais. O evento também traz consigo uma inquietação a respeito da identidade nacional, uma vez que o ano de 1922 era o centenário da Independência do Brasil, o que fazia com que isso aflorasse mais ainda em setores sociais descontentes com os rumos do país (AJZENBERG, 2012).

<sup>27</sup> Regime autoritário implementado por Getúlio Vargas com um golpe militar em 1937. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, houve o enfraquecimento do regime que chegou ao fim em 1945 (D'ARAÚJO, 2013).

<sup>28</sup> Médico que nasceu em 1893 na cidade de São Paulo, serviu na Primeira Guerra Mundial em uma missão especial de medicina entre Brasil e França e, em 1933, tornou-se professor de Medicina Legal na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, 20[--]).

<sup>29</sup> O Laboratório fazia parte do Instituto de Identificação da Polícia Civil do Rio de Janeiro; foi fundado em 1931 sob a direção do médico Leonídio Ribeiro e deixou de funcionar em 1946 (LIMA, 2016).

A pesquisa não teve grandes conclusões. No entanto, colocou em circulação enunciações e enunciados que estigmatizaram os homens homossexuais da época. Por exemplo, por mais que muitos desses homens tivessem ocupações variadas, 43% dos presos trabalhavam com atividades como faxineiros ou camareiros em hotéis e bordéis da cidade, categoria que foi nomeada como “Ocupação Doméstica”. Outro dado da pesquisa ajuda a pensar sobre a questão da homossexualidade no Rio de Janeiro. Desses homens apreendidos, 77% vinham das classes de operários ou de baixa renda (GREEN, 2000), reforçando os pensamentos elitistas que já haviam sido apresentados por Ferraz de Macedo no final do século XIX.

Esses homens presos foram categorizados, também, por raça. A maioria deles era de brancos (61,05%), seguidos por mestiços (34,35%) e negros (4,60%). No entanto, Green (2000) pondera que, historicamente, a questão racial sempre foi conturbada no Brasil, uma vez que os censos da época consideravam pessoas mais claras como brancas para afirmar um embranquecimento da população, e ainda que a metodologia de classificação de Ribeiro não ficou clara. Há também a questão econômica envolvida nisso, pois homens negros poderiam não ter recursos financeiros que os permitissem circular nas áreas centrais, onde ocorreram as prisões (GREEN, 2000).

Desses homens, 98% eram solteiros e 2% eram casados (GREEN, 2000), trazendo à tona, novamente, a questão da ausência da mulher como um fator determinante para o homem ser homossexual ou praticar atos homossexuais. Por mais que tivesse um caráter científico, o estudo ainda propagava ideias fortemente ligadas a pensamentos do século XIX.

No que diz respeito à idade desses homens, a maioria tinha entre 21 e 30 anos. Mas, novamente, pontua Green (2000), esses números não refletem os homens homossexuais da época, pois as prisões foram feitas de forma obscura e, possivelmente, os mais fracos economicamente e socialmente faziam parte da maioria dos presos. Os que tinham classe mais elevada ou que tinham como subornar a polícia da época, provavelmente, ficaram fora desse levantamento.

Do exposto aqui, podemos ter uma noção da constituição enunciativa do homossexual dos anos 1920 a 1945, que o estudo de Leonídio Ribeiro coloca em circulação. Esse homem era branco, de meia idade, solteiro e se dedicava a ofícios domésticos. Esses elementos, então, explicam alguns comportamentos que nos ajudam a ver como esse homossexual foi enunciado, principalmente recuperando enunciações anteriores como a falta/ausência de uma relação com uma mulher – homem solteiro – e a inclinação/facilidade de realizar ofícios historicamente associados às mulheres, como ocupações domésticas. Todos sendo elementos aparentemente determinantes para o “reconhecimento/diagnóstico” de homens homossexuais.

### 2.2.1 “Homem verdadeiro” versus “bicha efeminada”

Os estudos promovidos por Leonídio Ribeiro também buscaram ouvir as histórias de vidas dos homens homossexuais que habitavam o Rio de Janeiro (GREEN, 2000). Essas histórias foram colocadas em circulação por meio de artigos publicados nos anos de atuação do laboratório. Dos relatos desses homossexuais, podemos retirar enunciados e enunciações que parecem circular socialmente. Os enunciados parecem propor uma sociedade dividida rigidamente entre os papéis de gêneros.

Uma construção enunciativa possível era a questão do “homem verdadeiro”, o homem ativo da relação, o macho dominador e que não tinha a aparência efeminada. Aparentemente, essa figura era tida como a que circulava sem se deixar perceber. Mantinha uma relação com homens e com mulheres. O contrário disso era o homossexual efeminado, passivo, com comportamento feminino, o que não era a mulher verdadeira, mas queria sê-la, um terceiro sexo (GREEN, 2000).

Houve outras formas que os cientistas utilizaram para categorizar os homossexuais do século XX, porém, as mais aceitas e que permaneceram sendo usadas ao longo do século foram homossexual passivo e ativo. Essa terminologia diverge da utilizada popularmente no Brasil. No cotidiano das ruas e das classes periféricas, o homem que mantinha os traços “masculinos” e desenvolvia o papel do “ativo” era o homem verdadeiro e o que tinha os traços femininos era a “bicha” (FRY, MCRAE, 1985, p. 63).

Na enunciação foram construídas memórias sobre o homossexual passivo como uma mulher falsa, ou, como diria o famoso bordão do humorista brasileiro Jorge Lafond (Vera Verão)<sup>30</sup>, “uma quase mulher”. Ou seja, trazemos o bordão de Vera Verão para entender que essa constituição enunciativa de uma mulher falsa, ou uma alma feminina presa num corpo masculino, posiciona-se numa rede de memória que é reproduzida há muito tempo.

Ainda dentro das histórias de vida dos homossexuais entrevistados por Ribeiro, podemos perceber marcas enunciativas que nos ajudam a entender parcialmente como esses homossexuais se viam e eram vistos pela sociedade. Eles eram migrantes dos interiores do

---

<sup>30</sup> Jorge Luís Sousa Lima, mais conhecido como Jorge Lafond, nasceu no Rio de Janeiro em 1953. Era ator, dançarino, transformista e comediante de teatro, cinema e TV. Teve várias participações em programas de TV da Rede Globo de televisão. Porém, foi o personagem Vera Verão, da Praça É Nossa (SBT) que consolidou a carreira do humorista. O bordão “Bicha, não! Eu sou [esse final dependia do contexto da cena]” foi sua marca registrada nos 10 anos que encarnou o personagem Vera Verão. Lafond morreu devido a um infarto seguido de paradas múltiplas dos órgãos, em janeiro de 2003, em São Paulo (CANOSA, 2018).



Brasil, eram movidos por paixões, descontrolados, declaravam-se pederastas – termo que remonta aos estudos clássicos sobre a homossexualidade do final do século XIX e que ainda era presente nas falas dos próprios homossexuais – e que ser um homossexual era um motivo de desgraça e de desonra (GREEN, 2000). Ou seja, esses relatos nos mostram partes das enunciações sociais circulantes da época.

Um dos enunciados que ainda estão presentes nos anos de 1920 é a expressão *viado*. Tendo base em Green (2000), podemos dizer que o enunciado se soma ao *puto* e *fresco*. Ambos de origem popular e que visavam – ou visam ainda – a denegrir/ofender os homens homossexuais efeminados. É um enunciado que tem ligação direta com o animal veado, mas que não se sabe ao certo como ocorreu a ligação entre os termos. Segundo conta Green (2000), a partir do conhecimento popular, no Rio de Janeiro da década de 1920, um delegado havia dado ordens a um soldado para prender os homossexuais que estavam na praça, porém, o soldado não obteve sucesso e afirmou que, quando a polícia chegou ao local, os homossexuais saíram correndo como se fossem veados fugindo do caçador (GREEN, 2000).

Green (2000) afirma que o termo era tão pejorativo que quase levou um homem à loucura, mesmo ele não sendo homossexual. Basicamente, a história se resume num desempenho sexual frustrado, o que o levou a escutar vozes chamando-o de *viado*. O caso deixa em evidência que homens não podiam ter um mau desempenho sexual, pois, caso isso ocorresse, seria um indício de que eles não gostavam de se relacionar com mulheres, logo, seriam chamados de *viados*.

Os relatos sobre como o enunciado *viado* era pejorativo mostram que muitas pessoas não gostavam nem mesmo de falar o número 24, que se popularizou pelo jogo do bicho e que corresponde ao número do animal veado. O número era usado como forma de denominar que um homem era homossexual (GREEN, 2000).

Segundo Green (2000), outro enunciado que também se popularizou para se referir aos homossexuais foi *bicha*. Esse, no entanto, seguiu um caminho diferente de *viado*. Também não se sabe ao certo como o enunciado passou a referir aos homossexuais, pois *bicha* era o nome dado a um parasita intestinal (FIGUEIREDO, C., 1913). Aparentemente, dentro da própria cultura homossexual dos anos 1930, o enunciado derivava do francês *biche*, que no português seria a corça, o feminino de veado. *Biche* também era usado por franceses como forma carinhosa de chamar uma moça jovem. Green (2000) acredita que o termo deva ter sido utilizado por jovens homossexuais como uma forma afetiva de um homossexual efeminado tratar outro.

No entanto, o termo *bicha*, que pode ter surgido dentro da própria subcultura homossexual, foi aos poucos se voltando contra os próprios criadores do termo. Por volta da

década de 1960, *bicha* e *viado* já eram quase sinônimos como palavras utilizadas para ofender um homossexual com traços femininos.

Não há muitos relatos de como os homossexuais eram chamados em Belém. Por meio das entrevistas que realizamos como homens homossexuais que vivenciaram a noite da cidade de Belém, entre os anos de 1960 e 2000, e que de alguma forma tiveram contato com a cultura homo da capital paraense, tivemos algumas indicações de como os homossexuais eram chamados: os principais eram *viado* e *fresco*, semelhante ao que aconteceu em todo o Brasil e com as mesmas características de outros estados. Segundo o Entrevistado 1, o que talvez seja mais local é *mariquinhas*, uma forma utilizada quando se descobria a sexualidade homo de um homem e se espalhava para outra pessoa que também conhecia esse homem, por exemplo: “tu sabias que fulano é *mariquinhas*?” (informação verbal)<sup>31</sup>.

Outras formas de denominar os homossexuais que apareceram na fala dos entrevistados foram os termos: *mulherzinha*, *baitola*, *córo* e *cuísta*. Termos que, segundo eles, eram utilizados por homens heterossexuais como forma pejorativa de ofender o homossexual. O termo *cuísta*, segundo o Entrevistado 3<sup>32</sup>, era um termo muito usado por pessoas de gráficas, pessoas mais simples e que alguns jornalistas homens também usavam para se referir ao homossexual. A palavra *cuísta* refere-se àquele homem que gosta de prazeres anais. Os termos utilizados para nomear os homossexuais em Belém seguiram um padrão semelhante aos do Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar da variação, eles sempre estavam em torno da ideia do sexo anal ou dos que remetiam aos modos femininos.

## 2.2.2 Loucos, desviados e anormais: cura ou castigo?

Antes de chegarmos nas décadas de 1930 e 1940, precisamos voltar um pouco no tempo para pensarmos sobre a dominação do corpo explicada por Foucault (1987), em especial o que se viu nascer a partir do século XVIII. De acordo com o autor, se pegarmos os soldados como exemplo, o corpo seria como uma espécie de brasão da força e da valentia. Esse corpo não surge do nada, ele é moldado, pois esse mesmo soldado um dia foi um camponês sem postura, sem massa muscular, sem agilidade – ou seja, o corpo pode ser disciplinado. No século XVIII, o corpo é redescoberto como objeto e alvo de poder, corpo tornado útil para uma sociedade capitalista que visa à produção; o corpo também é analisável e, logo, manipulável, dócil. “É

<sup>31</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, 24 de outubro de 2019, Belém, Pará.

<sup>32</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, 17 de janeiro de 2019, Belém, Pará.

dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p. 163).

Com isso podemos pensar no corpo homossexual. Pensar que esse corpo não é útil para uma sociedade do século XX, no auge das transformações urbanas e tecnológicas. Não é útil em sua função básica, a da reprodução. Não é útil na função capitalista do papel de gênero masculino, o da força, da masculinidade em seu potencial máximo, pois esse corpo se assemelha ou “quer ser” [aspas nossas] feminino. Logo, esse corpo está doente, precisa ser educado, modelado, docilizado para exercer a “função que lhe cabe” [aspas nossas].

Por esse motivo, nas décadas de 1930 e 1940, “os especialistas profissionais consideravam o comportamento homoerótico patológico, necessitando de assistência médica ou psicológica para modificar a conduta e curar o indivíduo” (GREEN, 2000, p. 191). Homens que eram “diagnosticados” com “homossexualismo” eram retirados do convívio da família, impedidos de receber carinhos e submetidos a uma rigorosa vigilância que coibisse a interação com pessoas do mesmo sexo, passando por um “tratamento médico pedagógico” (FRY, 1982, p. 66).

Havia uma forte vigilância da própria família, que tentava de todos os modos inibir os traços ou comportamentos que poderiam sugerir que um homem era homossexual. Quando a família não conseguia, ela recorria ao Estado. A polícia, a justiça e a medicina trabalhavam juntas para controlar qualquer “desvio” sexual que não estivesse dentro da “normalidade” [aspas nossas] heterossexual (GREEN, 2000).

Segundo Fry (1982), o tratamento do “homossexualismo” se dava por meio de cirurgias que retiravam parte dos lóbulos frontais do cérebro, local relacionado com a produção do prazer e das fantasias sexuais. Outra prática que foi utilizada em jovens homossexuais nos Estados Unidos, acusados de pedofilia, era a queima, por meio de choques elétricos, de parte pequena do hipotálamo. Tal técnica prometia o retorno à “normalidade”. Outra alternativa ainda, também nos Estados Unidos, era a castração dos homens homossexuais presos por crimes sexuais (FRY, 1982).

Fry (1982) pontua que esses “tratamentos” que objetivavam a “cura” nada mais eram do que apenas eufemismos para punição por atos homossexuais.

De fato, parece que na maior parte do tempo aqueles que dizem desejar “curar” os homossexuais estão mais interessados em colocá-los fora de circulação, não se importando com a natureza dos meios que usam para diminuir a sua possibilidade de “prejudicar a sociedade” (FRY, 1892, p. 72, aspas do autor).

Muitos médicos se dedicaram à busca da cura homossexual. Um dos estudos médicos na década de 1930, realizados pelo psiquiatra Aguiar Whitaker<sup>33</sup> com oito homossexuais passivos detidos pela polícia de São Paulo, baseados nos pensamentos vigentes da época, apontava que havia dois tipos de homossexualidade, a endógena, ou biológica, e a exógena, relacionada ao ambiente social. Tanto a forma endógena quanto a exógena da homossexualidade eram consideradas psicopatias. Em resumo, os homossexuais sofriam, em graus diferentes, de uma patologia mental, e a medicina legal da época sugeria uma “ação médico-corretiva” para os “delinquentes” (FRY, 1982, p. 102).

As propostas de cura para o “homossexualismo” eram variadas, e cada estudioso tinha uma teoria. Segundo Green (2000), Leonídio Ribeiro propôs que o homossexual fosse vigiado e corrigido de suas condutas. Caso isso não funcionasse, a ideia era um transplante de testículos, chegando-se a cogitar até mesmo que o transplante podia ocorrer entre um ser humano e um animal. O melhor momento para que essa cirurgia ocorresse era quando o homem entrava na puberdade (GREEN, 2000).

Nos anos de 1930, há uma volta do debate sobre a criminalização da homossexualidade. A ideia era prender o homossexual, reeducá-lo e submetê-lo a tratamentos para que ele voltasse à “normalidade” (GREEN, 2000, p. 217). No entanto, isso não se daria em uma prisão comum, pois a proposta era construir um lugar específico que retirasse os homossexuais do convívio social.

Segundo Fry (1982), no início da prática do Estado de afastar os homossexuais do convívio social, apenas homens de classe alta podiam ser internados, uma vez que somente essas famílias tinham condições de pagar pelo “tratamento” [aspas nossas]. Por mais que os manicômios não curassem a homossexualidade, eles serviam para as famílias retirarem de circulação o parente que apresentasse algum traço de efeminação. Com o tempo, esses manicômios públicos começaram a receber também pessoas que não tinham alto poder aquisitivo. Os sanatórios passaram a incluir todas as pessoas; logo, as mais pobres, negros e mestiços lotaram essas casas, já funcionando em função do Estado como uma forma de “higienizar” [aspas nossas] as ruas das cidades do Rio e de São Paulo, tirando de circulação os homossexuais<sup>34</sup> (GREEN, 2000). A prática de segregar em espaços fora do convívio social é

---

<sup>33</sup> Edmur Aguiar Whitaker nasceu em 1908 e foi psiquiatra do Serviço de Identificação do Gabinete de Investigação e professor de psicologia judiciária do Instituto de Criminologia (INSTITUTO GENEALOGICO BRASILEIRO, 1940).

<sup>34</sup> Centramo-nos mais na questão dos homossexuais, mas a internação nos sanatórios públicos era, em resumo, uma forma de tirar de circulação qualquer pessoa que fugisse aos padrões de normalidade. Ver “A História da Loucura” (FOUCAULT, 1978) e “O Holocausto Brasileiro” (ARBEX, 2013).

uma política do Estado que foi e continua sendo um princípio da exclusão contemporâneo, na medida em que se retira de circulação aquele que não tem os mesmos direitos dos ditos “normais” [aspas nossas]. Os “anormais” [aspas nossas] são separados e rejeitados do corpo social, já não podendo mais responder por si mesmos nem tendo direito à voz, com seus discursos interditados (FOUCAULT, 2007).

Em 1935, nos Estados Unidos, começou a utilização de eletrochoques para “curar” [aspas nossas] homossexuais. A técnica chegou ao Brasil em 1941. Até mesmo os casos em que não se tinha certeza do comportamento homossexual eram tratados com o eletrochoque. Alguns homossexuais também eram diagnosticados com esquizofrenia e os tratamentos eram o eletrochoque e a convulsoterapia, quando eram injetadas no paciente doses de Cardizzol, o que provocava ataques epiléticos (TREVISAN, 2000).

Muitos homens eram internados por apenas apresentarem algum traço feminino, uma sensibilidade fora do “padrão” [aspas nossas]. Segundo Green (2000), alguns arquivos de sanatórios<sup>35</sup> do Rio de Janeiro e São Paulo mostram homens que aparentemente não apresentavam uma conduta máscula ou que tinham uma preocupação extrema com a beleza (GREEN, 2000). Como podemos observar, todo esse “tratamento” [aspas nossas] nada mais é do que um conjunto de práticas punitivas ao corpo. O corpo “anormal”, segregado, medicado, eletrocutado.

Belém também teve um lugar de internação para pessoas com transtornos mentais. O Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, que era a continuação dos trabalhos do Hospício de Alienados. O Hospital foi fundado em 19 de julho de 1892 e era localizado no bairro do Marco, no local onde hoje se encontra a Universidade do Estado do Pará, ao lado do Bosque Rodrigues Alves, na Avenida Almirante Barroso. O nome “Juliano Moreira” foi-lhe dado, em 1937, como homenagem ao psiquiatra baiano que fez contribuições para a Psiquiatria no Brasil (BELA; PINHO 2009).

Sua trajetória de quase 100 anos (1892-1989) confunde-se com a trajetória da própria psiquiatria no Estado do Pará, seus avanços e recuos. Como instituição asilar, está incluído na série de reformas da cidade de Belém, no início do período republicano, em que manicômios, hospitais e presídios foram construídos distantes da área central, retirando, dessa forma, elementos não condizentes com o espaço urbano, pautado na higienização, na organização e no embelezamento (BELA; PINHO, 2009, p. 23).

---

As práticas desenvolvidas no Hospital eram semelhantes às que estavam sendo aplicadas em outros hospícios no Brasil, como o tratamento com Cardizzol e a segregação do meio social. Não há registros que mostrem se havia a prática do eletrochoque ou algo semelhante, pois muitos dos documentos que poderiam retratar isso se perderam no incêndio que ocorreu em 1982 (BELA; PINHO, 2009).

A partir das entrevistas, conseguimos identificar que o Hospital “Juliano Moreira” era um local em que os homossexuais podiam ser internados. De acordo com o Entrevistado 1<sup>36</sup>, o único dos entrevistados que tem memórias a respeito do hospital, poucos homossexuais iam para o hospital. Essas lembranças são da época em que ele ainda era criança, por volta da década de 1960, o que não permite afirmar com precisão a respeito da presença de homossexuais no hospital – até porque, ainda de acordo com o Entrevistado 1, suas memórias voltam-se mais para mulheres que haviam perdido bebês no parto e que eram levadas para o hospício por apresentarem um alto grau de tristeza, ou seja, depressão. Como ele ainda era uma criança, tinha muito medo de chegar perto; essas memórias partem das poucas vezes que passou por lá e do que ouvia falar. Além disso, como são memórias da década de 1960 e o hospital, já nessa época, funcionava há bastante tempo, não sabemos mais detalhes do início do século XX, pois muito material se perdeu no incêndio do hospício.

No capítulo 3 contextualizamos a união homossexual durante o século XX, primeiro promovendo festas promovidas nos apartamentos, o que contribuiu com o início da imprensa gay. Em seguida, muito pela comunicação que a imprensa possibilitava, começou-se a articular movimentos políticos que permitiram lutas em prol da causa homossexual.

---

<sup>36</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, 24 de outubro de 2018, Belém, Pará.

### 3      **CAPÍTULO 2 - MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS DO SER E ESTAR SOCIAL DO HOMEM HOMO**

O período que vai de 1945 a 1968 foi marcado por várias mudanças no Brasil. Nesse espaço de tempo tivemos o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1845), mais crescimento populacional nos centros urbanos e final do Estado Novo (1930-1945). Novamente, toda essa movimentação social acarretou mudanças no entendimento da sexualidade, dos papéis de gênero e da homossexualidade.

Os padrões de gênero que, até então, eram extremamente rígidos, começaram a se tornar mais flexíveis. Após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres começaram a ter maior independência. Elas começaram a terminar o segundo grau, a entrar nas universidades e a ocupar postos no mercado de trabalho. Porém, mesmo com essas novas ações, a virgindade dessas mulheres ainda era algo que se mantinha com a aura sagrada, e, quando casadas, precisavam ser obedientes e submissas aos maridos. A mulher ainda estava presa aos dogmas da castidade e pureza. Nos anos de 1960, com os movimentos feministas (LOURO, 1997), tal ideia começou a mudar, com as mulheres começando a lutar para inverter essa lógica social.

No que diz respeito aos homossexuais, a polaridade entre homens verdadeiros, os ativos, e “bichas efeminadas”, as passivas, começou a ser quebrada. Green (2000) afirma que os homens *gays* começaram a circular mais livremente pelas ruas do Rio de Janeiro, com a cultura *gay* começando a ocupar mais espaços. No Rio de Janeiro, os homossexuais participavam abertamente de bailes de carnavais e atuavam em peças de teatro. No entanto, ainda havia grande resistência à presença desses homens. Alguns estabelecimentos, com medo de serem taxados como sendo um lugar de “má reputação”, expulsavam os homens que aparentavam ter traços efeminados.

É nesse período que conseguimos rastrear, por meio das entrevistas, alguns lugares que serviam como ponto de encontro homossexual, tanto para a socialização quanto para encontros sexuais. Os homossexuais de Belém frequentavam muito um lugar denominado de Tubo da Quatorze. O local era um tudo grande de água que ficava foro do solo, localizado na rua Quatorze de Março, atrás da Basílica de Nazaré, no bairro de Nazaré, no centro da cidade. Próximo a esse tubo, no cruzamento entre a Quatorze de Março e a Avenida Nazaré, ficava uma casa – que já não existe mais – dividida em vários quartos, o que na época era conhecido como

pensão. Segundo os Entrevistados 1 e 2<sup>37</sup>, o Tubo da Quatorze era muito frequentado por homossexuais, até porque naquela época havia, próximo a essa área, os cinemas Ópera, Iracema e Nazaré.

De acordo com os entrevistados, era comum que os filmes da época - que eram exibidos nos três cinemas, em especial em dois (Ópera e Iracema) - apresentassem temáticas eróticas e, por esse motivo, os homens, homossexuais ou não, saíam das seções em busca de aventuras sexuais. Quando as relações homoeróticas não aconteciam dentro do próprio banheiro do cinema, elas iam acontecer na pensão próxima ao Tubo da Quatorze. O tubo servia de ponto de encontro para se negociar as parcerias sexuais que aconteceriam na pensão, que servia como uma espécie de motel da época. Segundo o Entrevistado 2, o Tubo também funcionava como um lugar onde alguns homossexuais se encontravam para beber e/ou se drogar; em seguida, iam para algum lugar com festa, junto com os amigos.

Havia também outro lugar no qual era comum ocorrerem encontros homoeróticos em Belém no final do século XX, que pode ainda estar em funcionamento até hoje: a Rodoviária de Belém, que fica na Avenida Almirante Barroso, no bairro de São Brás, próximo à Praça do Operário, também no centro de Belém. Segundo o Entrevistado 3, ele conheceu diversos parceiros na rodoviária, casados, solteiros, estrangeiros. Ele relata que chegava na rodoviária por volta das 18 horas e ficava até às 22 horas, andando pelo local em busca de um parceiro sexual; quando encontrava, eles se direcionavam para um motel. O Entrevistado 3 afirma que, mesmo sendo menor de idade, no final da década de 1970, nunca lhe foi pedido carteira de identidade para entrar em motéis. Alguns dos homens com quem ele tinha relações sexuais viviam um casamento heterossexual e, após o sexo, tinham grandes crises de consciência, mudando totalmente de humor e entrando em um estado de pânico. Como ainda era um adolescente, ele não sabia como reagir e muitas vezes ficou assustado com a forma com que a relação terminava.

No final do século XX, havia alguns bares, boates e casas de shows que eram frequentados pelos homossexuais de Belém. Um bar muito frequentado tanto por homens como por mulheres homossexuais era o Pagode Chinês, que ficava na Avenida Alcindo Cancela, no centro de Belém. Segundo o Entrevistado 2, era um local muito conhecido, com festas que duravam até altas horas. Ele não soube informar muitos detalhes sobre o período em que funcionou e quem eram os donos. No entanto, ele afirma que muitas vezes encontrou com os

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, 04 de novembro de 2018, Belém, Pará.



amigos no Tubo da Quatorze e seguiam para o Pagode Chinês para se divertir e conhecer pessoas homossexuais.

Quanto a boates, os entrevistados 1 e 2 disseram não ter conhecido muitas, por não gostarem da música ou por já ser algo mais atual, que ficou para as novas gerações. O Entrevistado 3 frequentou bastante as boates Camaleão e Crocodilo, na década de 1990. A boate Camelão ficava na Rua Ó de Almeida, próximo à Praça da República. A Crocodilo era na Alcindo Cancela, logo após a Rua dos Mundurucus. Observou que gostava mais da Camaleão e ia sempre com o parceiro. O local proporcionava shows de dublagem, nos quais homossexuais vestidos de mulheres – naquele tempo chamados simplesmente de *travestis*, mas hoje largamente conhecidos como *drag queens* – faziam uma *performance*, dublando as músicas que estavam em alta na época. O Entrevistado 1 teve apenas uma experiência com boates, já na década de 1990, com a boate Gol, que também tinha shows de *drag*. A boate ficava na Rua Piedade, próximo à Praça da República, no centro de Belém.

O último lugar foi o Lapinha, que ficava na Travessa Padre Eutíquio, no bairro da Condor, próximo ao centro da cidade de Belém e do Rio Guamá, lugar que todos os três entrevistados chegaram a conhecer e a frequentar, uns mais do que outros. A casa de shows foi uma das mais badaladas da noite paraense. No entanto, o Lapinha não tinha os homossexuais como público principal. Segundo o Entrevistado 1, o local era voltado para homens heterossexuais, a princípio oferecendo shows de *striptease* de mulheres, em uma propriedade do empresário José de Alencar. O Lapinha começou a mudar com a contratação do *performer* Rudy Star, que mudou o conceito da casa e passou a oferecer shows variados; entre esses shows, vieram as *performances* de *drag queens*, que fizeram muito sucesso. As mudanças atraíram muitas pessoas, em especial da alta sociedade de Belém, por ser uma festa que ia até tarde e tinha variedade de apresentações. Segundo o Entrevistado 3,

Rudy Star era uma figura importantíssima. O Rudy Star foi o cara, seguinte, que profissionalizou a questão do transformista, o cara que ia pra noite pra se montar e dublar. Ele foi mais ou menos, assim, como se diz, mal comparando, ele foi o Lennie Dale [...]. O Rudy Star foi, mais ou menos, o Lennie Dale para o pessoal daqui. Ele dizia assim: “bicha não é assim não, tem que..., investe na tua produção, tu tens que andar, tu tens que dominar o palco, tu tens que saber...” E ele dublava muito bem, ele era um mestre de cerimônias do Lapinha, ele era o cara que sempre recebia a gente na porta. Foi a primeira casa, não *gay*, não ligada ao público LGBT, não ligada ao meio, que aceitou o homossexual. Tanto que ele era o mestre de cerimônia da casa, o que hoje chamam de *promoter*, ele era o *promoter* da casa. Ele saía muito no jornal porque ele era o chefe de todas as festas no Lapinha, organizava festas [...]. No Lapinha [...] ia muito o pessoal mais velho, machão, que ia ver a mulher tirar a roupa, *striptease*. Ele organizava tudo, as festas, os caras, recebia todo mundo [...], começou a dar visibilidade pra esse pessoal do transformista, do

travesti que queria cantar, que queria dublar e ele fazia toda essas coisas. (Entrevistado 3, 2019, informação verbal)<sup>38</sup>

O Lapinha, então, fazendo uma comparação, foi o que hoje chamamos de um espaço *gay friendly*, o primeiro de Belém. Um lugar que não era voltado para o público *gay*, mas que respeitava e tinha atrações que interessavam a esse público. De acordo com o Entrevistado 1, o Lapinha foi o primeiro bar de Belém a disponibilizar um terceiro banheiro, que era voltado para o público homossexual. No entanto, esse banheiro não se deu por uma gentileza ou inclusão do público. Segundo o Entrevistado 3, que conhecia o dono e a organização do local, o terceiro banheiro se deu após polêmica causada por homens heterossexuais que frequentavam o Lapinha. Não havia um camarim no qual os homossexuais que faziam os shows pudessem se arrumar, logo eles se arrumavam no banheiro masculino, o que ocasionou muitas reclamações, levando o proprietário a mandar construir o dito terceiro banheiro. O Entrevistado 3, que nessa época já era assumido, afirma que nunca usou esse banheiro, porque, como ele não se travestia, ia no banheiro masculino. Ou seja, o Lapinha não foi um estabelecimento que se preocupava com as demandas homossexuais, porém, a abertura que o Lapinha ofereceu para que homossexuais se apresentassem travestidos deu uma grande visualidade ao público LGBT e ajudou o deslocamento do discurso a respeito dos homens homossexuais, que passaram a ser também entendidos como artistas da noite da capital paraense.

### **3.1 Amigos, festas particulares e autoafirmação**

Entre os anos de 1951 e 1971, surgem as turmas de homossexuais, grupos que formam uma comunidade de ajuda mútua, uma espécie de “família alternativa” (GREEN, 2000, p. 290). Segundo Thiago Barcelos Soliva (2014), as turmas adotavam quase sempre o nome da localidade a que pertenciam. Por exemplo, entre os anos de 1963 e 1964, houve nove Turmas atuantes no Rio de Janeiro: Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma de Botafogo e Grupo Snob.

Essas Turmas funcionavam basicamente nos apartamentos de um dos membros, que convidava os demais para algum encontro, festa ou algo parecido. “Eram reuniões informais nas quais e conversava sobre amenidades, ideias eram trocadas, ria-se e flertava” (SOLIVA, p. 41, 2014). A intimidade do apartamento possibilitava que todos se conhecessem e pudessem desenvolver laços de amizade e confiança, tornando assim aquele espaço um lugar para que

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, em 17 de janeiro de 2019, Belém, Pará.

esses homens fossem eles mesmos, sem esconder preferências sexuais (GREEN, 2000; SOLIVA, 2014).

Uma das mais conhecidas e badaladas foi a Turmas OK, que surgiu em 13 de janeiro de 1961, o que ficou conhecido pelos sócios, membros do grupo, como primeiro período, no qual os encontros eram nos apartamentos, em uma época na qual esses homens tinham medo de ser capturados pelas forças militares da ditadura (SOLIVA, 2014). Os encontros não eram somente para bater papo, em algumas ocasiões a Turma realizava festas temáticas com apresentação de transformistas, tanto que foi nesses encontros que surgiu o concurso de miss *gay* (GREEN, 2000; SOLIVA, 2014). Segundo Soliva (2014), talvez daí tenha surgido a necessidade de se elaborar o jornal *O Snob* (1963-1969)<sup>39</sup>. O periódico tinha um conteúdo voltado para a Turma e trazia assuntos variados, como fofocas, humor e autoafirmação. Sua função mais expressiva era ser uma forma de comunicação entre as Turmas e de divulgação dos eventos e temas pertinentes a esses grupos de homossexuais (GREEN, 2000).

Graças a esses encontros particulares, dois termos relacionados aos homossexuais apareceram, mas ficaram restritos aos grupos: o primeiro era a “boneca”, homossexuais que se travestiam de mulheres e desfilavam nos concursos de miss (miss *gay*); o segundo termo era o “entendido”, que se direcionava a homossexuais de classe média que não assumiam completamente a homossexualidade e tinham uma vida dupla. O “entendido” era uma categoria de homossexual que rejeitava todos os trejeitos e comportamentos das “bichas” (GREEN, 2000; TREVISAN, 2000).

A presença desses homossexuais marcou tanto o período, que até mesmo o padre Jaime Snoek, em 1967, seguindo as discussões e mudanças promovidas pelo Concílio Vaticano II<sup>40</sup> e pertencente à Teologia da Libertação<sup>41</sup>, reconheceu que os homossexuais eram uma minoria significativa que vivia de forma clandestina e marginal. O padre chegou a aconselhar aos demais padres que não incentivassem o casamento heterossexual como solução para acabar com a homossexualidade (GREEN, 2000, p. 310).

Os grupos homossexuais começaram a ter um posicionamento político mais marcante. As reuniões e encontros possibilitaram uma maior discussão a respeito da causa, agregando

---

<sup>39</sup> Jornal que pertenceu ao Grupo *Snob* e circulou no Rio de Janeiro entre 1963 e 1969. Tinha como editor Agildo Guimarães (CORDÃO, 2017).

<sup>40</sup> Aconteceu entre os anos de 1962 a 1965 e se propôs a renovar o papel da Igreja Católica frente ao século XX e abrir um maior diálogo com as outras religiões. O Concílio Vaticano II promoveu mudanças na missa, que deixou de ser rezada em latim e passou a utilizar a língua da localidade em que era celebrada. Os celebrantes da missa passaram a olhar diretamente para os leigos, uma vez que antes eles rezavam a missa de costas para a assembleia (PINTO, P. S., 2017).

<sup>41</sup> Movimento sócio-eclesial que surgiu dentro da Igreja Católica na década de 1960 e tinha uma visão crítica da sociedade. Buscou ajudar a população mais carente a lutar por seus direitos (CAMILO, 2011).

vários sujeitos e colocando em debate a questão da identidade e da sexualidade. No entanto, os anos de chumbo da Ditadura Militar no Brasil (1968-1974)<sup>42</sup> frearam muitos planos de autoafirmação dos grupos *gays*, a ponto de muitos homens homossexuais ficarem com medo de serem considerados subversivos. Por isso, as práticas políticas foram deixadas de lado por um tempo (GREEN, 2000; TREVISAN, 2000).

Para entendermos melhor o porquê desse freio dos planos de autoafirmação *gay*, é necessário um breve panorama de como a homossexualidade era entendida no período da Ditadura Militar brasileira. Segundo Benjamin Cowan (2015), havia uma equiparação entre comunismo, homossexualidade e desordem, com essas temáticas tidas como formas de oposição ao regime imposto. Por esse mesmo motivo, a temática homossexual era um alvo corriqueiro da censura estatal, já que os militares pretendiam criar uma imagem do Brasil sem desordem, sem problemas, sem homossexuais e sem comunistas (COWAN, 2015).

Os militares equiparavam o movimento homossexual a movimentos subversivos. Isso porque a ação política homo tinha como linha de frente a autoafirmação sexual e de identidade, algo que vinha na esteira de outros movimentos, como o feminismo, movimento negro e índio, campanha pró-anistia (COWAN, 2015). Os militares dissociaram a questão homossexual da dimensão de identidade – ou mesmo de relações sexuais entre dois homens – e passaram a entendê-la como sendo uma estratégia comunista que visava a “destruir” o ocidente, “um complot arquitetado pelos inimigos do estado” (COWAN, 2015, p. 29).

A homossexualidade que mais despertava interesse aos militares era a relação entre os homens. As mulheres homossexuais não eram tão vigiadas. Segundo Cowan (2015, p. 32), a homossexualidade masculina era vista “como uma prática degenerativa, furtiva e de efeminados” e que era associada à “subversão política e vulnerabilidade política”.

No entanto, segundo o autor, não é certo apenas afirmar que a ditadura perseguiu os homossexuais com a mesma voracidade do que outros sujeitos políticos que tinham o viés demarcado. A “homossexualidade não foi a razão principal por que tantos brasileiros sofreram vigilância, detenção, tortura e morte” (COWAN, 2015, p. 49). Contudo, é evidente como as forças ditatoriais, em especial, as da linha-dura, viam na homossexualidade uma parte de um esquema maior de subversão, como se a sexualidade homo fosse uma inspiração comunista internacional, que se baseava na desconstrução da moral, um plano que desmontaria a ordem no Brasil por dentro (COWAN, 2015).

---

O que se percebe, a partir do que foi exposto, é que além de a homossexualidade masculina ser entendida pelos militares como um ato de subversão, o regime via na visibilidade homo uma espécie de possível ideia de “masculinidade fraca/frágil” [aspas nossas] que levaria ao estrangeiro a ideia de que o regime também era fraco.

Em outras palavras, podemos pensar, como possibilidade, que as questões de masculinidade e virilidade, pilares da sociedade machista que sustentavam a ditadura, na ideia dos militares, ficaria abalada caso os “defeitos de sexualidade” [aspas nossas] fossem expostos ao mundo. Para eles, o que estava em jogo não era apenas a imagem do Brasil, mas a do próprio regime que queria limpar a ideia de que o Brasil também era um país com homossexuais.

A lembrança sobre a Ditadura Militar em Belém muda um pouco de acordo com cada entrevistado. O Entrevistado 1 diz não ter lembranças de perseguições a homossexuais. Havia mais uma perseguição a quem discordava do regime, tanto que ele presenciou casos de assassinatos no meio da rua, que no outro dia nem saíam nos jornais locais, como se não tivessem acontecido. No caso do Entrevistado 2, a ditadura perseguia os homossexuais, tanto que ele chegou a ser detido várias vezes apenas por estar na rua com amigos durante à noite. Ele afirma que era algo comum e que não tinha muita explicação por parte dos policiais que o prendiam, algo que lhe causa até hoje muita indignação, pois era sempre acusado de vagabundagem, sendo detido por cerca de uma ou duas horas na delegacia. Nessa época, o Entrevistado 3 fazia parte de um grupo de teatro e estava apresentando uma peça que tinha uma cena de sexo homossexual. De acordo com ele, a peça chamou muita atenção em Belém, inclusive dos militares, que chegaram a cercar o teatro e não permitiram a entrada de espectadores, pois acusavam a peça de subversiva e imoral; houve até sessão especial na Câmara de Vereadores pedindo que todos fossem presos. O que nos parece é que as memórias sobre o período são bem diversas e variam de acordo com experiências de cada entrevistado, mas, em resumo, podemos ver que a homossexualidade em Belém no período da Ditadura Militar era algo, sim, a ser “controlado” [aspas nossas] pelos militares, mesmo que não tão fortemente como outros movimentos com viés mais político de fato, como no combate ao “comunismo” [aspas nossas].

### **3.2 De turma de amigos para grupo político organizado: a imprensa *gay***

Antes de falarmos em imprensa *gay*, precisamos entender dois personagens importantes na história homossexual brasileira: Febrônio Índio Brasil e João do Rio. O primeiro, Febrônio Índio Brasil, preso no início do século XX sob acusação de ter estuprado um menino no Rio de

Janeiro. Um caso que chocou a opinião pública e que, segundo Caio Fagari (2007), marcou a história das notícias sobre os homossexuais no Rio. A partir daquele momento todos os casos envolvendo homossexuais que chegavam à imprensa diária obedeciam à lógica de fortalecer a ideia de que os homossexuais eram pervertidos e esturpadores de menores.

Como já discutimos em outros tópicos desse trabalho, a temática homossexual nos jornais impressos nunca foi bem aceita, seja no século XIX ou início do XX. O caso de Febrônio só fortalece mais a discriminação e cria um possível medo a respeito dos homossexuais no Brasil. A partir das entrevistas que nos ajudam a contextualizar a questão em Belém, algo recorrente na fala dos entrevistados é que, na segunda metade do século XX, quando eles ainda eram crianças ou jovens e não haviam se descoberto homossexuais, o sentimento e a ideia que circulava entre a sociedade a respeito de homens gays era o medo de que eles poderiam machucar, violentar, roubar, entre outras ações. Os homossexuais eram:

Pervertidos e bandidos, pessoas que você deveria fugir a todo custo. Esses caras eram capazes de te estuprar, de abusar sexualmente de ti. O homossexual sempre teve aliado, pra mim, ou era bandido, ladrão, o cara que queria te roubar. Ou o cara que ia abusar sexualmente de ti, ou os dois. (Entrevistado 3, 2019, informação verbal)<sup>43</sup>.

Ou seja, havia em circulação o discurso marginal sobre a homossexualidade e os homossexuais, que eram vistos como pessoas perigosas. Os entrevistados relatam que suas primeiras experiências não sexuais com homossexuais foram traumatizantes; eles tremiam, ficavam muito nervosos, tinham medo.

Isso nos leva a concluir que existia socialmente medo a respeito de homens homossexuais em Belém. Ao observarmos a questão nos jornais impressos, percebemos que esse medo era reforçado pelos textos jornalísticos que se apoiavam em considerar notícia apenas acontecimentos em que homossexuais estavam envolvidos com a criminalidade, como roubo, assassinato ou estupro.

O outro personagem que chamou a atenção da opinião pública no século XX foi o jornalista, escritor, tradutor e dramaturgo carioca Paulo Barreto (1881-1921), mais conhecido como João do Rio. O jornalista era o que, na época, se conhecia como um dândi, um sujeito que andava pelas ruas do Rio, sempre boêmio e muito extravagante. João do Rio<sup>44</sup> foi muito criticado por sua homossexualidade e suas crônicas sobre a cidade, em especial, por trazer à

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, em 17 de janeiro de 2019, Belém, Pará.

<sup>44</sup> Apesar de toda crítica e perseguição, João do Rio se tornou membro da Academia Brasileira de Letras, colaborou com periódicos, como *Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *O Dia* e *Correio Mercantil*. Foi o fundador da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e do jornal *A Pátria* (periódico que se dirigia aos portugueses residentes no Rio de Janeiro) (PÉRET, 2011).

tona textos com teor homoerótico (PÉRET, 2011). “Durante vários anos, João do Rio foi perseguido e caluniado publicamente, tendo sua homossexualidade exposta e ridicularizada por escritores e jornalistas” (PÉRET, 2011, p. 13).

João do Rio marca esse possível deslocamento da questão homossexual do lugar de periculosidade para uma possível “normalidade” [aspas nossas], em que o homossexual já não era exposto como o sujeito violento e molestandor, mas sim, como um sujeito que vive, que têm relações sexuais e afetivas como qualquer outra pessoa. Esse olhar não é gratuito, pois como João era homossexual, era normal que sua escrita voltasse para textos que traziam uma outra leitura da homossexualidade. No entanto, a proposta do jornalista não era falar apenas para um público gay, mas para toda a sociedade; ele não tinha o público homo como seu principal leitor. Tendo isso em vista, podemos dizer que a imprensa gay tem dois fundamentos básicos, ser desenvolvida por pessoas homossexuais e voltar sua temática para o público homo. “A imprensa gay no Brasil, como no mundo, surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve de procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os torna invisíveis” (RODRIGUES, J. C., 2010, p. 43-44).

Os grupos *gays* do Rio de Janeiro e de São Paulo estavam cada vez mais organizados. Muitos jornais dedicados à temática homossexual, semelhante ao *Snob*, foram surgindo (SOLIVA, 2014; CORDÃO, 2017). Foi criada uma Associação da Imprensa *Gay* para que os produtores desses periódicos pudessem se encontrar e trocar ideias em relação à causa (TREVISAN, 2000). Em 1976, o grupo de amigos que havia criado o jornal *Snob* criou a revista *Gente Gay* (1977). A revista tinha um posicionamento mais centrado em textos com maior relevância social, não mais presos somente às questões de fofocas ou beleza, como era em *Snob*. Era um periódico que se propunha a mostrar os seus produtores, como uma forma de autoafirmação. Os textos passaram a ser assinados, deixando no passado os pseudônimos. A passagem de um periódico para o outro, marca a transição dos grupos de amigos que se reuniam para festejar, desfilar e bater papo para um grupo organizado e político (CORDÃO, 2017).

Quando o processo de reabertura política começou, após anos de Ditadura Militar brasileira, muitos grupos se levantaram pedindo a volta da democracia. A Igreja Católica, com a Teologia da Libertação, reuniu e fomentou grupos camponeses. Os movimentos feministas começaram a questionar o modelo patriarcal que vigorava no Brasil. Também os homossexuais começaram a juntar forças para organizar um grupo político em defesa dos direitos dos homens gays (FACCHINI, 2003). Nesse contexto de lutas e reivindicações, intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo lançaram, em 1978, *O Lampião da Esquina* (1978-1981) (GREEN, 2000; CORDÃO, 2017).

Segundo Cordão (2017), *O Lampião* tinha a proposta de circular para todo o Brasil. A tiragem ficava entre 10 e 20 mil exemplares e, para o segmento de jornais homossexuais, ele foi o de maior expressão. Ele surgiu em um momento em que a política imposta pela ditadura começou a ser menos rígida. Segundo Jorge Caê Rodrigues (2010), o periódico fazia resistência, enfrentava a moral conservadora da esquerda e da direita. O jornal, “com o tempo passa a ser o porta-voz de discursos inflamados sobre sexualidade, no que ela tem de positivo e criador, atingido milhares de leitores ávidos de poderem ver-se espelhados nas páginas do jornal” (RODRIGUES, J. C., 2010, p. 52-53).

No entanto, houve outros periódicos com temática semelhante no período<sup>45</sup>. Um dos principais legados deixados pelo jornal foi a tentativa da construção de uma comunidade *gay* nacional. O periódico tinha um discurso enfático e lutava para a desconstrução do preconceito contra os homossexuais (CORDÃO, 2017).

A imprensa *gay* se colocou na linha de frente contra o preconceito. Segundo Fry (1988) e Gontijo (2009), as ações dessa imprensa foram fundamentais para promover a união entre os homossexuais e lutas pelos direitos dessa comunidade, uma vez que possibilitou que os grupos brasileiros se articulassem e dialogassem em prol da causa homossexual. Ela foi bem expressiva, com 33 periódicos que circularam em vários estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia (CORDÃO, 2017).

Segundo Isadora Lins França (2006), em 1979, um dos principais movimentos, com uma proposta clara de politização, foi o Grupo de Afirmação Homossexual de São Paulo - SOMOS. O grupo entendia a homossexualidade como estratégia para promover a transformação cultural na sociedade (FRANÇA, I. L., 2006). Segundo Facchini (2003), a notoriedade do grupo não está somente em ser o primeiro, mas, sim, em ter tido uma atuação importante e ter marcado a vida das pessoas que por ele passaram.

---

<sup>45</sup> Nas pesquisas desenvolvidas por Cordão (2017, p. 51-56), foram catalogados 33 jornais entre os anos de 1963 e 1988. São eles: *O Snob*, *Le Sophistique* (1966), *Felinos* (1967-1968), *Gay Society* (1967), *Le Femme* (1968-1969), *O Tiraninho* (1968), *Baby* (1969), *Boletim Informativo da Caixinha* (1976), *Gente Gay* (1976), *Mundo Gay: o jornal dos entendidos* (1977), *Entender* (1977), *Lampião da Esquina* (1978-1981), *Jornal do Gay – noticiário do mundo entendido* (1978-1980), *Gay News – Informativo mundial dos entendidos* (1979), *Suruba* (1979-1980), *Jornal For Gay* (1980), *Gatho – Grupo de atuação Homossexual* (1980), *Leva e Traz* (1980), *O Corpo* (1980-1984), *Journal Gay – Internacional* (1980-1984), *Gay News – Jornal Homossexual de Informação & Prazer* (1980), *ChanacomChana* (1981-1987), *Nos Também* (1981), *Facção Homossexual* (1981), *Boletim G.G.B* (1982-1987), *Boletim Informativo Grupo Dialogay/se* (1982-1983), *Pleiguei – Jornal do Homo* (1982), *Okzinha* (1983-1987), *Triângulo Rosa* (1986-1988), *Informativo Associação Galf* (1987), *Jornal do Jatobá* (1988), *Anjo* (1988) e *Boletim Informativo LAMBADA – Movimento pela Livre Orientação Sexual* (1988).



Um dos fundadores foi o escritor paulista João Silvério Trevisan, que também era um dos fundados do *Lampião da Esquina*. Segundo o próprio Trevisan (2000), os membros queriam, principalmente, poder falar por si mesmos.

Queríamos ser plenamente responsáveis por nossa sexualidade, sem ninguém falando em nosso nome. E, na época, isso não era pouco. Mas durante todo o primeiro ano de vida do grupo, nosso apelo não parecia exercer muito encanto, nem entre homossexuais. Éramos um bando de solitários, atacados pela direita e abastardados pela esquerda, tateando em busca de uma linguagem mais adequada às dimensões recém-descobertas do nosso desejo. Sentíamos o gosto da impotência e da frustração (TREVISAN, 2000, p. 341).

Segundo Facchini e Isadora França (2009, p. 59), o grupo nasceu com uma polarização entre “esquerda” e “autonomia das lutas das minorias”, dinâmica que levaria aos conflitos internos. Muitos integrantes do grupo vinham de partidos consolidados da esquerda brasileira. Segundo Green (2000), o Partido Comunista Brasileiro, importante organização de esquerda e que exercia uma grande influência em artistas e intelectuais, baseava-se em posições stalinistas que viam a homossexualidade como uma decadência burguesa (TREVISAN, 2000).

Basicamente, o SOMOS era um grupo constituído por homens. Trevisan (2000) destaca que foi surpreendente a entrada de mulheres no grupo, de forma gradual, a ponto de se igualar ao número de homens. Os militantes, então, depararam-se com outro problema, a questão machista existente até mesmo dentro do próprio grupo homossexual, que tratava essas mulheres com termos que elas consideravam pejorativos. “Daí, iniciaram-se discussões gerais em torno de machismo e feminismo, que nem sempre chegaram a bom termo, acabando freqüentemente com as mulheres muito impacientes e os homens resistentes” (TREVISAN, 2000, p. 345).

No ano de 1980, foram aparecendo grupos politicamente organizados em São Paulo e interior, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife e João Pessoa (TREVISAN, 2000). Podemos dizer que na década de 1980 o eixo Rio-São Paulo de militantes da causa *gay* se altera para o eixo Rio-Bahia, ou eixo Sudeste-Nordeste (FRANÇA, I.L., 2006). Na mesma década, o SOMOS começa a se enfraquecer e grupos novos, como o Triângulo Rosa e o Grupo *Gay* da Bahia, tornam-se os dois expoentes das lutas políticas. A década em questão também é marcada por uma maior interação com os movimentos internacionais e a institucionalidade do movimento.

A valorização de relações com o movimento em âmbito internacional e a presença de preocupações como ter uma sede, registrar oficialmente o grupo e estabelecer uma diretoria com cargos e funções claramente definidos podem ser interpretadas no sentido de denotar uma menor resistência à institucionalidade – características que também se destacam nesse período (FACCHINI; FRANÇA, I.L., 2009, p. 60).

O movimento homossexual de Belém não aparece nas literaturas observadas, tanto que os autores supracitados consideram o eixo político como sendo Rio-Bahia, não chegando à região Norte. Em Belém, as movimentações políticas dos grupos homossexuais aconteceram de forma diferente. Segundo Elton Santa Brígida do Rozario (2016), essas movimentações estão intimamente ligadas a ações culturais e artísticas. Enquanto os homens homossexuais do Rio de Janeiro se reuniam em apartamentos e festejavam de forma íntima, se assim podemos dizer, os homossexuais de Belém faziam festa no centro da cidade à vista de todos, entre os anos de 1975 e 1976. O movimento homossexual de Belém dá seus primeiros passos por meio da “manifestação sócio-cultural conhecida como Festa da Chiquita” (ROZARIO, 2016, p. 67).

Segundo Milton Ribeiro da Silva Filho (2014), a festa começou entre 1975 e 1976 e tinha o nome de Festa da Maria Chiquita. Era, até então, um evento carnavalesco organizado por homens homossexuais da cidade e que reunia boêmios, intelectuais, acadêmicos, artistas, jornalistas, fotógrafos, curiosos, entre outros. No ano de 1978, o evento se deslocou para o dia da Trasladação do Círio de Nazaré<sup>46</sup>, procissão que antecede a principal romaria no segundo domingo de outubro, e se tornou um evento profano ligado à quadra nazarena.

Durante nossa pesquisa, perguntamos aos entrevistados sobre a Festa da Chiquita. Todos participaram em algum momento da festa; apenas o Entrevistado 2 começou a participar nos anos 2000 e não deu muitos detalhes sobre seu envolvimento com o evento. Os entrevistados 1 e 3 disseram participar desde os primeiros anos e se mostraram mais envolvidos com o movimento na década de 1980, porém, atualmente não gostam de participar por acharem que o propósito da festa se alterou muito. Todos consideram a festa como sendo um lugar de encontro, um espaço público criado para a vazão de toda uma cultura homossexual. O Entrevistado 3 recorda que, na década 1970, a maioria dos encontros homossexuais em Belém eram feitos em lugares fechados, boates, clubes, casas, pensões, a Chiquita possibilitou levar para a rua uma socialização homossexual diferente em Belém. Ele reconhece que o carnaval também era um espaço interessante para os homossexuais irem às ruas, mas foi a Festa da Chiquita que uniu de forma mais efetiva e afetiva os homossexuais de Belém e os que não moravam na cidade. A Festa da Chiquita marcou a vida e cultura homossexual de Belém durante as décadas de 1980 e 1990, como nos declara o Entrevistado 3:

Então, assim, a festa da Chiquita foi uma coisa tão importante pra mim, que às vezes eu nem sei te dimensionar o tamanho da importância que foi essa

---

<sup>46</sup> Festa religiosa realizada em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, que acontece em Belém, Pará, desde 1793. Atualmente, o Círio se estende pelo mês de outubro com várias procissões, tendo o auge da festa no segundo domingo, quando acontece a procissão principal, com aproximadamente dois milhões de pessoas (IPHAN, 2006).

feita pra quem mora em Belém, porque que levou pra rua, levou para o espaço público, uma comunidade inteira que vivia só no gueto, só trancada, ou tava na boate, ou tava numa casa, e nunca tinha ido pra rua [...] fora do carnaval, no meio de uma festa religiosa, que a família paraense, né? Que nossa senhora está lá. Ah, então, diz assim: “então há devotos de nossa senhora que também são frescos”. Há também não devotos que querem uma festa pagã, uma festa profana, pagã não, profana. Por que não? Por que não chocar um pouquinho a família paraense com homens se beijando na boca no meio da praça, em frente, ao lado do Teatro da Paz? Eu adorava a Festa da Chiquita. Eu adorava, eu esperava. (Entrevistado 3, 2019, informação verbal)<sup>47</sup>.

A Festa da Chiquita marcou a vida do Entrevistado 3 por seu posicionamento político, pelo qual dava troféus aos homossexuais e prostitutas que se destacavam ao longo do ano, os prêmios Veado de Ouro e Puta do Ano. O Veado de Ouro era um troféu em formato de veado, feito de patchouli<sup>48</sup>. Apenas o Entrevistado 3 falou da Puta do Ano e não deu muitos detalhes de como era o troféu, apenas que esse prêmio era ofertado a prostitutas que frequentavam o espaço em que a festa era realizada, às imediações do Teatro da Paz, na Praça da República. De acordo com ele, os organizadores pensavam em premiar as pessoas que frequentavam o Bar do Parque<sup>49</sup>, que, para eles, eram todos “bichas e prostitutas”.

A população homossexual de Belém teria tido na Festa da Chiquita uma espécie de gênese da movimentação política em defesa dos direitos dos homossexuais. No entanto, é com a influência dos movimentos LGBT, que vinham acontecendo no Brasil desde 1980, que os grupos de Belém começaram a ganhar mais dinamismo político. Surgem, então, a partir da década de 1990, o Movimento LGBT, Grupo Homossexual do Pará (GHP), Organização Não Governamental Cidadania, Orgulho e Respeito (ONG COR), Grupo Pela Livre Orientação Sexual (APOLO), Grupo de Travestis e Transexuais de Belém (GREETA), entre outros (ROZARIO, 2016).

Porém, enquanto os homossexuais montavam seus grupos políticos e começava-se a ver um novo horizonte para a questão da homossexualidade, houve o “advento catastrófico da Aids” (TREVISAN, 2000, p. 368). Jorge Caê Rodrigues (2010) apresenta o momento da seguinte forma:

<sup>47</sup> Entrevista concedida a Jessé Andrade Santa Brígida, 17 de janeiro de 2019, Belém, Pará.

<sup>48</sup> Planta muito utilizada no Pará por seu intenso aroma. Há lojas no centro de Belém que a vendem para se colocar em guarda-roupas, em salas, quartos, etc. Também podem ser usadas para confeccionar enfeites de natal como árvores, renas (Veado de Ouro), estrelas, bolas, etc.

<sup>49</sup> Pequeno estabelecimento que fica ao lado do Teatro da Paz e que nas décadas em que os entrevistados vivenciaram a noite de Belém (1970, 1980 e 1990) era um dos únicos estabelecimentos que permanecia aberto 24 horas por dia, só fechava no sábado da trasladação do Círio, procissão que antecede a romaria principal do Círio, no segundo domingo de outubro. O local também era o ponto de encontro de muitos intelectuais, jornalistas, artistas de Belém. Atualmente continua aberto, mas não funciona mais 24 horas.

A desenfreada festa dionisíaca foi subitamente interrompida com o aparecimento do HIV. Baco sai de cena para dar lugar a Tanatos. Para muitos, a década de 1980 foi uma longa travessia, cheia de perdas, incertezas e tristezas, como se o brilho multifacetado dos globos de espelhos, imagem emblemática das discotecas que catalisavam a juventude reinventada daqueles anos, tivesse sido substituído pela luz fria e constata dos hospitais. (RODRIGUES, J. C., 2010, p. 133).

No livro *Visibilidades mediadas nas narrativas jornalística: a cobertura da Aids pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987*, Carlos Alberto de Carvalho (2009) nos oferece uma cronologia sobre a Aids no mundo e no Brasil, em especial, na década de 1980, quando a doença passou por várias especulações a respeito das causas, origens e tratamentos. Pontuamos algumas datas que nos ajudam a pensar sobre a circulação de enunciados a respeito da Aids e dos homossexuais.

Em 1981 e início de 1982, a população jovem de homossexuais dos Estados Unidos começa a apresentar doenças raras para a faixa etária. Ainda não se tinha o conhecimento do que viria a ser chamado de Aids, porém, como a doença estava se manifestando em grupos de homossexuais, os médicos propuseram denominar a nova doença como síndrome do comprometimento *gay*, uma associação direta da doença com os homossexuais (CARVALHO, C. A., 2009).

No decorrer de 1982 até 1984, a doença ganha o nome de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida-Aids, e chega ao conhecimento do público leigo no Brasil por meio de casos em território nacional, conhecimento que se intensifica em 1983. Ao mesmo tempo, os cientistas nomeiam os homossexuais, os hemofílicos, os haitianos, os viciados em drogas, as prostitutas e os africanos como sendo o “grupo de risco” (CARVALHO, C. A., 2009, p. 75). No final de 1984 e no decorrer de 1985, a ideia de grupo de risco começa a ser colocada em xeque, porém, havia um pânico geral entre a população, direcionado para as pessoas que estavam enquadradas como grupo de risco, o que já havia causado um preconceito social com essas pessoas. Entre os anos de 1985 e 1987, o termo “grupo de risco” foi alterado para “comportamento de risco” (CARVALHO, C. A., 2009, p. 76), o que vai gerar resistência a ideias dos comportamentos sexuais ditos diferentes.

Para os nossos entrevistados, o advento da Aids em Belém mudou boa parte dos costumes sociais entre os homossexuais da cidade. O preconceito contra os homossexuais ficou bem maior durante o período. Quem melhor relatou essa época foi o Entrevistado 3, que no período trabalhava em um bar no centro da cidade. Ele afirma que muitas pessoas andavam com copos de vidro em bolsas e bolsos e não utilizavam os copos oferecidos pelo bar. Quando se retiravam da mesa para ir ao banheiro, levavam o seu copo, nunca deixando-o na mesa. A

fala do Entrevistado 3 também mostra que o homem homossexual passou, discursivamente, de um possível ladrão, assassino, abusador, a uma pessoa infectada, que podia acabar com famílias, que podia infectar alguém só por estar no mesmo ambiente.

A Aids reforçou estigmas sobre a questão homossexual, pois a doença era denominada como a “peste *gay*” por muitos jornais do Brasil e do mundo afora (FAUSTO NETO, 1999). Apesar desse turbilhão, segundo Isadora França (2006), a epidemia da Aids estabeleceu uma relação mais estreita entre o Estado e os grupos de homossexuais, o que causou impactos na organização desses movimentos. Segundo Trevisan (2000, p. 370), “nunca se falou tão abertamente da homossexualidade e sua necessária visibilidade social”.

A Aids fez tremer a estrutura da imprensa *gay* e dos movimentos. A epidemia criou conflitos internos tanto nos grupos quanto nos sujeitos. De acordo com os Entrevistados 2 e 3, ver muitos amigos morrendo causou um pânico geral, pois ninguém sabia lidar com as notícias e informações que bombardeavam a imprensa da época.

Como contrapartida, a movimentação e a visibilidade dada aos *gays* na década de 1980 por cauda da Aids também ofereceu aos homossexuais uma guinada em direção ao reconhecimento social. Muitos grupos começaram a surgir na década de 1990 e alguns vinham de uma ativa batalha de conscientização sobre o vírus HIV. Segundo Isadora França (2006) e Trevisan (2000), o que também possibilitou essa visibilidade foi a percepção do mercado de que os homens homossexuais tinham necessidades particulares e que eram uma parcela significativa com potencial consumidor. Nesse momento, surgem revistas e jornais com temáticas culturais e eróticas voltadas para os homossexuais, alguns chegando a ter uma tiragem de 10.000 a 30.000 exemplares. Um desses periódicos, e que circulou nacionalmente, foi a *G Magazine* (1997-2013), revista que colocava fotos de artistas, jogadores e cantores famosos nas páginas (TREVISAN, 2000).

É nesse período que nasce a sigla GLS. Segundo Trevisan (2000), a sigla foi uma grande jogada de *marketing*, se assim podemos dizer, a respeito da ideia de consumo do público *gay*. Na década de 1990 havia o carro de alto padrão e moderno com o nome *Gran Luxo*, que podia ser identificado pela sigla GL. O mercado da época, querendo alcançar públicos mais variados como os homossexuais, se utilizou da ideia de luxo da sigla GL com a adição de S (Super). A princípio, a sigla GLS era lida *Gran Luxo Super*, o que depois ficou mais conhecida como *Gays*, *Lésbicas* e *Simpatizantes*, atendendo ao gosto de uma população que se queria ver como moderna, sendo então ressignificado para o alto consumo do público homossexual (TREVISAN, 2000).

No conceito de GLS, o fundamental foi a introdução da idéia de simpatizante, muito adequado ao convívio pluralista das sociedades democráticas modernas, que tendem a juntar num mesmo espaço físico ou ideológico pessoas antes excluídas da normalidade social. [...] Esse conceito permitiu certa flexibilização das fronteiras e, na menor das hipóteses, uma expansão do gueto. No limite, ele potencializou a ruptura do gueto homossexual, considerando que qualquer pessoa pode frequentá-lo sem apresentar carteirinha comportamental determinada, o que tende a diluir o gueto, que pode abranger uma boate e um bar GLS, mas também uma loja e até mesmo um festival de cinema. Ou seja, o conceito GLS permitiu a democratização do território guei<sup>50</sup>, atravessando barreiras e projetando homossexuais para espaços mais amplos, dentro da sociedade (TREVISAN, 2000, p. 376-377).

No entanto, a sigla GLS não agradou a alguns setores do movimento homossexual, pois existia o medo de que “a noção de identidade, tão importante para os militantes e jornalistas das décadas de 1970 e 1980” seria “gradualmente substituída pela de consumidor ou público gay” (PÉRET, 2011, p. 85). Por esse motivo, a década de noventa será marcada por uma movimentação política mais articulada e diversificada. Em 1993, surge a sigla MGL, Movimento de Gays e Lésbicas (FACCHINI; FRANÇA, I.L., 2009). No ano de 1995, a sigla foi alterada para GLT (Gays, Lésbicas e Travestis). Em 1999, o movimento alterou a sigla para GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros). Houve ainda, no percurso, algumas mudanças. Devido à hierarquia do movimento, alguns ativistas apontavam que o Bissexual era uma categoria que entrou por último e por isso deveria ir para o final da sigla, resultando em LGTB (FRANÇA, I.L., 2006). Em 2008, chegou-se novamente à sigla LGBT, assumindo os bissexuais, colocando em maior visibilidade o L (lésbicas) e personificando no T as categorias *travestis*, transexuais e transgêneros (FACCHINI; FRANÇA, I.L., 2009).

Em notícia de 15 de fevereiro de 2018, o *site Super Pride*, um portal voltado para notícias do público homossexual, publicou texto no qual informa que um movimento de homossexuais na Inglaterra propõe a troca da sigla LGBT para LGBTQQICAPF2K+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer<sup>51</sup>, Questioning<sup>52</sup>, Intersexual<sup>53</sup>, Curioso, Assexual<sup>54</sup>,

<sup>50</sup> Trevisan (2000) escreve a palavra gay usando “uei” no lugar de “ay” para abrigar o termo, uma posição política do autor.

<sup>51</sup> Pessoa que não segue o modelo de heterossexualidade ou binarismo, masculino/feminino (SHEEP, 2018).

<sup>52</sup> Alguém que está se questionando sobre a sexualidade (SHEEP, 2018).

<sup>53</sup> Termo utilizado desde o século XX para designar os que são popularmente conhecidos como hermafroditas, ou seja, que nasceram com os dois órgãos sexuais (GAUDENZI, 2018).

<sup>54</sup> Pessoa que não apresenta atração sexual (SHEEP, 2018).

Agênero<sup>55</sup>, Aliado<sup>56</sup>, Pansexual<sup>57</sup>, Polisssexual<sup>58</sup>, Friends and Family<sup>59</sup>, Two-Spirit<sup>60</sup>, Kink<sup>61</sup>). Independente da confusão de letras que pode emergir das siglas do movimento, ela mostra que se conhece pouco sobre as práticas sexuais, cujos adeptos agora se juntam em busca de força política para que tanto elas sejam reconhecidas quanto para que direitos sejam assegurados a tais sujeitos, a fim de terem uma vida como a de qualquer outra pessoa, independente da sexualidade ou prática sexual.

Dentro desse contexto político e de consumo do público homossexual, surgiram no país, na década de 1990, passeatas de rua que se tornaram o que conhecemos como as Paradas do Orgulho Gay (BRAGA; GUIMARÃES, 2014; FACHINNI, 2009). De acordo com Braga e Guimarães (2014), as Paradas brasileiras têm origem em marchas de rua realizadas nos Estados Unidos, que serviam para relembrar os acontecimentos de Stonewall Inn<sup>62</sup>. Trevisan (2000) aponta que as duas primeiras Paradas de São Paulo (1997 e 1998) reuniram poucas pessoas (9.000 ao todo), em comparação à terceira, que reuniu entre 20.000 e 30.000 pessoas. O diferencial da terceira Parada, e que se tornou um marco para as demais, foi a criação da Associação da Parada do Orgulho GLBT<sup>63</sup>, que além de regularizar-se junto aos órgãos governamentais, convidou empresários de empreendimentos GLS para dar suporte financeiro e logístico. Em troca, ofereceu divulgação durante o evento (TREVISAN, 2000). Nas palavras de Trevisan, a terceira Parada “trocou o peso-morto da passeata de estilo operário-estudantil pela afirmação através da celebração e da festa” (TREVISAN, 2000, p. 380).

O movimento não ficou isolado no sudeste do país, já que muitas outras Paradas foram acontecendo em outras cidades do Brasil. Em Belém, segundo Paulo Gadelha (2018), a primeira Parada do Orgulho LGBT ocorreu no dia 28 de junho de 2002. Na capital paraense, a Parada

<sup>55</sup> Identidade caracterizada pela ausência de gênero (SHEEP, 2018).

<sup>56</sup> Heterossexual não homofóbico (SHEEP, 2018).

<sup>57</sup> Pansexual, no século XX, indicava uma pessoa que se sentia atraída por pessoas de todos os gêneros. Com a Revolução Sexual dos anos de 1960, passou a ser a ideia de um “amor livre” (MEDEIROS; BARBOSA, P.L.N., 2015).

<sup>58</sup> Basicamente, é uma pessoa que se atrai por todos os gêneros, por Intersexuais, Transgêneros, etc. (SHEEP, 2018).

<sup>59</sup> Mantivemos esse em inglês para se encaixar na sigla. A sigla representa os amigos e a família de homossexuais que lutam com eles em prol de seus direitos (SHEEP, 2018).

<sup>60</sup> Segundo a matéria do *site Super Pride*, ao pé da letra, significa “dois espíritos”. O termo é derivado de tribos indígenas norte-americanas nas quais alguns indivíduos se vestiam e desempenhavam papéis sociais dos dois gêneros (SHEEP, 2018). Sobre esse assunto, ler *A Sociedade contra o Estado: pesquisa de antropologia política*, de Pierre Clastres (1986).

<sup>61</sup> Kink é uma gíria que significa pessoas que gostam de fetiches, indivíduos que praticam sexo de forma não convencional, com fantasia, práticas de submissão, entre outros (SHEEP, 2018).

<sup>62</sup> Bar localizado em Nova York, onde houve grandes confrontos entre os grupos *gays* e a polícia local. Graças a essas lutas, escolheu-se o dia 28 de junho como data comemorativa do Orgulho Gay para relembrar a luta política dos homossexuais nova-iorquinos (FACCHINI, 2003).

<sup>63</sup> A terceira parada foi em 1999, quando ainda não havia se acordado a sigla LGBT. Atualmente, o grupo se chama Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

surge em meio a um entrave que o movimento local teve junto à Prefeitura. Estava em trâmite a proibição da participação de *travestis* e homossexuais vestidos de mulheres no concurso de *miss* da festa junina realizada pela Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). O movimento conseguiu reverter a proibição e, como forma de comemoração, iniciou o concurso de Miss Caipira Gay e a primeira Parada do Orgulho LGBT da cidade (GADELHA, 2018).

Segundo Rozario (2016, p. 87), a Parada de Belém “descreve uma construção histórica para visibilidade e cidadania LGBT paraense” e foi de extrema importância para a organização política homossexual de forma heterogênea e diversificada, colocando em destaque a luta contra a homofobia e a exclusão social das pessoas homossexuais. Gadelha (2018), ao estudar a cobertura do jornal *O Liberal* sobre a Parada, constatou que o evento sempre recebeu atenção do jornal, alguns anos mais efetivamente do que em outros. A constatação coloca em destaque que as Paradas do Orgulho LGBT se “configuram como um acontecimento substancialmente tematizado no campo midiático” (BRAGA; GUIMARÃES, 2014, p. 59).

No capítulo seguinte apresentamos nosso aporte teórico a respeito da memória, comunicação, além de enunciações e enunciados. Percorremos os principais autores e conceitos que compõem nosso estudo, uma vez que a proposta é entender a constituição de enunciados e enunciações que emergem na memória dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* sobre a homossexualidade em Belém. Tendo isso em vista, entenderemos melhor como a memória e a comunicação dialogam e constituem um importante marco teórico-metodológico nos estudos em história da mídia.



#### **4      CAPÍTULO 3 - A ENUNCIÇÃO COMO UMA PONTE POSSÍVEL ENTRE MEMÓRIA E COMUNICAÇÃO**

É por que, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

No capítulo 1 apresentamos alguns aspectos da questão homossexual no Brasil a partir do século XX – com algumas incursões pelo século XIX –, centrando-nos, em especial, nas pesquisas promovidas por James Green que levam a outros estudos a respeito das formas de denominar os homossexuais nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, mostrando quais os principais enunciados que circulavam na época. Também apresentamos parte da questão na cidade de Belém por meio de entrevistas com homossexuais que vivenciaram o final do século XX na cidade paraense. Tal movimento nos ajudou a perceber parte das histórias dos homossexuais no Brasil e as formas como foram tratados e nomeados ao longo do século em questão.

Aspectos apontados por Green (2000) nos possibilitaram entender parte das configurações históricas a que os homens homossexuais estavam imersos no decorrer do século. A questão homo passou por várias fases de entendimentos sociais, de anormais e loucos a sujeitos políticos que buscam cada vez mais reconhecimento social e conquista de direitos.

Neste capítulo, buscaremos construir nosso pensamento teórico sobre a emergência da memória como um processo comunicacional que pode ser percebido por meio do enunciado e da enunciação presentes nos jornais impressos do passado. Acreditamos que os jornais trazem consigo rastros, vestígios, indícios de processos comunicacionais do passado que nos ajudam a entender como se constituiu parte dos sentidos sobre os homossexuais em Belém.

A proposta, então, é entender o enunciado e a enunciação como uma ponte possível entre a memória e a comunicação, em um processo que está em circulação, que ora emerge ora é silenciado, mas não se esvai, apenas circula, vindo à tona conforme as possibilidades históricas.

##### **4.1      Memória e comunicação: caminhos teóricos**

A memória é um fenômeno que desperta interesse dos mais variados campos científicos. Esses conhecimentos dialogam e, em certa medida, ajudam a entender as complexas variações da memória, individual e coletiva.

Conforme aponta Ivan Izquierdo (2018, p. 1), a memória pode ser entendida como “aquisição, formação, conservação e evocação de informações”. No nível pessoal, a memória constitui aquilo que somos, aquilo que recordamos, pois não podemos fazer aquilo que não faz parte do nosso repertório, não podemos comunicar aquilo que não lembramos ou desconhecemos (IZQUIERDO, 2018). “O acervo de nossa memória faz cada um de nós ser o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico” (IZQUIERDO, 2018, p. 1). Somos um eterno jogo de memórias, somos o que queremos lembrar e o que queremos esquecer.

É nesse ponto que podemos pensar em diferenças entre a memória humana e a memória das máquinas, por exemplo. As máquinas são programadas para armazenar e organizar as memórias. A memória no ser humano tem várias camadas de desenvolvimento, se assim pudemos chamar. Não é de tudo que lembramos, pois partimos das experiências, dos afetos, da subjetividade e intersubjetividade para formarmos memórias (IZQUIERDO, 2018).

São essas memórias que nos tornam sujeito. No entanto, de acordo com Izquierdo (2018), os sujeitos não sabem viver muito bem em isolamento, por esse motivo formamos grupos. Na visão do autor, a formação de grupos é um fenômeno intenso e importante, que torna mais necessária a interação entre os membros da mesma espécie.

Consideramo-nos membros de civilizações inteiras, e isso nos dá segurança, porque nos proporciona conforto e identidade coletiva. Sentimo-nos apoiados pelo resto do grupo, chama-se família, bairro, cidade, país ou continente. Os europeus e os americanos, por exemplo, claramente pertencem à Civilização Ocidental. Mas nela, pertencem de maneira mais entranhável aos grupos que sentem mais próximos, porque compartilham com eles uma série de memórias e uma história (IZQUIERDO, 2018, p. 2-3).

Em outras palavras, a memória e a história são componentes necessários para a interação de um grupo, pois se constituem em ligações profundas, laços que são compostos por arcabouço de afetos e experiências. Essa união do grupo, afirma Izquierdo (2018), faz emergir as memórias positivas e alegres, por exemplo, quando se fala do Brasil, evita-se trazer memórias ruins como a corrupção, a miséria, apesar de fazerem parte da memória, indo-se na direção contrária, de modo a emergirem as memórias alegres, as festas, como o carnaval, as comidas mais agradáveis de cada localidade, etc. “A identidade dos povos, dos países e das civilizações provém de suas memórias comuns, cujo conjunto denomina-se História” (IZQUIERDO, 2018, p. 3).

Por essa unidade que a memória dá a um povo, o Estado a toma como objeto conservador de vestígios de acontecimentos do passado, produzindo assim diversos tipos de documentos ou monumentos, fazendo escrever a memória na vida social. Segundo Le Goff (2013, p. 387, grifos do autor), “trata-se da aquisição de regras de retóricas e também da posse de imagens e textos (cf. *imaginação social, imagem, texto*) que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. *ciclo, gerações, tempo/temporalidade*)”.

Os atos mnemônicos estão ligados diretamente ao ato de narrar, uma função social que se encarrega de comunicar a outrem os fatos e acontecimentos sociais (LE GOFF, 2013). Ou seja, podemos dizer que, ao narrar, expomos as memórias que estão dentro de nós, uma dinâmica própria da linguagem humana. Os textos escritos funcionam como uma forma de materializar parte dessa memória.

O narrar foi, por muito tempo, a forma mais comum de trazer à tona as memórias de um povo e assim passar para outras gerações os ensinamentos, os códigos sociais, as histórias, etc. No entanto, foi com o avanço da escrita que esse cenário começou a se modificar. Por meio da escrita, passamos a materializar parte da oralidade, possibilitando que a memória esteja para além do nosso corpo e tempo. Essas memórias são escritas ou impressas no papel e passam a habitar arquivos, bibliotecas, chegando a outros corpos de forma mais sistematizada (LE GOFF, 2013), como lugares próprios da memória, mas não somente. A imprensa é uma das formas de conservar as memórias porque imprimem o tempo presente na vida social (LE GOFF, 2013).

De acordo com Le Goff (2013), os fenômenos da memória, nos seus aspectos de estruturação biológicos e psicológicos, atuam diretamente nas atividades de auto-organização. Os resultados de sistemas dinâmicos de organização existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (LE GOFF, 2013, p. 388).

Quando a memória social sofre uma perturbação como a amnésia, ocasionando esquecimento ou perda de parte da memória, temos um desconforto no corpo social, uma perda de identidade, fazendo os indivíduos cortarem os laços identitários (LE GOFF, 2013). Ou seja, é na memória que encontramos elementos que nos ajudam a entender quem somos e o que nos liga aos demais sujeitos que partilham vestígios de uma memória similar. Sem a lembrança comum, não nos sentimos parte do todo. É por isso que o controle da memória também se estabelece como uma forma de poder, já que direciona a identidade de um povo.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2013, p. 390).

Entendemos essa memória coletiva também a partir das ideias de Maurice Halbwachs, importante sociólogo que inseriu a discussão sobre memória no campo das Ciências Sociais; antes dele, a questão era discutida nos campos da Psicologia e Filosofia (SILVA, 2016). De acordo com Halbwachs (1990), as memórias individual e coletiva estão em constante interação, uma se alimentando da outra. A memória individual se constitui a partir da experiência do indivíduo com o mundo, com seus afetos e relações sociais. As memórias individuais e coletivas não podem ser separadas, pois a individual também precisa da coletiva para se afirmar. A memória individual não parte do nada nem se estabelece de forma autônoma, ela precisa da memória coletiva para se firmar como identidade do sujeito dentro de uma sociedade (HALBWACHS, 1990).

A memória pode sofrer interferências do poder político, visando a ditar rumos sobre a identidade de um povo. Le Goff (2013) pontua essa forma de utilizar a memória a favor de um poder como uma espécie de manipulação. E Halbwachs (1990) percebe esse caráter como o de edição da memória que tem a finalidade de dominação. Em suma, os dois autores nos permitem afirmar que a memória pode ser tomada a partir de um poder com finalidades políticas voltadas para afirmar a dominação de uma elite, ou classe, sobre as demais.

A memória coletiva estabelece identidades quando partilhada entre os indivíduos, pois é no outro que afirmamos nossa própria memória. O encontro com o outro determina a forma como vemos e percebemos o mundo. É a base para o entendimento e a coesão social, permitindo a união da parte ao todo (HALBWACHS, 1990).

Nesse ponto, é possível perceber as aproximações entre memória e comunicação, pois entendemos a comunicação como um processo que possibilita a troca e a interação com o outro. Vera França destaca a centralidade das interações, afirmando que “a sociedade existe enquanto relações sociais; e viver em sociedade significa, antes de tudo, a inserção e a construção cotidiana de interações de todo tipo” (1998, p. 43).

Assim, é o homem que ultrapassa a percepção direta das coisas e de si mesmo, sob a pulsão do “viver juntos”, de sua atração e suas diferenças com o outro, da emoção e sensualidade que marcam sua socialidade – é apenas esse homem que vai produzir, apreender e se reunir através de suas representações. É bem ele que vamos reencontrar enquanto ser de comunicação, produtor de discursos (FRANÇA, V. R. , 1998, p. 45).

Para que as lembranças signifiquem ou ressignifiquem, o outro precisa atuar em nossas memórias, afirmando-as por meio da partilha. Um exemplo é quando os pais conversam com o filho sobre aniversários passados. Até o momento em que materializam essa memória por meio

da fala, os elementos que a constituem estão dispersos. Tanto os pais quanto o filho contribuem com sentidos sobre essa memória, podendo deixar alguns de lado ou fazer com que novos emergjam. Em resumo,

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Esse é um ponto que destacamos do pensamento de Halbwachs (1990) sobre a memória: a existência de um grupo e como esse grupo legitima a ideia de existência coletiva. A memória é uma forma de compartilhar experiências, que podem ou não ser lembradas. Porém, comumente atribuímos a nós mesmos a memória que temos, como se fôssemos donos de tudo que dizemos lembrar. A memória que temos também são memórias de outros sujeitos que nos antecederam, que emanam da memória coletiva e que também estão presentes na nossa memória individual.

Segundo Bakhtin (1981), as palavras guardam a memória dos discursos a que pertenceram antes. Assim, as ideias e reflexões, sentimentos e paixões não partem de uma experiência isolada do eu, mas se constituem do nós (HALBWACHS, 1990). Estamos ligados, como que por fios invisíveis de memórias, uma espécie de rede que tem seus nós em várias temporalidades, com aqueles que nos cercam e aqueles que vieram antes de nós. Por esse motivo, não é possível separar totalmente a memória individual da memória coletiva, pois elas se interpenetram e dão sentido às configurações sociais e culturais.

Pensamos ser a fonte primária, mas, na verdade, percebemos que somos senão um eco do todo (HALBWACHS, 1990). Dessa forma, “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Ao nos propor a observar os jornais impressos *Folha do Norte* e *O Liberal* em busca de vestígios da memória sobre os homossexuais de Belém, estamos nos colocando como sujeitos, pesquisadores, diante de outros sujeitos, o jornal e as vozes que dele emanam – ambos sujeitos sociais que partilham uma memória sobre o assunto, respeitando as limitações que a questão apresenta, pois nos colocamos em lugares e tempos diferentes que se cruzam, aproximam-se. Diferentes, porque os contextos e as temporalidades são de fato diferentes. Cruzam-se, porque o presente é um resultado dos processos do passado. O movimento de aproximação do tempo presente com o passado é pertinente para entendermos as possíveis constituições de memórias

que os meios de comunicação utilizaram/utilizam e produziram/produzem sobre a temática homossexual.

Os estudos sobre memória realizados por Jan Assmann seguem o legado de Halbwachs (1990) e nos ajudam a perceber mais nuances sobre a questão. Assmann (2008, p. 116) define memória como sendo “a faculdade que nos capacita a formar consciência da identidade, tanto a nível pessoal como no coletivo”. Para o autor, a memória pode ser dividida em três níveis. O primeiro corresponde ao nível interno, ligado ao sistema neurológico. O segundo é o nível social, uma matéria de comunicação e interação social, o que possibilita ao ser humano viver em grupo e em sociedade; a partir dessa vivência, há a elaboração de mais memórias (ASSMANN, 2008). No terceiro nível, o cultural, temos uma memória social. Essa memória se materializa na atribuição de valores que damos aos objetos da vida cotidiana, como fotos, desenhos, pinturas, entre outros. Ou seja, a esses objetos atribuímos formas simbólicas de memórias que perpassam o tempo.

Assmann (2008) apropriou-se do conceito de memória coletiva de Halwachs, ramificou-o em memória cultural e memória comunicativa e, assim, estabeleceu mais dois níveis de entendimento para a memória.

A memória cultural é um tipo de instituição. Ela é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra. Objetos externos como portadores de memória já desempenham um papel no nível da memória pessoal. Nossa memória, que possuímos enquanto seres dotados de uma mente humana, existe somente em interação constante, não apenas com outras memórias humanas, mas também com “coisas”, símbolos externos (ASSMANN, 2008, p. 118).

No caso da memória comunicativa, ela não está ligada a uma instituição ou é propriamente lembrada por muito tempo. Ela se configura muito mais no cotidiano dos indivíduos e, segundo Assmann (2008), dura em torno de 80 anos e equivale a três gerações que interagem entre si.

A partir da ramificação proposta por Assmann (2008), parece-nos que a memória cultural e a memória comunicativa interagem na memória coletiva, sendo elas indivisíveis e complementares. Na memória coletiva, há elementos que se perpetuam, elementos que vão aderindo às novas elaborações de memórias e lembranças que vão sendo silenciadas. Quando pensamos a memória em rede, onde os pontos do passado, do presente e do futuro estão ligados, por exemplo, percebemos memórias que vêm do passado e emergem no presente para interagir com as constituições que o presente possibilita e leva ao futuro lembranças que estão, de certa forma, conectadas. Nesse movimento, é inevitável que elementos se percam e caiam em

esquecimento, mesmo que temporariamente, pois “o conhecimento que é comunicado na interação diária é adquirido por seus participantes junto com a língua e a competência social” (ASSMANN, 2008, p.122).

Segundo Michel Pollak (1992), quando analisamos memórias, sejam elas individuais ou coletivas, percebemos que há elementos que não se modificam, que estão cristalizados nos vários relatos, vestígios que se repetem e nos ajudam a construir um quadro a respeito da memória sobre a qual estamos debruçados. Ou seja, por mais que haja vários enunciados sobre um determinado acontecimento ou evento, por meio da enunciação podemos identificar repetições que nos ajudam a entender os pontos nodais da memória, uma vez que a “memória é seletiva” (POLLAK, 1992, p. 2003).

Os estudos de Pollak (1989) se basearam em relatos de vítimas de guerras na Europa. Por meio da história oral, ele percebeu que a memória coletiva, dita nacional, entra em confronto com o que ele chamou de “memória subterrânea” (POLLAK, 1989, p.4), pois esta última coloca em xeque toda a estrutura organizacional que o Estado põe em cena, por meio da qual exerce o poder de decidir o que é memória coletiva. As memórias subterrâneas tendem a aflorar na sociedade em momentos de crises, pois, mesmo silenciadas, elas estão circulando, aguardando o momento certo de emergir, momento esse propício para que as cartas ideológicas possam ser alteradas, ponto crucial na revisão da memória coletiva oficial (POLLAK, 1989). Ou seja, a partir das condições históricas do presente, a memória subterrânea emerge, seja como forma de afirmação, seja de contestação.

Não por acaso existe uma dimensão política da memória, pois quem detém a memória, detém o poder de organizar as lembranças, de contar a história de uma sociedade ou de um grupo. Segundo João Carlos Tedesco (2011, p. 18), “a memória expressa interesses em jogo”, colocando em evidência aquilo que interessa à política do momento histórico. O jogo de lembrar e esquecer é uma estratégia política que tem a finalidade de estabelecer uma matriz simbólica (TEDESCO, 2011). No entanto, nosso trabalho de memória, como antes afirmou Paul Ricoeur (2003), é de fazer lembrar, para que o esquecimento não seja uma arma de silenciamento que invisibiliza e marginaliza sujeitos à margem do poder.

O trabalho observou memórias sobre a homossexualidade na cidade de Belém. Esse movimento segue o que Pollak (1989, p. 8) colocou como uma forma de “colorir o passado”, uma vez que o momento presente nos parece propício para trazer à tona essas memórias, considerando que, atualmente, muitos discursos (contrários ou a favor) sobre os homossexuais circulam na mídia. Nosso trabalho se posiciona numa política de memória que busca oferecer subsídios sociais, conhecimento sobre quais memórias se materializaram/materializam

(cristalizadas ou não) nos enunciados/enunciações dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* e, assim, oferecer um debate mais plural e inclusivo sobre os homossexuais. Ou seja, colorir expor as memórias e deixá-las em evidência, tencionando o fazer jornalístico em busca de novos enquadramentos sobre a sexualidade.

#### **4.2 Processos comunicacionais do passado: rastros da memória**

Quando falamos de comunicação e história, estamos estabelecendo relações que vão desde a constituição de enunciados e enunciações até a elaboração e reelaboração de memórias. Para Marialva Babosa (2009), mesmo que a História tenha estabelecido um campo de atuação que visa ao passado e a Comunicação se refira às relações do presente, “ambas dizem respeito às relações humanas, seja nas sociedades presentes seja passadas” (BARBOSA, M., 2009, p. 13).

Trata-se de buscar as práticas humanas do passado ou do presente que se materializam sempre em atos comunicacionais. O que em história se faz é seguir pistas, traços, rastros, vestígios que indicam que os homens do passado passaram por aqui. Essas pistas estão sempre expressas em *atos comunicacionais* que fixam marcas duráveis (BARBOSA, M., 2009, p. 13, grifo da autora).

Não há memória e história sem sujeitos, pois são eles que, por meio da linguagem, significam o mundo, constituídos na linguagem e no tempo, deixando-se perceber pelos atos comunicacionais, mesmo que sejam rastros. Pensamos a constituição do sujeito não como uma linha reta ou cronológica, mas sim como linhas sobrepostas, em que o passado seria um conjunto de camadas primárias, mais profundas, e o presente, um conjunto intermediário e o futuro, um conjunto de camadas suspensas, de possibilidades. O sujeito emerge na inter-relação entre essas camadas, que estão em constante interação (RODRIGUES, A. D., 2016).

Por isso ao pensamos na análise do passado e da interação dessas camadas, de acordo com Marialva Barbosa (2009), posicionamo-nos a partir da nossa própria constituição de presente. Os estranhamentos que o passado nos provoca só são possíveis porque estamos dentro de uma outra configuração social e, assim, as práticas do passado nos causam estranhezas. Quando olhamos para os jornais do passado, fazemos com que o sujeito histórico do presente – o pesquisador, por exemplo – indague-se a respeito das práticas dos sujeitos históricos do passado. No entanto, esse movimento só é possível por meio das indagações que o presente nos possibilita. Para entender o sujeito do presente, é necessário entender os sujeitos que o



antecederam, pois o passado emana marcas que ajudam a constituir o que se entende como o “eu” do presente [aspas nossas].

Repetimos: o caminho que fazemos não é em busca de marco(s) zero, mas, sim, de entender quais memórias emergem nos modos de enunciar jornalístico ao longo do tempo, como ecos das vozes da sociedade e dos sujeitos que nela habitam. Com isso, podemos tensionar nosso próprio percurso: o que sobre os homossexuais nas mídias do presente nos faz querer olhar para o passado das enunciações jornalísticas sobre os homossexuais, entendendo que as enunciações dos jornais se constituem, em parte, das enunciações da sociedade belenense sobre essa temática em determinado período histórico?

Basta ligar a televisão, ler o jornal, ouvir o rádio. A presença dos homossexuais é cada vez mais evidente nos produtos da cultura pop, como séries, músicas, filmes, novelas. Podemos citar as telenovelas, que mesmo sendo ficcionais, são produtos que abordam questões presentes na vida social e não mero entretenimento sem ligações com a sociedade (NASCIMENTO, 2015). Uma outra questão pode se apresentar: a materialidade deste trabalho não é a mídia impressa? Correto. Mas quando trabalhamos a enunciação, devemos nos abrir ao contexto dela, pois, ao enunciar, o enunciador lança mão também dos conhecimentos e valores que circulam na sociedade no momento da enunciação. Por isso, podemos afirmar que, tanto nos enunciados de telenovelas como nos de jornais impressos há elementos que nos ajudam a entender a memória sobre os homossexuais, com esses enunciados se refletindo e/ou refratando, em certa medida, uns nos outros.

Como representantes da mídia do presente, as telenovelas fazem-nos indagar sobre as memórias dos homossexuais do passado que circulavam em outras mídias que um dia já foram tão populares quanto a televisão. Os jornais impressos, no nosso caso, são materialidades que nos auxiliam nesse caminho ao passado.

As telenovelas apresentam indícios de que a temática homossexual é cada vez mais parte do tecido social do presente. De acordo com levantamento realizado por Fernanda Nascimento (2015), entre 1970 e 2013, das novelas transmitidas pela Rede Globo, houve 66 que apresentaram ao menos um personagem LGBT. No total, foram 142 personagens homossexuais (homens e mulheres) e bissexuais que estiveram no horário nobre da maior rede de TV do Brasil.

A partir de Nascimento (2015), fazendo uma divisão por década, para termos uma noção de como a participação de personagens foi crescendo ao longo do tempo, temos os seguintes

dados: na década de 1960 apenas uma novela<sup>64</sup> teve um personagem homossexual; entre 1971 e 1980, foram cinco novelas<sup>65</sup>, tendo sete personagens com a temática LGBT; na década de 1981-90, foram 13 tramas<sup>66</sup> que continham 21 personagens; entre 1991 e 2000, tivemos 12 novelas<sup>67</sup> que apresentaram 20 personagens *gays*; na primeira década do século XX (2001-2010), houve 24 novelas<sup>68</sup> que, juntas, contaram a história de 53 personagens homossexuais; por fim, entre 2011 e 2013, foram 11 telenovelas<sup>69</sup> que apresentaram 40 personagens, sendo que o período foi marcado por apresentar ao público o primeiro beijo entre dois personagens homens nas telenovelas da Rede Globo, Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Frago) <sup>70</sup> (NASCIMENTO, 2015).

Os dados trazidos por Nascimento (2015) mostram que cada vez mais temos personagens homossexuais sendo representados pelas telenovelas. Todo esse crescimento do assunto nas telenovelas está ligado ao momento histórico de lutas e de conquistas políticas e sociais que os homossexuais vêm alcançando ao longo do tempo. Por mais que não tenhamos os dados percentuais do universo total dos personagens das novelas, fica evidente que a presença de homossexuais se tornou constante nas tramas da Rede Globo ao longo da história da televisão brasileira (mesmo que sejam recorrentemente colocados como sujeitos engraçados e de escape cômico, o que mantém uma visão estereotipada sobre a homossexualidade). Mas de onde vêm as formas de enunciar esses homens? A mídia é composta por sujeitos que estão imersos nas memórias que os antecedem e por isso a enunciação não é gratuita ou desconectada do mundo social e das condições históricas.

Por esse motivo, ao nos voltarmos para os jornais impressos do passado, buscamos indícios da presença social desses sujeitos, vestígios que nos ajudem a perceber quais memórias

<sup>64</sup> *Assim na Terra como no Céu* (1970) (NASCIMENTO, 2015).

<sup>65</sup> *O Rebu* (1974), *O Grito* (1975), *O Astro* (1977), *Dancin' Day* (1978), *Marrom Glacé* (1979) (NASCIMENTO, 2015).

<sup>66</sup> *Brilhante* (1981), *Ciranda de Pedra* (1981), *Partindo Alto* (1984), *Um Sonho a Mais* (1985), *Roda de Fogo* (1986), *Mandala* (1987), *Vale Tudo* (1988), *Sassaricando* (1987), *Bebê a Bordo* (1988), *Pacto de Sangue* (1989), *Tieta* (1989), *Mico Preto* (1990) e *Barriga de Aluguel* (1990) (NASCIMENTO, 2015).

<sup>67</sup> *Pedra Sobre Pedra* (1992), *Renascer* (1993), *A Próxima Vítima* (1993), *Explode Coração* (1995), *Salsa & Merengue* (1996), *A Indomada* (1997), *Anjo Mau* (1997), *Zazá* (1997), *Por Amor* (1997), *Torre de Babel* (1998), *Suave Veneno* (1999) e *Um Anjo Caiu do Céu* (2000).

<sup>68</sup> *As Filhas da Mãe* (2001), *Desejo de Mulher* (2002), *Sabor da Paixão* (2002), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Celebridade* (2003), *Da Cor do Pecado* (2004), *A Lua me Disse* (2005), *Senhora do Destino* (2004), *América* (2005), *Bang Bang* (2005), *Belíssima* (2005), *Cobras & Lagartos* (2006), *Páginas da Vida* (2006), *Paraíso Tropical* (2007), *Duas Caras* (2007), *A Favorita* (2008), *Ciranda de Pedra – remake* (2008), *Beleza Pura* (2008), *Três Irmãs* (2008), *Cama de Gato* (2009), *Caras & Bocas* (2009), *Viver a Vida* (2009), *Ti-Ti-Ti – remake* (2010) e *Passione* (2010).

<sup>69</sup> *Insensato Coração* (2011), *Morde & Assopra* (2011), *Fina Estampa* (2011), *Aquele Beijo* (2011), *Avenida Brasil* (2012), *Cheias de Charme* (2012), *Salve Jorge* (2012), *Flor do Caribe* (2013), *Joia Rara* (2013), *Sangue Bom* (2013), *Saramandaia – remake* (2013) e *Amor à Vida* (2013).

<sup>70</sup> O primeiro beijo homossexual da teledramaturgia brasileira foi no SBT, na novela *Amor e Revolução* (2011), entre as personagens Marcela (Luciana Vendramini) e Marina (Giselle Tigre).

estão contidas nos enunciados e enunciações ao longo do período determinado. Entender o passado nos auxilia a compreender melhor o tempo presente, uma vez que, como afirmou Halbwachs (1990), nunca partimos do nada ao descrever ou narrar algum fato social. A constituição da memória coletiva tangencia outras memórias que estão circulando e, segundo Marialva Barbosa,

[...] não devemos assumir apenas que o presente é o lugar da comunicação. Nada começa hoje. A mesma lógica processual que governa a reflexão em torno das práticas comunicacionais governa também o olhar histórico. O momento atual é resultado de um jogo acumulativo dos processos que começaram muito antes de nós (BARBOSA, M., 2012, p. 149).

A observação de Marialva Barbosa (2012) nos mobiliza a questionar: como conseguiríamos encontrar esse jogo acumulativo dos processos comunicacionais e históricos? Há algum lugar ou lugares em que isso se materialize? Buscamos responder essa questão nos apoiando nos estudos sobre lugares de memória de Pierre Nora (1993). Para a nossa pesquisa, o jornal impresso nos parece pertinente como um dos lugares de memória da sociedade, pois mais do que um produto de um veículo de comunicação, ele permite o registro de parte do cotidiano do passado que nos chega aos dias atuais como vestígios das relações sociais que nos antecederam.

Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória nascem e vivem na percepção de que a memória não é espontânea e que é preciso estabelecer lugares que possam armazená-la, contê-la para as futuras gerações. Na sociedade contemporânea, com aceleração das informações, ocorre um processo de esquecimento (NORA, 1993). Essa sociedade, segue Nora (1993), rompeu com o passado, o que gera um sentimento de esfacelamento da memória.

Quando Nora (1993) fala do esfacelamento da memória, nosso entendimento se estabelece a partir da analogia da memória como um tecido. Quando um tecido se esgarça, as partes não podem mais ser costuradas de forma perfeita, o tecido é danificado de tal forma que até mesmo a textura é alterada. Restam apenas vestígios do que foi aquele tecido. É nos lugares de memórias que a sociedade encontra pontos de segurança, um lugar no qual se pode retornar, mesmo que parcialmente (NORA, 1993), no qual pedaços do tecido estão expostos. Esses lugares não são apenas um lugar estático, um repositório, mas um lugar no qual se pode trabalhar a memória (NORA, 1993; BARBOSA, M., 2016).

Por esse motivo, para Marialva Barbosa (2016, p. 11), “ao se presumir que a mídia de maneira geral ou os meios impressos se constituem como lugares de memória, se está percebendo-os como espaços de articulação da memória coletiva de determinados grupos”. Ou

seja, quando nos defrontamos com os pedaços dos tecidos, colocamo-nos a constituir sentidos que emergem dos fragmentos que nos chegam ao presente.

O jornal, como esse lugar de memória, nos fornece elementos que ajudam a entender não só o passado, mas a desenhar parte do quadro de memórias sobre diversos assuntos. O jornal do passado traz consigo ecos compostos por várias vozes de uma época remota, permitindo entender a constituição de sentidos que ainda continuam circulando, elaborando novas memórias, mesmo que outras estejam silenciadas e que necessitem de um esforço maior para emergir. Para a nossa pesquisa, o jornal impresso do passado é um lugar por excelência dos ecos, dos vestígios, de linhas que conectam os sentidos em circulação, em especial, quando recorremos à parte do século XX, quando os jornais detiveram um papel importante entre os meios de informação na sociedade.

### **4.3 Jornalismo e enunciação**

Se olharmos a superfície de uma matéria jornalística informativa, perceberemos que em sua construção há, via de regra, um enunciador que se encontra na terceira pessoa do singular e que não está evidente em totalidade. Pelo menos assim é como alguns jornais buscam se posicionam, imparciais e neutros. No texto jornalístico temos vozes de múltiplas fontes, geralmente políticos, economistas, médicos, policiais, populares, entre outras. À primeira vista, o fazer jornalístico seria, por natureza, polifônico, aos moldes do pensamento bakhtiniano.

Bakhtin (1981), que, de forma inaugural, propôs a ideia da polifonia, viu o discurso como dialógico e, assim, dividido em dois planos básicos: a) constante diálogo, que não necessariamente é harmonioso e que permite a estruturação de uma cultura, uma sociedade, uma comunidade; b) relações que se estabelecem entre o “eu” e o “outro” nos processos históricos. O entendimento de dialogismo bakhtiniano nos leva a pensar a própria estruturação dos processos comunicacionais promovida por meio dos jornais impressos, “vozes autorais e a inscrição de múltiplos autores: todos aqueles que irão se apropriar do mundo que está sempre contido no texto (BARBOSA, M., 2012, p. 150).

Essas vozes se propagam, propõem sentidos nos textos jornalísticos, sendo um novo evento a cada leitura. Partimos da ideia de que o jornalismo é um lugar de circulação (FAUSTO NETO, 2010), produção de sentidos (MACHADO, 2006) e memórias (BARBOSA, M., 2016). Marcia Benetti Machado (2006) define o jornalismo como sendo um discurso que comporta o

dialogismo, a polifonia e a opacidade. O jornalismo, então, conforme a autora, tanto é produto quanto produtor de sentidos.

Um elemento presente no discurso, logo, também no jornalismo, é o caráter polifônico, que pressupõe que todo discurso é inacabado, composto por diversas vozes diferentes e concorrentes (MACHADO, 2006). Por mais que o enunciador proponha um sentido, o destinatário é que estabelece o sentido final ao enunciado (VERÓN, 2004; MACHADO, 2006). No entanto, fazemos uma ressalva, pois tanto o enunciador quanto o destinatário não são donos absolutos dos sentidos. Quando falamos de jornalismo, entendemos que ele está sujeito a toda uma lógica de produção e de rotinas particulares que o envolvem numa aura de credibilidade junto ao público leitor, processo que também tem relação com a produção de sentidos.

As memórias possibilitam a elaboração de laços que unem as pessoas e que nem sempre partem da ideia de harmonização; por isso mesmo, como vimos anteriormente, coexistem tanto a memória oficial quanto as subterrâneas. Assim, ao pensar o jornalismo como um lugar de memória, temos um espaço midiático que se alimenta de sentidos e, ao mesmo tempo, constitui novos sentidos que circulam na vida social.

O entendimento da produção do jornal pela história se alterou, recentemente, de acordo com Luca (2008), ele passou a ser visto como uma fonte primária de informações a partir da década de 1970 e a ser percebida como interventora na vida social e perpetuador de intenções que emanam do passado. Abandonou-se a ideia de que ela seria apenas um veículo de informação. Machado (2006), ao pensar jornalismo e enunciação, dentro da corrente francesa da análise do discurso, pontua mais duas características, a interdiscursividade e a intersubjetividade. A autora entende a interdiscursividade como um conceito ligado aos estudos sobre sentidos, ou seja, ele é um conjunto de formulações que já foram produzidas e que parecem esquecidas, mas que determinam aquilo que dizemos. É como se o enunciado não tivesse um autor específico, mas existisse em circulação, emergindo quando possível. É algo que se assemelha ao pensamento de Halbwachs (1990) sobre sermos um eco do que nos antecede. No caso da intersubjetividade, o entendimento é que um discurso só existe entre sujeitos, sem esse diálogo não há uma produção de sentido (MACHADO, 2006).

A intersubjetividade basta, na nossa opinião, para refutar a visão ingênua de que o discurso poderia conter uma verdade intrínseca ou uma literalidade. Ora, se o discurso depende dos sujeitos para existir, isso significa que é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê o discurso. O discurso é, assim, opaco, não-transparente, pleno de possibilidades de interpretação e, no limite, indomável (MACHADO, 2006, p. 4).

A construção dos sentidos, então, sempre será uma produção historicamente alojada no tempo e contexto de produção do enunciado. Por isso, ao estudarmos um tempo passado não estamos apenas contextualizando os enunciados, mas entendendo que enunciado e enunciação são “processos de significação histórica” (MACHADO, 2006, p. 5) e “os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de interação texto/leitor” (MACHADO, 2006, p. 5).

Apesar de não irmos diretamente aos estudos de análise do discurso, os pensamentos expostos até aqui nos ajudam a perceber como a linguagem é multifacetada. A enunciação e o discurso têm elementos que dialogam com a memória. Limitamo-nos à questão da enunciação, uma vez que “nela se efetiva, explicitamente ou não, a marca de si e do outro, possibilitando, assim, o delineamento do processo enunciativo, com suas tonalidades, aceitações e distanciamentos” (SEIXAS, 2006, p. 87).

No processo de enunciação – no qual temos a enunciação jornalística –, estabelece-se uma relação entre o sujeito enunciador e o que por ele foi dito, ocasionando a emergência do lugar histórico, social e cultural do ato enunciativo e das engrenagens do fazer jornalístico. Essa enunciação está envolta por subjetividades e lógicas produtivas que ficam armazenadas no enunciado (SEIXAS, 2006).

Para Eliseo Verón (2004), devemos atentar para a configuração da enunciação como um processo, desde a produção ao consumo de sentidos. A mensagem seria o ponto de passagem, um suporte à circulação das significações socialmente constituídas. Por isso, não há um efeito de sentido, mas todo um campo de múltiplas possibilidades de efeitos de sentidos, a serem completados pelo leitor. Por esse motivo, a relação entre o produtor e o destinatário é complexa, de modo que os sentidos não se comportariam de forma linear.

Segundo Fausto Neto (2016), essa não-linearidade dos sentidos diz respeito à própria comunicação, na qual o intercâmbio entre produção e recepção não é apenas uma troca simples ou mecânica de signos, existindo um sistema circulatório dos sentidos. Nesse circuito, há vários elementos que se interligam, cada um com seu valor e produção própria, que vão deixando no caminho vestígios enunciativos e fragmentos de uma produção de memórias vivas e ativas (FAUSTO NETO, 2016; BARBOSA, M., 2012).

Por isso, entender a comunicação como processo é também perceber uma circulação de sentidos. O sujeito desse discurso não está preso em uma situação temporal, mas em movimento, em temporalidades, construções sociais e culturais históricas. Movimentação esta promovida pela enunciação, pois como ato único, ela ressignifica o sujeito em cada relação estabelecida com o destinatário (VERÓN, 2004).

A enunciação e o enunciado não podem ser separados, um provém do outro (VERÓN, 2004). Para Verón (2004), o enunciado está ligado ao que é “dito” e a enunciação, ao “como é dito”, às formas do dizer.

Convém não separarmos o conceito “de enunciação” do par do qual ele é um dos termos: *enunciado/enunciação*. A ordem do enunciado é a ordem do que é *dito* (aproximadamente poder-se-ia dizer que o enunciado é da ordem do “conteúdo”; a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao *dizer* e suas modalidades, os modos de dizer) (VERÓN, 2004, p. 216, grifos do autor).

Assim, por mais que haja várias formas de ver ou vivenciar uma notícia nos jornais, cada construção enunciativa se constitui como única. Tudo no jornal é resultado da enunciação, de modos de dizer (VERÓN, 2004). Nesse caso, ao olharmos para um jornal impresso, ele em si é um enunciado, composto por uma enunciação que foi construída dentro de uma lógica de posicionamento de textos, imagens, publicidades/propagandas e configuração gráfica própria, como espaços em branco, linhas, etc. Esse entendimento também pode ser percebido na composição interna dos textos enunciados pelo jornal, na própria construção enunciativa de uma matéria e seus elementos correlacionados, como imagem, infográfico, em descrições de cenários e personagens. Esses elementos que encontramos no fazer jornalístico também estão circunscritos por memórias que emergem por meio da linguagem, materializando-se por meio do enunciado, composto pelos modos de dizer, pela enunciação.

No jornal *Folha do Norte* de 1921, podemos perceber na enunciação indícios a respeito da memória de homossexuais na festa carnavalesca daquele ano na cidade de Belém.

O bloco intitulado “Olha a Onça” é composto de rapazes chics e, acostumados como são a respeitar as famílias, continuarão hoje a visitar os clubs dançantes, a troçar, criticar, amenamente, os que lhe cahirem em desagrado.

A “Onça” pandegará na unha, fazendo o bonitinho, seu contrariar, sem enfezar ninguém.

Rapaziada:

“Não tenha medo da Onça

Nem da pinta que ella tem” (OLHA A ONÇA, 1921, p. 4, grifo nosso).

Nesse trecho da *Folha*, é apresentado um bloco carnavalesco chamado *Olha a Onça*. Conforme a enunciação do jornal, os rapazes que o compõem são *chics* e não incomodam as *famílias*. O jornal alerta que não há motivo de medo nem da onça nem da *pinta* que ela tem. Na enunciação do jornal, podemos encontrar alguns traços indiciários da presença de homossexuais no bloco.

Na construção enunciativa, o jornal usa o adjetivo *chics* para se referir aos rapazes do bloco, que remonta à sofisticação, mesma lógica enunciativa de *frescos*, por mais que sejam

enunciados que ofertem sentidos aparentemente diferentes. No início do século XX, os homossexuais eram tidos como pessoas elegantes, sofisticadas, por isso a utilização de *fresco*, que vem da “frescura”, de se portar com elegância. Ligação que estabelecemos entre *chics* e *frescos*, ambos ofertando o sentido de “frescura” [aspas e grifos nossos].

Podemos destacar, também, a questão do enunciado *Onça*, que propõe um sentido de gênero feminino, mesmo havendo a onça macho. Quando se utiliza a palavra onça, o sentido se movimenta para o feminino. Temos, então, a partir de onça, sentidos sobre animal, felino, selvagem e agressivo, que ataca com as *unhas*. Esse ataque com as *unhas* nos parece propor o sentido popular das brigas entre mulheres, em que no lugar de socos – que seriam das brigas masculinas –, usam as umas para se arranharem umas às outras. Ou seja, um possível efeito de sentido seria de que esses rapazes *chics* são onças, felinas que podem atacar com as unhas a quem eles desgostarem.

Seguindo a constituição enunciativa proposta pelo jornal, podemos perceber sentidos que sugerem um certo desconforto em relação ao bloco, uma vez que o jornal promete que os rapazes não iriam incomodar as famílias, ou seja, parece-nos emanar sentido de ultraje, de anormalidade, pois a família parece ser o lugar do normal e que não deve ser incomodada. O enunciador, em tom jocoso, propõe um espaço que suspende, temporariamente, as normas morais da época.

As expressões “troçar” (zombar) e “respeitar as famílias” permitem-nos perceber uma estratégia enunciativa que posiciona memórias sobre os homossexuais como sendo sujeitos que, de alguma forma, causam desconforto a partir da sua zombaria, desconforto que pode atingir uma instrução (família) que mobiliza a memória da ordem heterossexual e que consigo acarreta os elementos sagrados da própria ideologia cristã (sagrada família).

Ao enunciar sobre determinado assunto, o jornal se posiciona como enunciador e coloca em circulação sentidos a respeito do objeto descrito. Retomemos o trecho da *Folha do Norte*, acima. O jornal utiliza a estratégia de descrever os sujeitos que compõem o cenário da festa, apresenta de forma sutil as características corporais a partir da relação com a onça e com a sofisticação (*chics*). E, ao pensar o fazer jornalístico que busca destacar dos acontecimentos cotidianos aquilo que é diferente, inusitado, a aberração, o novo, podemos concluir que a presença dos rapazes *chics* nas ruas preenche esse valor do jornalismo, que o homem dito “normal” não preenche, por não ser algo novo. No entanto, o moço (rapaz) *chic*, em público, se constitui como algo que ganha a página do jornal.

Ao constituir uma enunciação, o enunciador descreve personagens sociais do cotidiano do tempo histórico do momento da enunciação, promovendo a circulação de memórias sobre o



assunto, numa relação interdiscursiva. Por isso se torna pertinente a observação de Netília Seixas (2006), quando pensamos a questão da enunciação jornalística:

É justamente pelo processo de enunciação e, no nosso caso, de enunciação jornalística, que podemos notar, por exemplo, a maior ou menor proximidade do sujeito enunciador em relação ao que ele diz. Falando de um determinado lugar histórico-social e cultural, sujeitos às normas do fazer profissional e – por que não? – também da sua própria subjetividade, o jornalista e o jornal deixam marcas de sua posição naquilo que dizem, a cada dia, em graus de explicitude variados (SEIXAS, 2006, p. 88-89).

O jornalismo tanto produz conhecimento sobre a vida social e o mundo, quanto reproduz conhecimento de outras instituições do âmbito social. “O conhecimento não pode ser apenas transmitido ou repassado, ele é recriado” (MACHADO, 2006, p. 4). Por essa perspectiva, podemos compreender que o jornalismo se utiliza de memórias coletivas, imersas na cultura e significações que estão em circulação na sociedade, reforçando-as ou silenciando-as, assim, contribuindo para novas memórias e novos conhecimentos.

Ao produzir uma notícia, o jornal realiza um trabalho de enunciação, que movimenta sentidos. O próprio ato de enunciar já é uma tomada de posição que investe o dito a partir da perspectiva do enunciador (FAUSTO NETO, 1999). Ou seja, o trabalho jornalístico está imerso em engrenagens próprias que ajudam a constituir os enunciados, pois “o trabalho jornalístico é concebido sempre a partir de mensagens que ganham forma de matérias segundo economias específicas a cada sistema e/ou veículo de comunicação, que produzem dimensões classificatórias da realidade” (VIZEU, 2003, p. 111).

O que discutimos neste capítulo ajuda a acrescentar à analogia da memória como um cobertor de retalhos. Mesmo cada pedaço tendo tamanho e cor diferente, o cobertor só pode funcionar como objeto que aquece (faz sentido) quando costurado com linha (a própria comunicação). O retalho sozinho é apenas um fragmento da memória. A partir da costura, do encontro com outro retalho é que o cobertor começa a se formar, portanto, que sentidos se completam. No entanto, a costura nem sempre é feita da mesma maneira. Dependendo de como é feita, o cobertor se estabelece como resistente ou logo rasga. A forma de costurar é a enunciação, que, dependendo de como é feita, traz à tona sentidos já dados e/ou produz novos sentidos que compõem a memória.

Seguimos no aprendizado de entender a costura desse cobertor. Seguimos atrás de vestígios sobre os homossexuais por meio do jornal impresso: uma mesa de costura ou de enunciações?

No próximo capítulo fazemos um breve percurso da imprensa na cidade de Belém no século XIX, passando pelos principais jornais até a chegada da *Folha do Norte* e depois *O Liberal*. Abordamos melhor a história desses dois periódicos, passando pela fundação, a história dos proprietários, suas principais características e a atuação deles na vida social e política da cidade de Belém. Em seguida, apresentamos os dados coletados por meio da metodologia proposta a fim de observamos as memórias sobre homens homossexuais nos jornais e partimos para os tópicos de análise elaborados a partir dos enunciados e enunciações do material.

## 5      **CAPÍTULO 4 - PRODUÇÃO ENUNCIATIVA DA FOLHA DO NORTE E DE O LIBERAL SOBRE OS HOMENS HOMOSSEXUAIS EM BELÉM**

Neste capítulo, mostramos a trajetória dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* em Belém, abordando aspectos como os proprietários, os enlances sociais e políticos, a fim de realizar uma breve contextualização para entender melhor a questão social e histórica dos periódicos e a importância de sua circulação na cidade.

Em seguida, desenvolvemos a análise do material coletado ao longo do século XX nos jornais escolhidos, para perceber quais enunciados e enunciações sobre os homossexuais emergem nos periódicos selecionados.

### 5.1    **O caminho até Belém: 14 anos nos separam da primeira imprensa do Brasil**

A imprensa em Belém começou no dia 22 de maio de 1822, com o jornal *O Paraense*, fundado pelo bacharel em Direito Filipe Patroni. A história da imprensa na cidade de Belém inicia apenas 14 anos após a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro (1808), que trouxe em sua mala os primeiros prelos oficiais do Brasil.

A imprensa do Pará nasce em meio aos clamores da Revolução Vintista<sup>71</sup>, que desde o ano de 1821, em Portugal, tentava derrubar a censura imposta às colônias portuguesas a respeito da produção e circulação de jornais locais, entre outras reivindicações (COELHO, 2008). Como Felipe Patroni havia vivenciado as lutas da revolução, ele trouxe em *O Paraense* uma gama de lutas que eram expressas nos textos inflamados em prol do povo do estado e contra os poderes locais (COELHO, 2008).

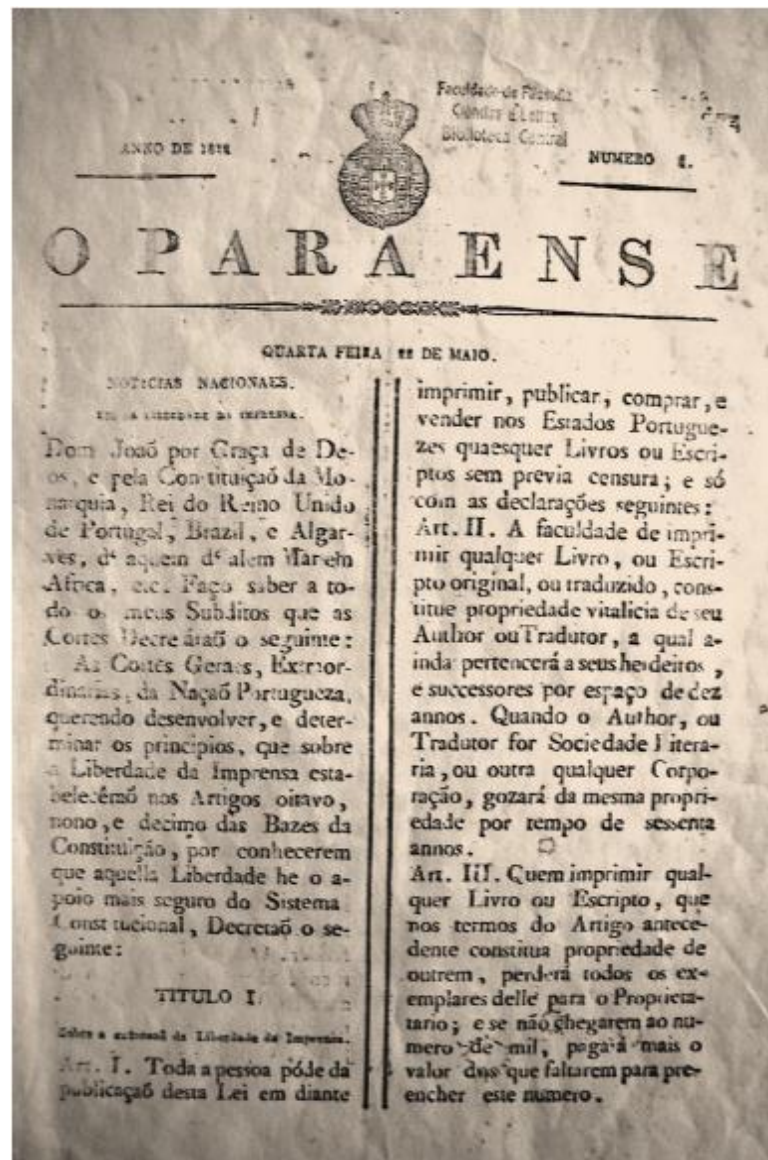
O futuro criador de *O Paraense* possuía uma visão de mundo contingenciada pelos valores eleitos pelo liberalismo como inerentes ao homem civil e seus direitos naturais, daí o porquê de o projeto intelectual, mas também a estratégia política de Filipe Patroni no Pará tenham sido reflexivos da sua condição de sujeito de um tempo de rupturas (COELHO, 2008, p. 29).

*O Paraense* era um jornal com quatro páginas, dividido em duas colunas e que tinha como imagem um brasão português no topo da página. Era simples, com poucos espaços em branco, leitura verticalizada, sendo publicado na quarta-feira e no sábado.

---

<sup>71</sup> Movimento político iniciado em Portugal a partir da Revolução do Porto de 1820, defendia ideais liberais e iluministas (SOUZA JÚNIOR, 2001).

Figura 1 - O Paraense, 22 maio 1822, p. 1.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna/ Foto: Netília Silva dos Anjos Seixas.

De acordo com Seixas (2011), a implantação e manutenção da imprensa no Pará foi algo custoso, haja vista que como colônia o Brasil era dependente de produtos industrializados que vinham de Portugal. Por esse motivo, os jornais ao longo do país tinham formato muito semelhante, uma vez que pouco se tinha de tecnologia que possibilitasse maiores configurações gráficas e a utilização de imagens (SEIXAS, 2011).

Segundo Geraldo Mártires Coelho (2008), Fillippe Patronni era um paraense conhecido, em especial pelas autoridades da província, porque era um grande opositor da administração local, o que lhe rendeu severa perseguição na cidade (COELHO, 2008). Em uma de suas idas a

Portugal, discursou em frente ao Rei e expôs as críticas de forma acalorada a respeito da administração pública da província. Isso rendeu ao fundador de *O Paraense* sua prisão em Portugal, o que impediu a volta a Belém (COELHO, 2008), ficando assim no comando do jornal somente até a terceira edição do periódico (BRÍGIDA; SILVA; SEIXAS, 2013).

O comando do jornal foi assumido pelo cofundador, o cônego Batista Campos, que, segundo o historiador Vicente Salles (1992), destacou-se como um nome importante do jornalismo da época, pois trouxe aos textos publicados na imprensa dúvidas a respeito do poder vigente na província, como também possibilitou ampliar a discussão a respeito da Independência do Brasil.

A junta Provisoria do Governo civil d'esta província, desejando melhorar a sorte do seus Povos, evitando-lhes os males, e promovendo-lhes o bem: o conhecendo que o unico meio de chegar á este desejando fim, he o cõsul todo mesmo Povos, necessitando que V. V. Ss. depois de ouvirem por escrito todas as camaras do seu governo hajão de forma, e remover à esta junta hum plano mui circustansiado, e que o mostre o estado a actual d'essa Commarca se tem melhorado, ou decahido, e quães as causas da sua decadencia, qual o seu comercio, e se este se acha em progressivo augmento, ou diminuição, e quaes as causas que influem para esta; o estado em que achão as rendas publicas; e quaes os motivos de have-la; quaes são os males que em geral pesão sobre os seus Habitantes e os meios de remove-los; e os de promover à sua felicidade espera esta junta que V. Ss. dem à este negocio a maior actividade, a fim de poder levar o seu resultado à presença do Soberano, e Augusto Congresso Nacional (ARTIGO DE OFFICIO, 1822, p. 1).

Batista Campos, assim como Filipe Patroni, foi perseguido pelo poder provincial, o que o levou a deixar o comando do periódico e, segundo Salles (1992), a esconder-se em localidades distantes de Belém. O comando do jornal passou para o cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra, que ficou à frente do jornal até o seu empastelamento, na 70ª edição, em fevereiro de 1823 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985; COELHO, 2008). O material e a tipografia de *O Paraense* serviram para impressão do jornal *O Luso Paraense*, que tinha como principal missão divulgar informações administrativas da província (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

É por esse embate político que *O Paraense* abriu uma importante porta para vários outros periódicos, alguns mais voltados para manutenção do poder monárquico, outros mais voltados para a revolução de ideias e a independência do Brasil. Segundo o historiador Aldrin Figueiredo (2008), após *O Paraense*, em meados do século XIX, viu-se crescer a implantação da imprensa em outras cidades da província e a palavra impressa passou a circular com mais intensidade, mesmo que ainda muito restrita ao público letrado. Os jornais chegaram ao

conhecimento das camadas mais simples por meio da oralidade, hábito comum à cultura dos não letrados do século XIX (BARBOSA, M., 2009).

Outros jornais com posicionamentos políticos surgiram em Belém. Em 1834, surgiu o jornal *A Sentinella Maranhense na Guarita do Pará*, que teve um importante papel crítico, semelhante ao que foi iniciado por *O Paraense*. *A Sentinella* veiculou críticas e denúncias a respeito do poder autoritário da administração da província, colocando em suas páginas a insatisfação do povo paraense com o poder da elite local (SANTA BRÍGIDA; SILVA; SEIXAS, 2013).

As críticas, expostas nos jornais da primeira metade do século XIX, sofriam grande repressão da administração da época. Em suma, o jornal colocava em xeque todo o poder da província, tanto que, segundo Aldrin Figueiredo (2008):

No correr do século XIX, vários governos e grupos sociais tentaram conter o desenvolvimento da imprensa local, justamente porque a informação e a polêmica dificultavam o exercício do poder. Foi assim que a história da imprensa na Amazônia esteve muito relacionada, desde seu início, com os conflitos entre os proprietários de folhas e a engenhosidade dos legisladores, que não cansavam de criar regulamentos e dispositivos destinados a limitar a liberdade da imprensa e entravar a difusão dos noticiários. (FIGUEIREDO, A., 2008, p. 36).

A articulação que os jornais mais críticos fizeram nesse período constituiu uma base sólida que foi incorporada ao movimento da Cabanagem<sup>72</sup>. Infelizmente, após a derrota dos cabanos pelas tropas oficiais, houve uma queda dessa imprensa. Os periódicos assumiram um papel mais burocrático, preocupando-se com a divulgação dos atos da administração pública.

O maior expoente dessa imprensa burocrática do período foi o jornal *Treze de Maio* (1840-1862), que se tornou um dos mais importantes jornais pós-Cabanagem. Ele foi inaugurado em 13 de maio de 1840, quatro anos após o fim do movimento dos Cabanos (1835), e por esse motivo a data e o nome foram escolhidos como uma homenagem à derrota das revoltas em Belém (SEIXAS; SILVA; PAULA; FERNANDES, 2011). Segundo o próprio jornal, ele marcou a volta da “ordem” à capital do Pará (SANTA BRÍGIDA; SEIXAS, 2013), uma vez que era comum os jornais e os debates da época afirmarem que a cidade teria sido devastada pelos combates (BEZERRA NETO, 1999).

---

<sup>72</sup> Movimento pós-Independência do Brasil, considerada uma das maiores lutas políticas ocorridas no Pará, quando as classes desfavorecidas aliaram-se às camadas que lutavam por maior poder político, para reivindicar melhores condições sociais (BEZERRA NETO, 1999), sendo esse o único movimento no Pará em que as classes populares conseguiram alcançar o poder (SALLES, 1992).

O periódico foi um órgão oficioso, noticioso e que substituiu o jornal *Folha Comercial do Pará*<sup>73</sup>. Inicialmente era bissemanal, sendo publicado na quarta-feira e no sábado. Em primeiro de outubro de 1855 se tornou diário. Foi fundado por Honório José Santos, sendo impresso em tipografia própria (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 30). Apesar de o jornal ter iniciado com um formado rígido, burocrático e com assuntos oficiosos, ele foi, ao longo de 22 anos<sup>74</sup>, modificando-se e também trazendo à imprensa paraense um novo formato de notícias. Abandonou, ao longo do tempo, seu papel burocrático e trouxe textos que abordavam o cotidiano da cidade.

Na segunda metade do século XIX, surgiu o primeiro jornal diário de Belém, em 1853, o jornal *Diario do Gram-Pará*. O periódico foi fundado por José Joaquim Mendes Cavalleiro e tinha como redator Antonio José Rabello Guimarães, ambos portugueses (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). O *Diario* trazia sua descrição no subtítulo: “comercial, noticioso, literária”. Houve outros proprietários após Mendes Cavalleiro ter sido deportado para Portugal, em 1865, por motivos políticos. Foram eles: João Corrêa dos Santos Almeida, Frederico Carlos Rhossard, Mariano Antonio Brasil, Juvêncio do Espírito Santo, José Ferreira Cantão, Antônio Gonçalves Nunes, Antônio Ricardo de Carvalho Penna, cônego Mancio Caetano Ribeiro, Thimoteo Teixeira, Bento Aranha e o cônego Siqueira Mendes (BIBLIOTECA DO PARÁ, 1985, p.43).

O *Diario do Gram-Pará*, ao longo dos 39 anos de existência, teve como característica a forte ligação com a política e mudou três vezes os dizeres de pertencimento partidário - Partido Conservador, Partido Católico e, por último, Partido Nacional (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Publicava mais notícias do exterior e de outros estados do Brasil. Seu último número foi publicado no dia 15 de março de 1892: sem mais explicações, apenas trazia uma frase informando que deixaria de circular no dia em questão.

Na segunda metade do século XIX, vários outros periódicos circularam em Belém, com periodicidades diversas (diárias, quinzenais e mensais) e durações também variadas, desde poucas edições até número bem maior, em cinco, dez ou vinte anos (SEIXAS, 2012b)

Ainda nesse período, o formato revista começou a ser produzido na cidade de Belém. Como o formato era semelhante aos jornais, algumas revistas não foram catalogadas como tais. Uma das revistas expoentes do momento histórico do final do século oitocentista foi *A Semana*

---

<sup>73</sup> A *Folha Comercial do Pará* (1837-1840) foi o primeiro jornal publicado em Belém após o movimento da Cabanagem, criado por Honório José dos Santos.

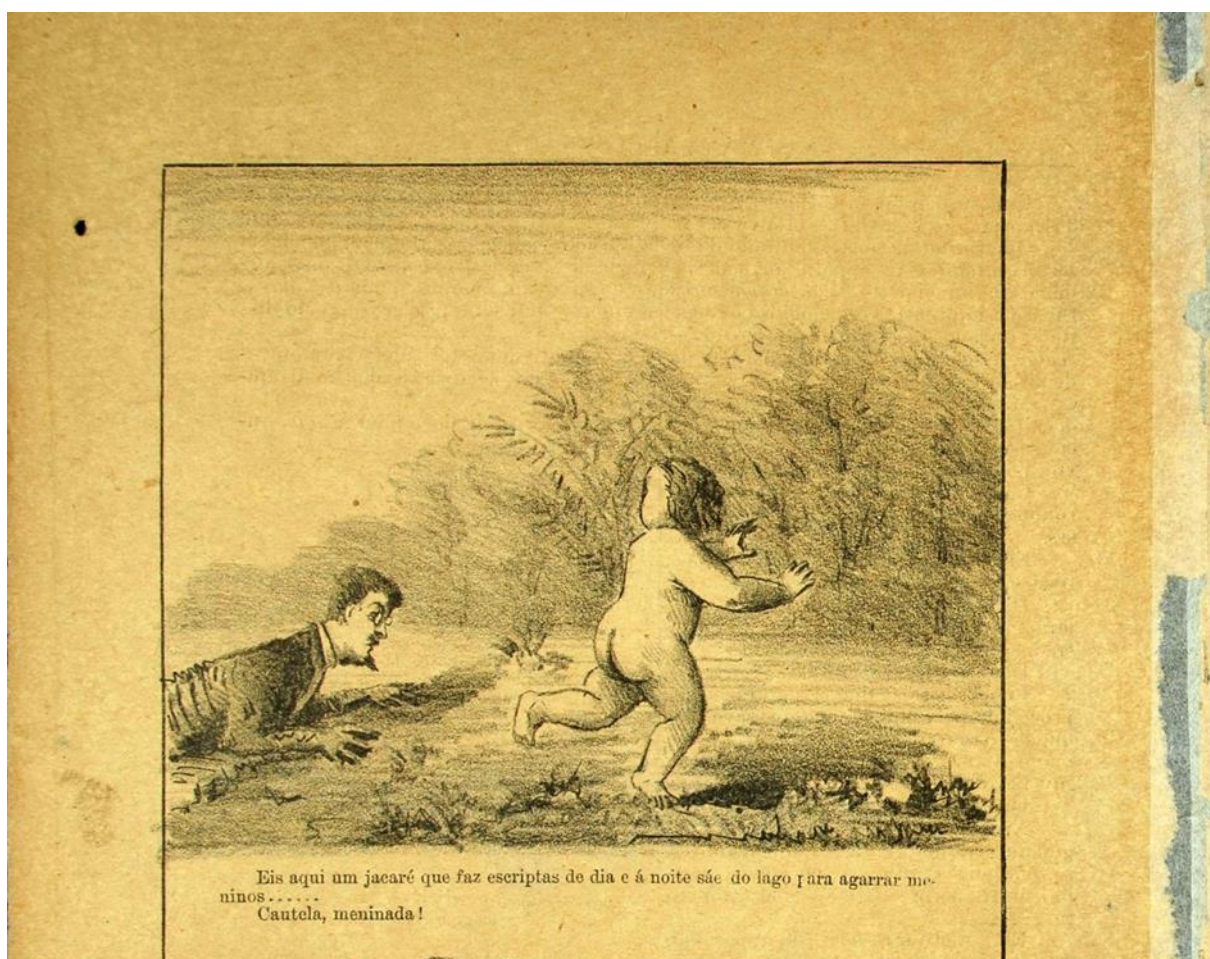
<sup>74</sup> O período de 22 anos é apontado pelo Catálogo de Jornais da Biblioteca Pública do Pará. O jornal apresenta diversas falhas, não havendo a coleção completa para consulta, mas é possível ter uma visão geral das modificações ocorridas na imprensa no período.



*Ilustrada* (1889 a1890). Segundo Seixas e Rodrigues (2017), foi um dos periódicos do formato revista que mais se destacou no período, uma vez que explorou a ilustração como recurso enunciativo como forma de sátira dos costumes e de pessoas importantes da cidade.

O projeto de pesquisa A História da Imprensa no Pará conseguiu, em parceria com o Museu da Universidade Federal do Pará (MUFPA), digitalizar os periódicos que estão no acervo Vicente Salles, material que pertence ao Museu. Entre esses periódicos, o trabalho digitalizou e observou a revista *A Semana Ilustrada*. Durante a observação, percebemos que uma das ilustrações relata uma história de um sujeito homossexual que, segundo a revista, era um escritor da cidade.

**Figura 2** - *A Semana Ilustrada*, 1 ago. 1887, p. 4.



Fonte: Museu da UFPA, Coleção Vicente Salles

A revista usava uma estratégia enunciativa que articulava os elementos da ilustração e do texto. A Figura 2, encontrada na última página da revista, apresenta uma ilustração onde podemos ver algo que parece ser um homem besta, semelhante às criaturas fantásticas da



mitologia grega. No caso da ilustração referida, um meio homem e meio jacaré, que parece estar saindo da beira de um rio e indo atrás de uma criança nua, que se afasta dele. Ao fundo, percebemos um cenário semelhante a uma floresta. No texto, abaixo da ilustração, a revista enuncia: “Eis aqui um jacaré que faz escriptas de dia e á noite sáe do lago para agarrar meninos...”. Emergem nesse enunciado/enunciação duas memórias cristalizadas a respeito da homossexualidade no século XIX e que já debatemos ao longo do capítulo 1. A primeira, refere-se aos homens homossexuais como *fachono*, sujeitos adultos que se interessam e tem relações com rapazes mais jovens e aqui lembramos o próprio caso de Aleixo e Amaral no livro *O Bom Criolo*. A segunda memória remete às lembranças dos atos sexuais entre dois homens ligados à bestialidade, selvageria, incivilizados, elemento que é enunciado na composição de o todo cenário da ilustração.

Apesar de *A Semana Ilustrada* não fazer parte do nosso *corpus* de análise, a imagem evidencia bem duas características importantes que nos interessa. A primeira, diz respeito à variedade de assuntos e temas abordados nos jornais impressos do Pará, tanto no século XIX como no século XX. A segunda, ajudar a perceber como essa imprensa foi variada na produção de enunciados a respeito de homossexuais. Enunciados/enunciação que fazem emergir memórias, como vozes que nos chegam do passado.

Na segunda metade do século XIX, o interior do estado também participou com a produção da palavra impressa. Aproximadamente 134 jornais foram produzidos e circularam no interior do Pará<sup>75</sup> (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). A duração desses jornais não era tão extensa como dos jornais de Belém. Enquanto Belém teve jornais que duraram décadas, o interior teve jornais que duraram 19 anos, no máximo. Esses periódicos eram bem diversificados nos assuntos, preferindo pautar temáticas voltadas para a própria localidade e, menor número, textos que traziam notícias do exterior do país. A imprensa interiorana estabeleceu uma rede sólida de troca de informações entre as cidades pequenas do Pará e que permitiram a circulação mais intensa desses jornais (SANTA BRÍGIDA; SEIXAS, 2017).

Diante desse breve percurso da imprensa no Pará no século XIX, podemos adentrar na história do primeiro jornal que compõe a pesquisa, a *Folha do Norte* (1896-1974). O periódico surgiu no final do século e acompanhou boa parte do século XX, sendo um dos jornais mais duradouros do estado e tendo, atualmente, uma das coleções mais completas disponíveis para consulta na Biblioteca Pública Arthur Vianna.

---

<sup>75</sup> Não se tem ao certo o número de jornais que circularam nas cidades do interior, pois os dados dos acervos entram em contradição em relação a alguns títulos. Para mais informações ver *Panorama da Imprensa na Microrregião de Cametá* (SANTA BRÍGIDA; SANTOS; SEIXAS, 2018.)

### 5.1.1 *Folha do Norte* nas ruas de Belém

A *Folha do Norte* começou a circular em Belém no dia 01 de janeiro de 1896, já como um jornal diário, composto por quatro páginas, seis colunas de texto e medindo 64x43 cm. A *Folha* trazia no alto da página, logo abaixo do nome, a afirmação de ser independente, noticioso, político e literário. O periódico foi fundado por Enéas Martins<sup>76</sup> e Cipriano Santos<sup>77</sup> (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Era um periódico opositor do então intendente municipal de Belém, Antônio Lemos<sup>78</sup> e dizia ter o objetivo de “lutar pelo desenvolvimento político e social da região” (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, p. 154). O periódico era tido como um jornal moderno, mesmo ainda tendo algumas características de jornais do século XIX, como pouco espaçamento entre o texto, letras pequenas e um estilo sisudo. Segundo Seixas (2011), nos anos de 1920, a *Folha* já apresentava mais regularidade na utilização de imagens e fotografias. O estilo sisudo só começa a mudar a partir de 1930, quando o jornal muda a estrutura de apresentar as notícias e passa a ser mais semelhante a jornais mais atuais, como, por exemplo, apresentando chamadas de maior destaque na capa sobre textos que eram encontrados dentro do jornal (CARVALHO, V. B., 2013).

---

<sup>76</sup> Enéas Martins nasceu em 1872, sendo natural da cidade de Cametá, no interior do Pará. Por volta de 1893, já formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Recife, assume o cargo de professor de História no Liceu Paraense. Entre 1894 e 1896 foi deputado federal pelo Pará, integrante do Partido Republicano. Na vida política, chegou a ser governador do Pará de 1913 a 1916, quando foi deposto por um levante militar. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1917, onde faleceu no dia 2 de janeiro de 1919 (SETEMY, 20[--]a).

<sup>77</sup> Cipriano Santos nasceu em Belém em 1859, filho do proprietário dos jornais *Treze de Maio* e *Jornal do Pará* (1862-1878). Era filiado ao Partido Conservador, com o advento da República passou para o Partido Radical. Na vida política, foi senador, entre 1894 e 1896, e intendente municipal de Belém em 1928, mesmo ano em que veio a óbito (CRUZ, 1992; BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

<sup>78</sup> Antônio Lemos nasceu em 1843 no Maranhão e serviu na Armada do Maranhão como escrevente. Chegou em Belém em 1869 para servir na Companhia de Aprendizes de Marinheiros do Pará (SARGES, 1998). Chegou ao cargo de intendente municipal no ano de 1889, sendo reeleito cinco vezes e ficando no cargo até 1911. No mesmo ano, ao renunciar ao cargo, foi para o Senado. No ano seguinte, em 1912, devido a protestos na cidade de Belém, teve sua residência e o prédio do jornal *A Província do Pará* (jornal que havia participado da fundação em 1876) incendiados. Faleceu no Rio de Janeiro em 1913 (SARGES, 1998; CRUZ, 1992; BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Figura 3 - Folha do Norte, 5 de jan. 1901, p.1.



ANNO 6.º JORNAL DA MANHÃ, QUOTIDIANO E INDEPENDENTE PROPRIEDADE DE S. MARTINS & C.ª BELÉM DO PARÁ, 9 de Janeiro de 1901

AVISOS ESPECIAES

Supremo e organo, a guerra e a paz... A guerra e a paz...

Na ciencia e na vida

Um facto bastante recente e digno de ser mencionado...

A filha morta

Um filho, a sua filha e a esposa... A filha morta...

GAZETILHA

—De 7 a 8 horas da manhã... GAZETILHA...

AS CLASSES LABORIOSAS

Opinão de um dos seus membros... AS CLASSES LABORIOSAS...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

OS AGRICULTORES

Um bojo de agraristas... OS AGRICULTORES...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

MORDE PALHA

Historia, a 1 hora da tarde... MORDE PALHA...

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Devido a perseguições políticas, Eneas Martins mudou-se para Manaus, em 1910, e passou o comando do periódico para Cipriano Santos. Martins retorna a Belém no ano de 1913 e assume o posto de governador do Pará, por esse motivo, resolve vender o jornal Folha do



*Norte* para Cipriano Santos. No ano de 1917, sobe ao cargo de governador do estado Lauro Sodré<sup>79</sup>, ajudando Cipriano Santos a se eleger como senador estadual e intendente municipal de Belém. Como passou a se dedicar exclusivamente à vida política, Cipriano vendeu o jornal para Paulo Maranhão, que na época já trabalhava no jornal.

Paulo Maranhão, de acordo com o neto, Haroldo Maranhão (1998), era um homem simples e rigoroso que estabeleceu morada nos altos da gráfica do jornal *Folha do Norte*, que ficava na Rua Gaspar Viana, esquina com a Travessa Primeiro de Março, no centro de Belém. Podemos perceber, por meio das cartas de Haroldo ao irmão Ivan Maranhão, que a família se dedicou ao jornal.

Ivan, irmão e amigo, não voamos atrás da mosca azul da política. Sempre pensamos em jornal e em jornalismo, profissão que elegemos – seria natural –, até porque habitávamos os altos de uma redação e de um parque gráfico. Começamos do bê-á-bá, lendo ou cotejando as provas de paquê que subiam da oficina (MARANHÃO, 1998, p. 25).

Haroldo Maranhão relata que, durante a ditadura de Vargas (1937-1945), o jornal passou por censura promovida pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP)), que na época tinha como censor Maurício Coelho de Souza. No final da ditadura, quando se começava a abertura política, afirma ter sido procurado pelo Médico Agostinho Monteiro (fundador da Esquerda Democrática) para assumir o cargo de deputado. Segundo Haroldo Maranhão (1998), a oferta feita por Monteiro englobava a família Maranhão, por ela comandar a *Folha do Norte*.

Sempre fomos apartidários. Jamais nos filiamos a partido algum, embora Cléo Bernardes sustentasse que eu assinara ficha de filiação ao Partido Socialista Brasileiro, o que não é verdade. Resisti sempre com a minha cultura de almanaque, atrás de uma frase de Unamo: “Um homem de partido é um homem partido” (MARANHÃO, 1998, p. 30).

Paulo Maranhão seguiu essa lógica de embate político que o próprio neto relata. Segundo Veloso (2008), o jornalista e dono da *Folha* chegou a criticar até mesmo Cipriano Santos quando esse foi governador. Seu embate também se voltou contra Magalhães Barata<sup>80</sup>,

<sup>79</sup> Lauro Nina Sodré e Silva nasceu em Belém em 1858 e, aos 18 anos, ingressou como cadete na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, onde passou a se posicionar como um republicano e positivista, tanto que chegou a fundar um clube republicano secreto em 1878. Fundou, no Pará, em 1886, o Clube Republicano do Pará que tinha como objetivo a “eliminação da realeza” (SETEMY, 20[–]b, p.1). Chegou ao cargo de governador do estado em 1891, eleito pelo Congresso Constituinte, mantendo-se no cargo até 1897. Nesse mesmo ano foi candidato a presidente da República, mas foi derrotado por Campos Sales (1898-1902). Faleceu no Rio de Janeiro, em 1944 (SETEMY, 20[–]b).

<sup>80</sup> Nasceu em Belém no ano de 1888, entrou para o exército em 1904. Magalhães Barata fugiu do Brasil após cometer crimes de estado, exilando-se no Paraguai. Voltou, clandestinamente, em 1930, durante a revolução de

quando ele foi eleito interventor no Pará durante a presidência de Getúlio Vargas, embate que durou os trinta anos em que Barata esteve no poder. Um dos momentos de estopim entre os dois se deu em 1933, tanto que Magalhães Barata mandou suspender a publicação da *Folha* por quatro dias, isso após ferrenhas críticas feitas por Paulo Maranhão no jornal (VELOSO, 2008). Daí em diante, a “*Folha* assumiria o papel de porta-voz dos adversários de Barata” (VELOSO, 2008, p. 71).

O episódio mais impressionante deste período, contudo, refere-se ao bizarro ataque sofrido por Paulo Maranhão em abril de 1950, na porta de sua casa. Ele estava voltando do jornal quando três homens despejaram-lhe sobre a cabeça um balde de fezes humanas. A autoria intelectual da mais radical retaliação cometida pelo baratismo contra o jornalista foi atribuído a Armando Correia, deputado que dali por diante passaria a ser chamado pela *Folha* de “Armando Trampa” (VELOSO, 2008, p. 72).

Para fazer frente a *Folha do Norte*, Magalhães Barata funda o jornal *O Liberal*, em 1946, sobre o que falaremos melhor no próximo tópico. A batalha entre Maranhão e Barata só chegou ao fim em 1959, com a morte de Magalhães Barata. Segundo Veloso (2008), passados alguns anos, a *Folha do Norte* apoiou o golpe militar de 1964, no entanto, manteve um posicionamento firme e de combate político contra o coronel Jarbas Passarinho, que foi nomeado, pelos militares, governador do Pará.

Paulo Maranhão morreu aos 94 anos, em 1966, e, de acordo com Veloso (2008, p. 74), não perdeu em nenhum momento a “lucidez e a obsessão pela escrita” e foi um personagem ímpar na história da imprensa no Pará, como administrador do jornal e como jornalista. Com a morte do patriarca da família Maranhão, assumiu o comando do jornal o filho Clóvis Maranhão. No entanto, iniciou-se uma grande disputa entre os herdeiros, o que foi minando a estrutura do jornal, ocasionando, em 1973, a venda do periódico para o empresário Romulo Maiorana, que, nessa época, também, já era dono de *O Liberal*. O novo proprietário fez algumas modificações no jornal, mas mesmo assim o tirou de circulação em 1974 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

---

Getúlio Vargas. Em 1931 fundou o Partido Liberal do Pará, que apoiava Getúlio Vargas no estado. Morreu em 1859, enquanto era governador do Pará (COUTINHO, 20[--]).

### 5.1.2 *O Liberal*: da política partidária ao grupo de comunicação do Pará

O jornal *O Liberal* foi fundado em 15 de novembro de 1946 pelos políticos Luis Geolás de Moura Carvalho<sup>81</sup>, Magalhães Barata, Lameira Bittencourt<sup>82</sup> e outros (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). De acordo com o catálogo dos Jornais Paraoaras (1985), o periódico funcionava como órgão de propaganda dos membros do Partido Social Democrático, chefiado por Magalhães Barata.

O jornal começou como vespertino, diário, com as dimensões 55x38 cm, não tinha um número fixo de colunas de texto, indo de três a sete. Na primeira edição, o jornal apresentava seis páginas, mas nos dias seguintes começou a apresentar apenas quatro. Desde sua fundação, o jornal sempre apresentou muitas imagens, uma diagramação diferenciada, com muitas linhas, caixas de texto em destaque. Por exemplo, a capa trazia o nome do jornal na cor vermelha, cores que eram pouco usuais nos jornais da década de 1940. De acordo com o catálogo dos Jornais Paraoaras (1985), o objetivo do período sempre foi claro, fazer frente ao jornal *Folha do Norte* de Paulo Maranhão.

---

<sup>81</sup> Natural de Belém no ano de 1906, foi para o Rio de Janeiro aos 16 anos e começou os estudos para ser militar no curso preparatório anexo à Escola Militar do Realengo. Foi apoiador da revolução de 1930 e estava ligado ao tenente Joaquim Magalhães Barata. Quando Magalhães Barata retornou a Belém como interventor militar (1930), ele assumiu a Brigada Militar do Pará e se tornou o assistente militar de Barata. Além de fundar o jornal *O Liberal*, também foi o fundador da *Rádio Difusora* (atual *Rádio Liberal*). Faleceu em Belém em 1988 (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 20[--]a).

<sup>82</sup> Nasceu em Lisboa em 1908. Os pais eram paraenses, mas quando ele nasceu, estavam em trânsito em Portugal. Por isso, não demorou muito a voltar para Belém após o nascimento. Ingressou na Faculdade Livre de Direito no Pará, em 1924. Também era pró-Getúlio Vargas e participou das lutas de 1930. No mesmo ano foi nomeado Promotor Público em Belém, em 1931 mudou de cargo, tornou-se chefe da Assistência Jurídica Cível. Em 1936 entrou para a política quando se elegeu como vereador pelo Partido Liberal do Pará. No ano de 1945 foi nomeado interventor federal no Pará, substituindo Magalhães Barata, no entanto, só ficou no cargo por um dia, pois logo Getúlio Vargas foi deposto. Teve muitos outros cargos políticos e atuou como professor na Faculdade de Direito do Pará. Faleceu no Rio de Janeiro em 1960, em meio a sua campanha para governador do estado do Pará (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 20[--]b).



de agressões verbais, fosse nas páginas do jornal, fosse nas ruas da cidade. O auge da violência, se assim podemos chamar, ocorreu nas eleições de 1950, quando Barata disputou com Zacharias de Assumpção o cargo de governador do estado. A redação de *O Liberal* foi invadida pelo capitão do exército Humberto de Vasconcelos, que matou a tiros o redator Paulo Eleutério Filho (VELOSO, 2008).

O anti-baratismo era tão intenso, que no ano de 1953, quando Assumpção era governador do estado, a oficina de *O Liberal* foi quebrada e incendiada (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). O governador se prontificou a buscar os culpados, mas as investigações foram sendo esquecidas, até a autoria do crime ser dada como incerta (VELOSO, 2008). O período em que Assumpção ficou no governo ficou marcado como a época em que *O Liberal* mais sofreu com crises financeiras. De acordo com Vanessa Brasil Carvalho (2013), apenas a frente liderada por Hélio Gueiros, que viria a ser governador do estado mais tarde, apoiava Magalhães Barata.

Magalhães Barata veio a óbito em 1959 e em 1965 o jornal foi vendido para Ocyr Proença, que mudou a linha política do jornal, sendo um apoiador de Alacid Nunes, que na época era prefeito de Belém e, mais à frente, seria eleito governador do Pará (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Nesse ano, o jornal também mudou suas dimensões, passando para 57x42cm. No ano seguinte, em 1966, o jornal foi adquirido pelo empresário Romulo Maiorana. O novo dono então passa a dar ao jornal um ar mais moderno, semelhante aos jornais mais atuais. Passa a apresentar mais títulos, maior uso de imagens, fotografias e publicidade (CARVALHO, V. B., 2013).

De acordo com o catálogo dos Jornais Paraóaras (1985), Maiorana passou a imprimir o jornal com duas cores e aumentou o número de páginas. O subtítulo “Jornal da Amazônia” começou a parecer logo abaixo do nome *O Liberal*, que começou a ser impresso na cor azul, no ano de 1971. No ano seguinte, 1972, o jornal começou a ser impresso em *off-set* o que melhorou a qualidade e a velocidade da impressão.

Como mostramos no tópico em que falamos sobre a *Folha do Norte*, Rômulo Maiorana comprou o periódico em 1973 e o fechou em 1974. Segundo Vanessa Brasil de Carvalho (2013), na década de 1970, *O Liberal* passou a publicar mais cadernos, tendo o “Primeiro Caderno”, “Segundo Caderno”, “Terceiro Caderno e os “Classificados” como estrutura básica diária do jornal.

Em 1980, o mercado de jornais no Pará começa a reduzir. Chega ao fim o diário *O Estado do Pará* (1911-1980), deixando na imprensa diária *O Liberal* e *A Província do Pará* circulando pelas ruas paraenses todos os dias. Carvalho (2013), nesse período o jornal muda



suas dimensões, passando para 58x72 cm, e tem como destaque a coluna Repórter 70, que na época, era redigida pelo jornalista Laércio Barbalho, que dois anos depois fundaria o *Diário do Pará*, principal concorrente de *O Liberal* até os dias atuais.

*A Província do Pará, O Liberal e Diário do Pará* despontam como os principais jornais diários da década de 1980. O *Diário* nasceu ligado à família Barbalho, em especial ao hoje senador Jader Barbalho, que faz parte do partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), antigo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

As brigas entre os jornais *Diário do Pará* e *O Liberal* ganharam cada vez mais destaque nas páginas dos impressos, muito pelas críticas promovidas por Lucio Flávio Pinto, que era repórter de *O Liberal*, na época, e publicava denúncias constantes sobre o primeiro mandato de governador de Jader Barbalho (1983-1987).

Com a morte de Rômulo Maiorana, em 1986, o jornal passou para a administração dos herdeiros, a esposas e os filhos, que promoveram mudanças na década seguinte, 1990, deixando o jornal com aspecto mais moderno e mais semelhante aos jornais da época, com mais fotos, textos do cotidiano e da política do país. Os cadernos mudaram de nome, O Primeiro, Segundo e Terceiro cadernos, passaram a ser “Atualidade”, “Cartaz”, “Painel”, “Revista da TV”. O caderno “Atualidades” publicava as principais notícias, era a capa do jornal. “Cartaz” falava de entretenimento, a parte cultural da cidade e do país. As questões políticas ficaram no caderno “Painel”. A “Revista da TV” saía apenas nos domingos e trazia informações da programação da TV (CARVALHO, V. B., 2013).

Em 2002, a centenária *A Província do Pará* para de circular, deixando apenas *O Diário do Pará* e *O Liberal* como os principais jornais do estado. Mesmo com o jornal da família Maiorana se propondo a não ser um jornal de partido, como nos primeiros anos de circulação, *O Liberal* continua com uma atuação forte nas temáticas políticas, não assumindo um partido, mas se colocando como um jornal de situação e dando mais apoio ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) (CARVALHO, V. B., 2013).

A família Maiorana fundou em 1997 o grupo de comunicação ORM (Organizações Romulo Maiorana) que contou, até 2018, com jornais diários, emissoras de TV, rádios FM, portal de Internet e operadoras de TV a cabo (PINTO, 2018).

Segundo Lúcio Flávio Pinto (2018), o grupo Maiorana foi comandado por 31 anos por Romulo Maiorana Júnior, que tinha o apoio da mãe, a principal acionista. No final de 2018, Maiorana Júnior foi destituído da coordenação. Dessa forma, o grupo foi dividido, mas a a ORM continua sendo da família. E o grupo Roma foi fundado por Romulo Maiorana Jr., que retirou da ORM algumas rádios do interior do Pará, a operadora ORM a cabo (atualmente,

Roma Cabo) e fundou o portal Roma (PINTO, 2018). Esses acontecimentos fizeram com que as Organizações Rômulo Maiorana terminassem o ano de 2018 sob a direção de Ronaldo Maiorana e Rosângela Maiorana (PINTO, 2018) atualmente, diretor e vice-diretora do jornal impresso que apresenta nova *logo*, cores, *design* e diagramação. Como ainda é recente a mudança, não sabemos como o posicionamento político do periódico.

Demos um breve percurso da história dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*. Nos tópicos a seguir apresentamos nossos dados e nossa análise do material coletado.

## 5.2 Enunciado e enunciação: o caminho percorrido

Nosso trabalho observou os sentidos que emergem dos enunciados e enunciações encontrados nos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* a respeito de homens homossexuais na cidade de Belém. Para tanto, realizamos a pesquisa a partir de períodos de dez em dez anos nos meses de fevereiro ou março, abarcando o Carnaval; e junho, setembro e/ou outubro, abrangendo a Parada do Orgulho Gay e a Festa da Chiquita.

No decorrer do caminho, estabelecemos mais um critério que nos ajudou na coleta de dados: em anos em que não encontramos nenhum material, optamos por olhar até dois anos depois. O acréscimo desse critério se deu por não quisermos deixar uma eventual década descoberta, sem nenhuma ocorrência, mesmo tendo ciência de que o fato de os jornais não publicarem nada a respeito de homossexuais também seria um indício para perceber como, nas primeiras décadas do século XX, a questão foi mantida velada, quase um tabu pelo jornal *Folha do Norte*. No período do Carnaval, isso ocorreu apenas no ano de 1951 da *Folha*, o que nos fez coletar dados de 1952.

A Festa da Chiquita recebeu uma cobertura pouco expressiva pelo jornal *O Liberal*. Nossa pesquisa começou a observar o evento a partir de 1981, adicionando os anos de 1982 e 1983, o que se repetiu em 1991, 1992 e 1993. No ano de 2001 só encontramos material no período do Carnaval; 2002 foi adicionado em razão da primeira parada do Orgulho Gay de Belém, o que fez com que também observássemos a Festa da Chiquita. No ano em questão, a Festa fez 24 anos, o que nos parece ter incentivado o jornal a pautar o evento por conta da simbologia do número, que representa o veado no jogo do bicho.

Em resumo, observamos 18 anos, sete edições de cada evento, que somam 147 edições. Desse total, coletamos 53 textos que tinham alguma menção explícita ou sugestiva sobre homossexuais, sendo 12 da *Folha do Norte* e 41 de *O Liberal*. A média da ocorrência desses textos ao longo de século XX foi de dois textos por ano. Esse cenário mudou com o início do

século XXI, uma vez que tivemos nas décadas de 1980 e 1990 várias movimentações sociais a respeito do direito homossexual, aliadas ao movimento feminista e negro. Sem contar que, após o surto da AIDS, de 1980 em diante, a causa homossexual ganhou bastante visibilidade no Brasil.

A primeira década do século XXI foi quando a temática começou a se estabelecer no jornal *O Liberal*, em razão de que em 2002 foi o ano da primeira Parada do Orgulho Gay de Belém, o que pareceu dar mais visibilidade também para a Festa da Chiquita. Em 2001 e 2002, encontramos oito textos, quatro por ano. E em 2011, que foi o último ano da coleta, percebemos 24 textos sobre a questão homossexual. Isso demonstra que de 2001 a 2011 tivemos um salto expressivo na cobertura das questões homossexuais na cidade Belém pelo jornal *O Liberal*.

Mostramos a seguir, na Tabela 3, o material encontrado no jornal *Folha do Norte*, correspondente ao período de 1901 a 1971, com os títulos e a página em que os textos foram encontrados.

**Tabela 3** - Textos coletados da *Folha do Norte* de 1901 a 1971.

<b>Folha do Norte</b>			
<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Seção</b>	<b>Página</b>
<b>1901</b>	As festas de Momo	-	01
<b>1911</b>	A Faca	-	01
<b>1921</b>	Diabolina	-	04
	Olha a Onça	-	04
	Carnaval no Pará Club	-	02
<b>1931</b>	Atacado dos nervos inutilizou os móveis do companheiro	-	05
	A cirandinha da cidade	-	07
<b>1941</b>	Estrilho	-	06
	Os bigus do Norte	-	06
<b>1952</b>	Vestido de mulher, agrediu dois guardas-civis	-	05
<b>1961</b>	Terça-feira Gorda: acorda a cidade para encerramento da quadra	-	05
<b>1971</b>	Momo dá Grito de Carnaval	-	09

Fonte: Dados da pesquisa

Durante essas primeiras décadas, observamos que o assunto era pouco enunciado, não só pelo número de textos, como também pela forma como o jornal enunciava sobre a homossexualidade, dando a ela pouca visibilidade. Os textos eram canções carnavalescas,

anedotas jocosas ou casos de polícia que não deixavam clara a relação homoerótica ou homoafetiva que se apresentava no enunciado.

O jornal *O Liberal* também seguiu essa tendência nos anos seguintes até a década de 1991, quando o sujeito homossexual passou a aparecer em mais textos, alguns de cunho político, inclusive. Podemos perceber que foi na década de 1990 que se começaram a configurar outras formas de enunciar o homossexual, apesar de algumas memórias serem apresentadas de forma semelhante aos da *Folha*.

**Tabela 4 -** Textos coletados de *O Liberal* de 1951 a 2011.

<b>O Liberal</b>		
<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Seção</b>
<b>1951</b>	Começa o delírio do carnaval no Rio	Capa
<b>1961</b>	Pierre não gostou...	Coluna do Pierre
<b>1971</b>	Homossexuais na justiça para garantir seu baile	Capa
<b>1981</b>	Giselle escandaliza até o 3º sexo	Caderno 1
<b>1991</b>	Se você não se cuidar...	Coluna Dom Alberto Ramos
	Entre Plumas e Paetês, o desfile do Hotel Glória	Caderno 1
	Histórias Carnavalescas	Caderno 2
	‘Selvagens da Madrugada’: de bom gosto e sem apelação	Cartaz
	Pedreira mantém tradição como bairro do carnaval	Caderno 1
	Mascarados	Caderno 2
<b>2001</b>	Municípios recebem foliões com festa	Caderno 1
	Blocos de sujo fazem Carnaval	Caderno 1
	Cabras e Virgens têm um encontro marcado	Cartaz
	Gala Gay	Cartaz
<b>2002</b>	“Chiquita” completa 24 anos é criticada, mas deve ser tombada	Cartaz
	Arraial da Alegria promove hoje o Miss Caipira Gay 2002	Cartaz
	Homossexuais vão às ruas com parada bem humorada	Cartaz
	Gays dão demonstração de força na luta contra preconceito e desrespeito	Cidades
<b>2011</b>	Alegria-Alegria abre desfiles na Aldeia	Cidades
	População LGBT	Cidades (Coluna Ancelmogois)
	Um ator longe dos estereótipos	Magazine
	Frente luta pela cidadania LGBT	Política

É Carnaval	Cidades (Coluna Alcemogois)
Adolescentes e jovens são públicos-alvo da campanha a Aids	Atualidades
Luan, Sílvia e Isabel são prova de que família que samba unida, permanece unia	Capa
Carnaval une uma família na avenida	Cidades
OAB debate Estatuto da diversidade sexual	Cidades
Aids ronda mulheres de 13 a 19 anos	Cidades
Caio Fernando Abreu revisado	Magazine
Arco-íris	Magazine
Parada Gay escolhe hoje sua Musa	Cidades
Parada Gay deve reunir um milhão em Belém	Capa
Escolas são o foco do movimento LGBT	Cidades
Parada LGBT leva meio milhão as ruas	Cidades
Papa rechaça mais uma vez o “casamento gay”	Mundo
Neymar, O MENINO-craque....	Cidades
Filhas da Chiquita	Magazine
Gay agredido volta a ser internado	Cidades
Veto da presidente a benefício é quase certo	Política
Noite da Chiquita	Magazine
Hoje é dia de festa profana	Magazine

Fonte: Dados da pesquisa

Na *Folha do Norte*, em 1971, temos apenas um texto com fotografia, que é justamente de um homem travestido. A utilização de fotografias foi mais explorada pelo jornal *O Liberal*, uma vez que o avanço da tecnologia possibilitou a impressão mais recorrente de texto e imagem. Porém, não deixamos de lado os desenhos, algo que foi explorado pelos dois jornais.

Foi em *O Liberal* que percebemos, mais marcadamente, a passagem do enunciado a respeito da figura do homossexual, que vai de um sujeito socialmente escondido para o sujeito mais exposto, tanto no nível de existência social, que aparece, é descrito, quanto no de sujeito que busca seus direitos e toma parte em ações sociais e políticas.

A *Folha do Norte* não era dividida em cadernos ou seções como *O Liberal*. Por isso, a lógica de organização era diferente. O texto com algum fato ligado aos homossexuais era enunciado no meio dos demais textos variados sobre o Carnaval, muitas vezes só podendo ser coletado depois da leitura de todos os textos de uma página. No caso de *O Liberal*, havia uma

lógica que nos permitiu inferir que a temática homossexual era algo pautado ora por questões culturais, ora por movimentos sociais desses sujeitos.

Os homossexuais travestidos no carnaval geralmente ocupavam o primeiro caderno, ou o caderno cidade, que ficava logo nas primeiras páginas. Isso se dava porque o carnaval era um evento de cobertura mais geral. As festas da Chiquita vinham sempre nos cadernos de cultura (Cartaz e Magazine). A Parada do Orgulho LGBT se alternava entre os primeiros cadernos e o caderno de cultura. Havia também as questões de polícia, mas elas não apareceram tanto durante a coleta, já que foram poucos os textos encontrados. Talvez em um recorte mais diário, sem as festas como foco, essa aparição no noticiário policial possa ser observada de forma adequada.

A partir dos dados coletados e após a análise, elaboramos quatro tópicos que agrupam os enunciados mais recorrentes na amostra: a) forma de nomear, abrangendo desde moços alegres até *travesti*; b) nomeação de homossexuais a comunidade LGBT; c) histórias carnavalescas que tinham os homossexuais como personagens centrais; d) embates postos na enunciação entre religião e homossexualidade. Apenas um tópico é proposta fora desse quadro, em razão de sua expressividade nos enunciados e memórias que emergiram em um outro enunciado: o filme *Giselle*, que permitiu termos uma noção abrangente sobre como os homossexuais eram identificados como sendo o terceiro sexo.

### 5.2.1 Rapazes alegres e *travestis*: um pilar enunciativo

Neste tópico, mostramos como o enunciado sobre o homossexual se apresentou no material coletado. Iremos seguir a ordem cronológica a fim de abordar a forma como a nomeação dos homossexuais se deu, sempre apontado como o jornal os descrevia e quais efeitos de sentido e memórias emergiam com cada forma de tratamento.

Começando pelos anos de 1901 com o termo *rapazes alegres*, o enunciado nos leva aos estudos de Green (2000), que apontou o termo semelhante utilizado no Rio de Janeiro e São Paulo: *moços alegres*. Foi recorrente apenas no jornal *Folha do Norte* e que sofreu alteração em 1921, *rapazes chics*. A semelhança entre esses enunciados estava sempre na ambientação e descrição que o enunciado proporcionava. Podemos resumir que o rapaz alegre ou os *rapazes chics* eram sujeitos que, vestidos de mulher, ganhavam as ruas para festejar na época do carnaval. Esses rapazes eram descritos como brincalhões, como aqueles que zombavam das pessoas, criticando costumes, e que causavam um certo desconforto às instituições, como família e igreja.

A *Folha do Norte* relata que havia em Belém, em 1921, um bloco chamado “Olha a onça”, que era composto por esses homens. Eles saíam pela cidade fazendo algazarra e debochando de quem eles encontrassem pela rua. O jornal aproveita o nome do bloco e, a partir da enunciação, podemos estabelecer uma relação entre o humor ácido e perigoso dos *rapazes chics*, ao perigo das garras da onça. Ao final do texto, o jornal afirma: “Não tenha medo da onça, nem da pinta que ela tem”, fazendo um jogo de palavras, apontando para os sentidos em torno do coloquial e do cotidiano, em que se emprega o termo “pinta” para comportamento feminino de alguns homossexuais.

Percebemos que nesse enunciado emergem memórias que parecem circular no momento histórico em que ele é produzido. O enunciado constitui um enlace entre a memória do sujeito homossexual com um ser que parece não ser civilizado, cujo comportamento é composto por elementos que são caricatos e que têm essa ligação com o animalesco. O jornal se utiliza da memória sobre os homossexuais para elaborar um enunciado que faz circular ideias do cotidiano a respeito desses homossexuais, usando como estratégia enunciativa o jogo de palavras e a coloquialidade para causar um efeito jocoso.

Seguindo nas constituições dos enunciados encontrados no ano de 1931, há o termo *travesti*, que apareceu em nosso material em um texto que mesclava assuntos relacionados com homossexualidade, informação e publicidade a respeito das festas de Carnaval. O enunciator elabora a enunciação fazendo comparações entre as festas carnavalescas e eventos bíblicos.

O texto começa apresentando o Pará Clube<sup>83</sup> como uma das casas mais festivas da cidade, dizendo que o local é tradicional nas festas de Carnaval. Segue relatando que a festa terá músicas “tão retumbantes” como as trombetas de Jericó, numa alusão ao trecho bíblico que narra sobre a conquista dessa cidade pelos hebreus, quando o som da trombeta foi tão forte que fez os muros da cidade caírem. Afirma que até mesmo a Amazônia será pequena para tanta festa, assim como as salas do Pará Clube, para acolher o número de brincantes. Entre os brincantes figuram as “fantasias bizarras” e os “travestis delirantes”.

O modo como o periódico enuncia apresenta o espaço como um local onde acontecem os eventos mais estranhos e diferentes – logo, bizarros – e onde encontramos os homens vestidos de mulher, as *travestis*, que aparentam estar em êxtase pelo que o carnaval possibilita: um espaço em que os costumes são suspensos, no qual é possível extravasar aquilo que durante o ano é reprimido, o que nos leva aos apontamentos teóricos de Bakhtin (1993) a respeito da carnavalização e da suspensão dos costumes.

---

<sup>83</sup> Centro recreativo de Belém fundado em 1903, que continua em funcionamento (PARÁ CLUB, 20[--]).

Ou seja, nesse enunciado, a *travesti* é o sujeito delirante, com o ato de se vestir de mulher sendo um ato que remete à loucura de Carnaval, atos em homenagem ao rei Momo, ou deus momo, deus da luxúria e da loucura, como o próprio jornal enuncia. Essa estratégia nos leva a perceber uma proposta de sentido que liga a festa carnavalesca, por consequência, os próprios homossexuais, aos eventos considerados pagãos pela Igreja Católica.

A imagem da *travesti* é algo que perdura com mais força nas memórias do jornal, pois se tornou o símbolo dos homossexuais, a ponto de a primeira fotografia da *Folha o Norte* sobre homossexuais dentro do nosso recorte ser a de um homem travestido com muitos adornos, em 1971 (Figura 5). O texto do jornal que estamos destacando fala que, naquele ano, estava proibido que homens travestidos estivessem nas ruas durante o carnaval, só podendo se apresentar em clubes e boates, somente depois de passarem pelos censores, que podiam vetar a apresentação. Era uma portaria baixada pelo regime militar e que seria fiscalizada pela Delegacia de Costumes. No entanto, ao trazer a portaria e, ao mesmo tempo, mostrar uma foto de um homem travestido na rua, o jornal constitui um enunciado irônico a respeito das leis, não correspondendo à realidade da festa de Carnaval. Assim, percebemos que o enunciado reforça a ideia de contravenção a respeito dos homossexuais.



**Figura 5** - *Folha do Norte*, 21 fev. 1971, p. 9.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A imagem da *travesti* perdurará até os dias atuais, sendo a mais forte em boa parte dos enunciados, parecendo representar, na maioria dos textos, os homossexuais. Mesmo quando se fala das paradas do Orgulho Gay, já em 2002, a foto que simboliza o evento foi a de uma *drag queen*, que não foi nomeada ou referida como tal, oferecendo ao destinatário apenas a imagem de um homossexual com maquiagem pesada, travestido de mulher, a memória da *travesti* (Figura 6). A *travesti* assume a postura de um símbolo imposta pelos jornais, que pode mudar alguns detalhes, mas que sempre está presente e que representa todo o conjunto, até mesmo com fotos nas quais somente a *travesti* está sozinha no meio da multidão e fica em primeiro plano.

**Figura 6 -** *O Liberal*, 29 out. 2002, p. 10.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A imagem da *travesti*, então, para os jornais pesquisados, é a imagem do homossexual que se estabeleceu na memória, o exótico, o diferente, o sempre mais colorido e fantasiado possível. A diferença entre as imagens apresentadas pode ser estabelecida a partir dos enunciados que as descrevem. Em 1971, a *travesti* foi descrita como “falso baiano...”, fazendo emergir as memórias do homossexual como o falso, a mulher falsa, o homem falso, aquilo que não é o que parece. Em 2002, a *drag queen* foi o rosto que representava as 500 pessoas que participaram da parada LGBT. No entanto, essas memórias se cruzam e alimentam o jornal, possibilitando percebermos sobre o sujeito homossexual uma memória cristalizada (HALBWACHS, 1990). Em outras palavras, podemos perceber que a imagem da *travesti* e dos rapazes alegres são semelhantes, pois ambos estão na rua, travestidos e, de certa forma, causam um desconforto. No entanto, pelo momento, seja o carnaval, seja a parada do Orgulho Gay, é dada a eles uma tolerância para o convívio social.

O texto que melhor ajuda a entender esse enunciado a respeito das *travestis* foi publicado no dia 10 de janeiro de 1991 no jornal *O Liberal*. Fala do espetáculo “Selvagens da Madrugada”, que tem como personagem principal Rogéria (Figura 7).

Figura 7 - *O Liberal*, 10 jan. 1991, p. 5.

projeto é financiado pelos pro- números.



Rogéria com os rapazes que integram o espetáculo: grande.

### 'Selvagens da Madrugada': de bom gosto e sem apelação

Debochado. Irreverente. Sarcástico. Alegre. Estes e outros mais animados adjetivos se aplicam à Rogéria, o travesti que lutou por um espaço no palco — e não nas ruas — e conseguiu. Já muito conhecido dos paraenses, Rogéria sempre trás seus espetáculos para serem exibidos em Belém. “É uma cidade onde o povo é quente caloroso e de onde sempre levo boas recordações”, afirmou. Nascido com o nome de Astolfo Barroso Pinto, em Niterói, o travesti-ator ganhou o apelido quando trabalhava como maquiador na TV Rio. Rogéria estará em Belém novamente para alegrar o seu público cativo com um novo show: “Selvagens da Madrugada”. Em duas horas de show, o travesti carioca pretende mostrar que o nu masculino, no palco, pode estar associado ao bom gosto e não ser apelativo.

Os rapazes que integram o espetáculo acompanham Rogéria com muito pique. Mesmo esbanjando sensualidade por todos os poros encharcados de óleo — para destacar os músculos —, os rapazes não brilham tanto quanto Rogéria, a grande estrela do show, que brinca com o público, convida casais para irem ao palco, beija espectadores e conta muitas, muitas piadas irreverentes e engraçadas. Ela garante que ninguém se aborrece. “Tudo faz parte de uma grande festa”, afirmou.

Os “Selvagens da Madrugada” fazem coreografias em cima de lutas como karatê e capoeira, dançam, contorcem-se, saltam em um balé meio estilizado e nem sempre perfeito, mas muito excitante. Rogéria lembra que seu show é aberto para todo o tipo de público, sem distinções de opções sexuais. “Aqui vale tudo, é claro, sem nunca ofender o público”, garante. Com um senso profissional dos mais coerentes, Rogéria afirmou que o espetáculo não tem pretensões de chocar ou de propagar um “moralismo às avessas”. O travesti contou que simplesmente “relaxa a platéia”, que nem sempre fica muito à vontade no teatro, quando sabe que o tema tratado é o sexo, para muitos ainda considerado um tabu.

O show dos musculosos rapazes de Rogéria tem lotado teatros em cidades como Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, entre outras. Os dançarinos-atores-stripers fazem a alegria da platéia em números com coreografia ousada, onde a nudez total e parcial pode chegar à verdadeira excitação, no palco e na platéia. “É bom não confundir picante com vulgar”, observa Rogéria. O show “Selvagens da Madrugada” será apresentado no Teatro do Sesi, de 10 a 12 de outubro, sempre às 21h30.

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O enunciador constitui a imagem de Rogéria descrevendo por meio de adjetivos as características que a diferenciam das demais *travestis*, dando ênfase a essas características como o motivo do sucesso na carreira. O texto se encontra no caderno de cultura de *O Liberal*, no canto inferior esquerdo, sem muitos adereços ou atrativos. A foto mostra Rogéria no centro, com elementos que sugerem sensualidade: a posição do corpo, a roupa caída, o cabelo solto e o batom que parece ser de cor forte e chamativa. Ao seu redor, há vários rapazes que vestem roupas de couro com adereços de metal, uma espécie de elemento sexual que remonta à ideia de fetiche pelo couro.

Com o título do texto, “Selvagens da Madrugada: de bom gosto e sem apelação”, o enunciador mostra duas facetas do show: o que tem, o bom gosto, e o que não tem, a apelação.

Esses enunciados são diretamente ligados, pela enunciação, com a própria história de vida de Rogéria. Nesse momento, o enunciador separa a “boa *travesti*” da “mau *travesti*”, um efeito de sentido que se posiciona de forma maniqueísta ao descrever o homossexual.

Para descrever Rogéria, o enunciador afirma que ela pode ser definida pelos adjetivos “Debochado. Irreverente. Sarcástico. Alegre”. Adjetivos que poderiam muito bem ser usados para os rapazes alegres do início do século. Ou seja, mesmo o enunciador afirmando que ela era diferente, ele se apoia em memórias coletivas sobre os homossexuais que remontam ao início do século XX.

O enunciado se refere a Rogéria utilizando o artigo “o”, “o travesti”, reforçando o sexo biológico da artista. Esse é um dos poucos textos do século XX a ter uma fala entre aspas, que permite que o homossexual possa falar. O enunciador utiliza o recurso enunciativo de rememorar a trajetória de Rogéria, falando sobre o “nome que nasceu” e a cidade em que mora. Chama ainda o nome de Rogéria de apelido, referindo-se a ela com o adjetivo “travesti-ator”, o que novamente demarca o esforço enunciativo de diferenciar Rogéria das demais *travestis*.

A ideia de apelo que é expressa no título também foi retomada ao longo do texto. Para o enunciador, apelativo é o nu masculino, que será apresentado no espetáculo de uma forma que, de acordo com ele, faz sentido, daí a chamar de “bom gosto”. O enunciador se coloca numa posição conservadora quanto à ideia de nu, dessa forma posicionando seus destinatários como um público também conservador, culto, que gosta de apreciar a arte e não simplesmente tê-la como artifício para uma desnecessária exposição de sexualidade.

Por fim, podemos perceber que as ofertas de sentidos em tono da imagem da *travesti* configuram semelhanças com as imagens dos homossexuais que eram descritos como rapazes alegres no início do século. Um enunciado não anulou o outro no final do século XX, já que eles circularam na sociedade e compuseram a memória da época sobre os homossexuais. No entanto, na primeira década do século XXI, a *travesti* se consolidou como a principal imagem homossexual nos jornais analisados.

### **5.2.2 Homossexuais, gays e LGBTs: embate político e mais do mesmo**

Continuando o percurso cronológico em que emergem os enunciados no nosso material, chegamos a um que é o mais coloquial que encontramos, “veado”. Como explicamos no capítulo um, Green (2000) apontou esse termo como algo mais do cotidiano de pobres da cidade do Rio de Janeiro no século XX, explicando que havia surgido de uma estória contada por policiais que foram designados a prender homossexuais na Praça do Rossio. O termo é comum



nas cidades do Brasil, inclusive no Pará. Os entrevistados da nossa pesquisa também citaram esse enunciado como sendo recorrente na cidade de Belém.

No nosso trabalho, encontramos apenas uma recorrência, em 1961, na coluna do “Pierre” do jornal *O Liberal*. A coluna trazia informações da sociedade local, festas, casamentos, eventos ligados às classes ricas da cidade. O texto sempre tinha uma forma de enunciação diferente dos demais textos do jornal, pois o enunciador elaborava um modo de dizer que dialogava com o destinatário, utilizando a primeira pessoa, emitindo opiniões, colocando-se no lugar daquele que circula pela cidade e conhece todos os eventos.

A coluna da edição de 10 de fevereiro de 1961 ocupa um terço da página, com fotos, com as letras do topo, com fontes diferentes das demais do jornal, algo que de certa forma lhe dá maior destaque, quando em comparação aos outros textos da página.

O início da coluna é composto pela divulgação dos nomes das mulheres que haviam ganhado o concurso de Rainha das Rainhas do Carnaval<sup>84</sup> daquele ano. Fala dos clubes de que elas faziam parte, destaca a beleza, elegância e tudo mais, comuns aos concursos de beleza. O enunciador, nessa enunciação, assume o papel do homem heterossexual que se encanta com a beleza feminina, como se reafirmasse sua orientação a partir da descrição da beleza das mulheres vencedoras do concurso, possibilitando um efeito de sentido de desejo sexual pelas mulheres.

Após fazer essa abertura da coluna, segue a foto da mulher que venceu o concurso. Ao lado da foto, há uma caixa com destaque, na qual o colunista escreve textos curtos sobre eventos que ocorreram na cidade, para os quais emite a opinião de ter ou não gostado. Os títulos em caixa alta eram: “PIERRE GOSTOU...” e “PIERRE NÃO GOSTOU...”. No primeiro, ele continua exaltando o concurso e a criatividade na fantasia da vencedora, reforçando todo o início da coluna. No segundo, “PIERRE NÃO GOSTOU...”, ele afirma que não gostou do evento realizado na sede da Assembleia Paraense<sup>85</sup>, que elaborou uma festa com o tema “Circo na Folia”. Ele afirma que não gostou porque “não haverá 1 leão mas haverá 2 veados”. No final do texto, ele segue dizendo que era preferível que se tivesse leões, haja vista que em circos não são apresentados veados no picadeiro.

A enunciação se constitui de elementos que exaltam a virilidade masculina de reconhecer na mulher uma beleza sexual, mostrando o seu contraponto, como se ao escolher o “normal”, o leão, exclui-se o “anormal”, o “não comum”, o veado. As memórias que emergem

---

<sup>84</sup> Concurso de beleza criado pela família Maranhão, proprietários da Folha do Norte, e realizado na cidade de Belém desde o ano de 1947. Atualmente é promovido pela Grupo Romulo Maiorana (Portal ORM, 2018).

<sup>85</sup> Clube social de Belém fundado em 1915 (ASSEMBLEIA PARAENSE, 20[--]).

na enunciação retomam à proposta do anormal explicada por Foucault (1978) e, ao mesmo tempo, utilizam-se de comparações a animais para se referir ao homossexual, reforçando enunciados passados sobre a bestialidade, algo que explicamos em nosso primeiro capítulo. Então, um dos possíveis efeitos de sentido desse enunciado seria de que o homossexual é também o veado que se encontra em festas carnavalescas. No entanto, o enunciador propõe que não se deve tê-lo como destaque, pois a atenção deve ser voltada para o leão, aquele que é o “normal”. O enunciador determina, a partir do enunciado, o que é “normal” e o que é “anormal”.

Esse efeito de alegria, além de ser expresso pelo adjetivo, também foi composto pelos modos de dizer do texto, referindo-se ao ambiente com elementos festivos de plumas e paetês, elementos de festas que emergem com frequência em outros enunciados a respeito de homossexuais.

Outra forma de se referir aos sujeitos homo foi o termo “homossexuais”, no ano de 1971. Porém, esse enunciado aparece em outros modos de dizer, pelo menos superficialmente. No canto direito da parte superior da página, o título do texto em caixa alta é “HOMOSSEXUAIS NA JUSTIÇA PARA GARANTIR SEU BAILE”, publicado na edição de 18 de fevereiro de 1971 de *O Liberal*. Pelo enunciado do título, podemos perceber que a construção enunciativa utiliza homossexuais dentro de um contexto de luta jurídica, uma luta política. No entanto, a enunciação do texto permite que venham à tona o enunciado *travestis* como sinônimo de homossexuais, a ponto do termo *homossexuais* nem ser retomado durante o texto, ficando apenas no título, o que novamente reforça a ideia de que o jornal pouco varia na forma de se referir a homens homossexuais.

O texto refere-se à luta judicial que os homossexuais de Recife estavam travando na justiça para a liberação do Primeiro Baile das Bonecas, que havia sido censurado pela delegacia local. O texto faz emergir memórias subterrâneas a respeito desses homens, mostrando que eles tinham voz e que também sabiam dos direitos. O texto chega a afirmar que “eles”, os homossexuais, baseavam-se na Declaração dos Direitos Humanos para que a justiça liberasse a festa. Emerge também a referência aos homens homossexuais em um contexto de luta política. Isso ficará mais acentuado com as paradas do Orgulho Gay, ainda que não seja uma regra. Há momentos em que homossexual apenas foi utilizado como sinônimo de *travesti* ou gay, saindo totalmente do domínio das lutas políticas e voltando às referências sobre festas.

A primeira Parada de Belém ocorreu em 2002. Os textos que encontramos mostram que o enunciado homossexual passou a ser usado com maior recorrência a partir desses eventos, pelo menos nos textos. Mesmo se mudando a forma de nomear, os elementos que foram utilizados para descrever os sujeitos são semelhantes ao que já apontamos até aqui: permanecem

as ideias de festa, animação, pessoas com roupas chamativas, entre outros. No entanto, os enunciados nos permitem afirmar que os homossexuais passaram a tomar para si a descrição que já era recorrente sobre eles. Por mais que ainda sejam descritos da mesma forma, a partir das Paradas do Orgulho, há uma tomada de posicionamento, uma voz que emerge para denunciar.

Porém, podemos perceber que, no texto de 28 de junho de 2002, o enunciador enuncia a parada como “bem-humorada”, mesmo que o texto não siga no mesmo sentido, uma vez que a construção enunciativa destaca a festa e as bandas, sentidos que se ligariam mais a uma celebração. O enunciado “bem humorado” retoma as memórias anteriores dos sentidos engraçados, de piadas, descontraídos, que estavam associados aos enunciados *travesti* e *rapazes alegres*. Dessa forma, percebemos nesse pequeno trecho uma memória que continua presente no enunciado do jornal, que, mesmo parecendo pertinente para descrever a Parada, tem um sentido que não se encaixa no que está sendo dito ao longo do texto, que foi pautado nas questões políticas que envolviam o evento.

Podemos dizer que os enunciados gays e homossexuais sofrem esse pequeno deslocamento de sentido, sendo utilizados para se referir ao movimento homossexual que estava acontecendo no Brasil e fora dele, dando aos sujeitos homo uma característica mais política. Ainda que possibilitasse novos sentidos, o enunciador se apoia em memórias a respeito dos homossexuais, fazendo emergir vestígios que estão em circulação na rede de memórias a respeito da temática.

Por último, o enunciado mais atual que serve como forma de nomear homossexuais foi o LGBT, que está no material correspondente ao ano de 2011. O enunciado é recorrente no carnaval, na parada e na Festa da Chiquita, mostrando que no ano em questão ele parecia ser mais consolidado. O jornal sempre enuncia “a comunidade LGBT”, “Cidadania LGBT”, entre outros. Os sentidos políticos dão o tom dos enunciados encontrados em 2011, mas ainda podemos ver em meio ao texto elementos que se baseiam em memórias cristalizadas sobre a questão. No dia 26 de setembro de 2011 temos um dos textos que mais nos ajuda a entender as memórias que ainda estão presentes no enunciado do jornal *O Liberal* (Figura 8).

Figura 8 - O Liberal, 26 set. 2011, p. 9, Cidades.

BELÉM, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 2011

OLIBERAL

ATUALIDADES ■ 9

Governador inaugura IML e entrega viaturas em Tucuruí. Página 10.

CIDADES

## Parada LGBT leva meio milhão as ruas

**BRILHO**  
Glamour das drag queens foi o que mais chamou a atenção nas ruas

A comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (LGBT) levou às ruas de Belém, ontem, as cores do arco-íris na 10ª Edição da Parada do Orgulho Gay. O evento, de acordo com a estimativa da Polícia Militar (PM), reuniu cerca de 500 mil pessoas no percurso iniciado na Docca de Souza Franco até a Praça da República, segundo estimativa da PM. O tema deste ano, "Educação e cidadania: por uma escola sem homofobia", atraiu para a caminhada muitos jovens.

A programação contou com cinco trios elétricos de música eletrônica, um deles da Organização Não-Governamental Cidadania Orgulho e Respeito (ONG COR), promotora do evento pelo primeiro ano. "A realização da caminhada superou as nossas expectativas, observamos que o público que prestigiu estava com a intenção de abraçar a causa mesmo e mostrar que o preconceito pode, sim, ser combatido a partir do momento que a comunidade LGBT decide sair às ruas e mostrar a cara", ressaltou o coordenador da ONG, Antônio Franco.

A produção das Drag Queens estava caprichada. Vindas do interior do Estado à Europa, as "bees", como são chamadas no jargão da cultura LGBT, marcaram presença e gastaram de R\$ 500,00 a R\$ 1.500,00 com roupas e maquiagem, feitas especialmente para o evento.

A vencedora do concurso de beleza "Drag da Parada", ocorrido no último sábado, Thaylla Ashley, de 21 anos, trouxe de São Paulo o espartilho que usava - de tecido vindo diretamente da Índia. "Contratei uma maquiadora para fazer



Uma multidão de jovens aderiu à Parada LGBT para denunciar a homofobia



Elói Iglésias, militante gay, diz que espera mais de 700 mil na Festa da Chiquita

o beauty: Sempre participo de concursos de beleza, mas este foi especial, porque participei de todas as edições da parada. Por isso, a produção tem que estar à altura. Acredito que ao todo, devo ter gastado uns R\$ 500,00", disse a drag.

A drag, Jennifer Lavigne, de 24 anos, acordou às 5 horas da

manhã e viajou mais 518 km de Tucuruí a Belém, para participar da parada. "A maquiagem demorou duas horas para ser feita. A roupa também demorou dias, pois fui eu quem fez. A ideia era vir vestida de anjo mal, mas depois mudei para anjo alaranjado. A cor laranja do arco-íris significa felicidade

e alegria de viver", detalhou. As drags paraenses Jennifer e Angélica, 20 e 21 anos, vieram de Milão, na Itália, e já participaram de todas as paradas gays do Brasil. "A de Belém não deixa nada a desejar à de outras cidades. Participamos de todas as edições daqui, não deixamos de vir. Até adiamos

**Tema da Festa da Chiquita deste ano será "Além do Arco-Íris", diz Elói Iglésias**

a nossa volta à Europa, só para poder estar aqui neste domingo", destacou Angélica.

A drag Elder Cunha, 21, afirma ter gasto R\$ 1.500,00 para se fantasiar de Amy Winehouse. "Como é só uma vez no ano, vale a pena se montar", afirmou. Somente de tapaxo e um enfeite nos seios, Kimberly, 20, era o destaque de um dos trio-elétricos. "Eu me sinto como uma rainha. Adoro ser o centro das atenções. A Parada deste ano está ótima, estou sendo bastante assediada", amimava-se o jovem travesti.

Shows de artistas locais encerraram a programação na praça Waldemar Henrique, no Reduto.

### NOVIDADES

O mês de outubro será cheio de opções para o público LGBT. A 4ª Parada do Orgulho Gay de Icoaraci ocorrerá no próximo dia 2. No sábado seguinte, a Festa da Chiquita promete levar mais de 700 mil pessoas até a Praça da República, após a Transladação do Cirio de Nazaré. Nos dias 20 e 21 deste mês, a COR fará uma oficina de formação para a equipe de prevenção às DST/Aids, no Instituto de Artes do Pará. Das 14h às 18h, vão discutir sexualidade, homofobia e prevenção positiva.

De acordo com o cantor Elói Iglésias, organizador da Festa da Chiquita e figurinha carimbada da Parada Gay de Belém, o tema deste ano do lado profano do Cirio será "Além do Arco-Íris", e o homenageado será o deputado federal Jean Willys (PSOL-BA), que estará no palco armado em frente ao Teatro da Paz. "A agenda LGBT deste ano está toda voltada para a aprovação de leis que tornam

crime o preconceito contra os gays. Acredito que o Pará será o primeiro a aprovar a legislação que proíbe a discriminação por gênero sexual", disse o artista, sobre o projeto 25/2010 da deputada estadual Bernadete Ten Caten (PT), que já foi aprovada pela Assembleia Legislativa (Alep) e aguarda agora a sanção do governador do Pará, Simão Jatene.

### TRÂNSITO

A Companhia de Transportes de Belém (CTB) interditou várias ruas do Reduto e do Centro. Desde as 11 horas, a Docca entre Boaventura da Silva e Antônio Barreto foi bloqueada para automóveis. As 14 horas, a avenida Docca, no sentido da Boaventura, ficou fechada e foi reaberta na medida em que a caminhada avançava para a Presidente Vargas. A mudança, contudo, não representou maiores transtornos para motoristas e passageiros de ônibus que buscaram, sem grandes dificuldades, rotas alternativas para trafegar.

### POLICIAMENTO

Durante a caminhada, a PM escalou 100 homens, 10 cavalos, 10 viaturas, 5 motos e um helicóptero. Foram registrados alguns focos de briga, rapidamente dispersados pela Polícia, mas a ocorrência mais comum foi de roubo de celular.

O capitão da PM José Vallinoto, que comandava as operações, explicou que o desceido de quem participava da caminhada provocava os ladrões. "Muitas pessoas vão tirar foto e têm o aparelho roubado. As vítimas, contudo, não estão interessadas em fazer o Boletim de Ocorrência nas delegacias", detalhou o capitão. A 10ª Parada do Orgulho Gay foi organizada pela COR em parceria com o Grupo Homossexual do Pará (GHP) e com o apoio do Governo do Estado, do Ministério da Saúde e da Prefeitura de Belém.

Fonte: oliberal.com.

O texto sobre a Parada de 2011 encontra-se no caderno cidades, na página 9, ocupando meia página. O texto relatou os principais acontecimentos do dia, dando maior destaque, no título, para o número de participantes. No corpo do texto, percebemos destaque para os homossexuais que não eram da cidade de Belém e estavam presentes, os valores das fantasias e a preparação de alguns participantes para o dia do evento. O tema do ano, homofobia nas escolas, aparece logo no início do texto, mas não é aprofundado. Podemos perceber, novamente, a imagem da *travesti* como símbolo do movimento, tanto na foto quanto no próprio texto. No entanto, temos a utilização da palavra em inglês *drag queen* como sinônimo para *travesti*. Outra



forma de nomear, que o jornal afirma ser algo do “jargão LGBT”, é “beee”. O enunciador estabelece, pela enunciação, um paralelo entre *travesti*, *drag queen* e beee. Os elementos festa e arco-íris também são utilizados como estratégias enunciativas para qualificar a Parada LGBT. Sempre com a proposta de uma festa divertida, alegre e colorida. Podemos perceber ainda que, apesar de nenhum momento ser descrito o “bom humor” destacado na parada de 2002, temos a foto de Eloi Iglesias<sup>86</sup> travestido, deitado, sorrindo, o que remete ao sentido de descontração, provocando o possível sentido de uma brincadeira, de algo que gere risada. O enunciado tem um tom informativo, deixando essa parte mais “descontraída” a cargo da enunciação da foto.

A partir desse percurso em torno da forma de nomear os homossexuais, podemos perceber que o símbolo usado pelos jornais – que será base para a maioria dos enunciados – é a imagem da *travesti*. Seja por descrição, seja por meio de fotos, ela é a base central da memória que se configura a respeito dos homossexuais, mesmo com as variações que os jornais deram ao longo do século XX. Por esse motivo, é possível afirmar que a memória a respeito da *travesti* é a que estará sempre presente, alimentado enunciações, sendo uma espécie de elemento rememorável básico para se falar de homossexuais.

### 5.2.3 Ênfase na enunciação: invisibilidade no enunciado

O enunciado pode ser mais ou menos opaco, dependendo da forma como o enunciador constitui a enunciação. Segundo Verón (2004), quando o enunciador dá maior ênfase à enunciação do que ao enunciado, ele atribui ao destinatário um conhecimento prévio a respeito da questão enunciada. No nosso caso, podemos perceber que alguns enunciados sobre os homossexuais obedeciam a uma certa lógica de invisibilidade.

Essa estratégia enunciativa foi muito utilizada no início do século pelo jornal *Folha do Norte*. Por isso mesmo, foi difícil identificar os poucos textos como referentes a homens homossexuais ou práticas homoeróticas. Em alguns casos, só chegamos a uma resolução após várias leituras minuciosas do texto, extraindo indícios que nos apontassem a relação com as práticas homo ou ações de sujeitos homossexuais.

Na *Folha do Norte*, essa recorrência de estratégia se dava mais em textos com temáticas policiais, nos quais o jornal não falava diretamente que havia um homossexual envolvido, mas com alguns elementos percebíamos que o enunciador se referia a brigas ou violência entre homossexuais que pareciam ter alguma relação, quer homoerótica quer homoafetiva. Na edição

---

<sup>86</sup> Artista local.

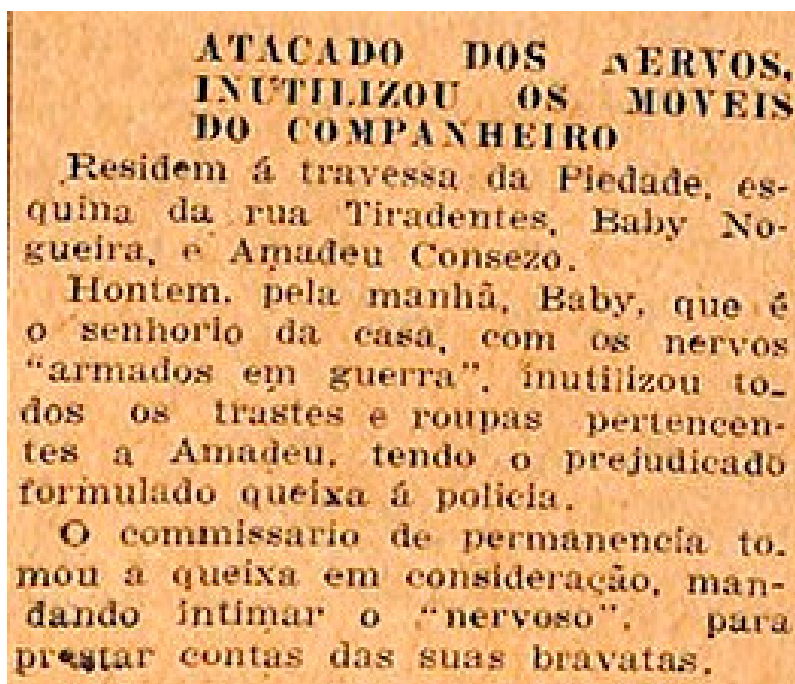
de 14 de fevereiro de 1931, a *Folha* noticiou o caso de briga entre Baby e Amadeu, com o título em caixa alta: “ATACADO DOS NERVOS, INUTILIZOU OS MOVEIS DO COMPANHEIRO” (Figura 9).

No trecho, o periódico descreve uma briga entre Baby e Amadeu, sem dizer diretamente que Baby é um homossexual, apenas dando a impressão que poderia ser uma mulher. No entanto, já pelo título o enunciador utiliza gênero masculino para descrever o “Atacado dos nervos”, que na leitura é denominado como Baby, um nome próprio feminino. Ainda no título, afirma que ele atacou o “companheiro”, que é descrito como sendo Amadeu, ou seja, um homem também.

Nesse trecho, não temos uma imagem concreta de Baby, apenas a menção de que os dois eram companheiros, que tinham uma relação amorosa e que viviam na casa que era propriedade de Baby, pois ele era o “senhorio”. O fato remete aos estudos de Fry (1982) sobre as questões relacionais entre homens ditos verdadeiros, ativos, e as *bichas*, efeminadas. Green (2000) também destacou essa relação afetiva, afirmando que o bofe, o homem verdadeiro, era sustentado pela *bicha*, o homem efeminado e passivo. No caso descrito pela *Folha*, essa relação fica nítida a partir do conhecimento que temos sobre o período. Ou seja, era algo que de certa forma circulava naquele ambiente social. Por esse motivo, o enunciador não nomeia os sujeitos do texto, mas deixa vestígios enunciativos que nos levam a essa conclusão.

A partir dos estudos citados, podemos entender que o jornal descreve Baby com elementos que eram “comuns” nas descrições sobre mulheres na época, dando características femininas a Baby, seja pelo nome, seja pelas atitudes, que eram referidas a partir das emoções, “dos nervos”, como afirma o jornal. Ou seja, Baby era um homossexual efeminado, uma “bicha” que mantinha uma relação homoerótica ou homoafetiva com Amadeu, como também o mantinha financeiramente.

**Figura 9 - Folha do Norte, 14 fev. 1931, p. 5.**



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Essa ênfase na enunciação também pode ser observada no jornal *O Liberal* no decorrer da sua história, em especial em um texto do carnaval de 2011. No enunciado, que se localiza na página 12 do caderno Atualidades, o enunciador relata, durante todo o texto, a campanha de distribuição de camisinhas e a conscientização de mulheres jovens sobre o uso do preservativo, uma vez que os estudos daquele ano apontavam que essas mulheres eram as maiores infectadas (Figura 10).

**Figura 10 - O Liberal, 5 mar. 2011, p. 12, Atualidades.**

## Adolescentes e jovens são público-alvo da campanha contra a aids

As mulheres jovens, com idade entre 13 e 19 anos, são o alvo da campanha de prevenção da Aids no Pará neste Carnaval. A faixa etária é a única em que a proporção de infectados pelo vírus causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida é maior entre as mulheres do que homens. "Para cada 10 meninas, há oito meninos com Aids nesta idade", indica o médico Paulo Guzzo, coordenador estadual de DST/Aids e Hepatites Virais da Secretaria Estadual de Saúde Pública.

A Sespa iniciou ontem a campanha de prevenção à Aids distribuindo preservativos no Terminal Rodoviário de São Brás e em quatro portos de Belém, Arapari, Bom Jesus, Brilhante e Jarumã. A partir de hoje, haverá distribuição de preservativos nos dez municípios do interior do estado que recebem o maior número de foliões durante o carnaval. Até a próxima terça-feira, a Sespa distribuirá 1,6 milhão de preservativos.

Ontem pela manhã, o Secretário Estadual de Saúde, o

médico Helió Franco, esteve no Terminal Rodoviário conversando com passageiros e distribuindo preservativos junto a uma equipe de educadores. Helió Franco afirma que embora o foco da campanha de distribuição de preservativo seja a Aids, a proteção contra outras doenças sexualmente transmissíveis também se dá pelo sexo seguro. "É preciso estar constantemente reforçando a importância do uso da camisinha, não só pela Aids, mas, para prevenir por exemplo a Hepatite B, que é

100 vezes mais infectante do que a Aids, a sífilis, e o HPV (principal causador do câncer do colo do útero). Hoje, 2% das crianças que nascem pelo SUS tem sífilis congênita, que poderia ter sido evitada pela mãe com o uso do preservativo."

O secretário de saúde indica ainda que a campanha do Carnaval se estende a todas as faixas etárias, embora priorize as mulheres jovens, e não se direciona mais a grupos de risco. "Não existe mais o grupo de risco, e sim o comportamento de risco", afirma Helió Franco.



No terminal, a campanha teve atenção das mulheres

Fonte: oliberal.com

Aparentemente, o texto não fala de homossexuais, mesmo se tratando da questão da Aids. No entanto, no último parágrafo, o jornal utiliza a estratégia de colocar entre aspas um

trecho da fala do entrevistado que trata sobre os “grupos de riscos”, pois, segundo ele, não havia mais essa categoria de indivíduos, mas sim o “comportamento de risco”. Esse enunciado traz à tona a memória a respeito dos homossexuais, prostitutas e dependentes químicos, que eram considerados o grupo de risco na época do surto do HIV nos anos de 1980. Como Carlos Alberto de Carvalho (2009) e Fausto Neto (1999) mostraram em seus estudos, esses grupos foram muitos estigmatizados naquela década, em especial os homossexuais, ainda mais marginalizados no contexto da epidemia, tanto que a doença chegou a ser conhecida como “câncer gay”. Em outras palavras, temos nesse enunciado uma enunciação que não deixa clara a relação com os homossexuais, mas que faz emergir memórias que dependem do conhecimento prévio do destinatário, um processo comunicacional que movimenta os sentidos entre o enunciator e o destinatário por meio da memória.

#### **5.2.4 Cristãos e homossexuais: um embate enunciativo**

Como demonstramos no tópico anterior, a história carnavalesca de Diabolina foi enunciada articulando a homossexualidade com os princípios cristãos. Essa articulação entre religião e homossexualidade é, atualmente, o que mais encontramos nos embates midiáticos, em especial, pelo avanço das conquistas políticas dos grupos homossexuais. Ao analisar o material, percebemos que esse embate é algo que o jornal *O Liberal* promoveu, seja pelos textos, seja pelas enunciações de algumas páginas.

São recorrentes enunciados que falam sobre o carnaval e a presença de homossexuais nas ruas ou sobre lutas pelos direitos LGBTs ao lado de enunciados sobre os “carnavais com Cristo” (Figura 11), promovidos pela Igreja Católica na cidade de Belém. Esses enunciados eram colocados um ao lado do outro, estabelecendo uma ordem de leitura, permitindo um olhar horizontal que englobava os dois enunciados.

O espaço que o jornal disponibilizava dava mais ênfase aos “carnavais com Cristo”. Os textos que falavam das festas carnavalescas com a presença de homossexuais eram menores, tanto em número de colunas quanto de espaço na página.

Podemos perceber que um possível efeito de sentido é o da escolha, ou seja, que o destinatário poderia optar pelo Carnaval que mais o agrada. No entanto, é perceptível a maior ênfase nos Carnavais com Cristo em detrimento dos carnavais de rua, pela elaboração enunciativa de cada um. O enunciator se detém em descrever o ambiente dos carnavais de rua, de modo que os homossexuais apareciam no meio da descrição. Nos enunciados do “Carnaval com Cristo” era proposto um efeito de sentido de convite.

Figura 11 - *O Liberal*, 28 fev. 2001, p.8 .

## Blocos de sujo fazem carnaval na periferia

O Carnaval terminou ontem deixando um rastro de alegria. Em diversos bairros da cidade, os tradicionais blocos de sujo deram um show de irreverência. Nos bares e nas portas da casa, principalmente na periferia, era evidente a demonstração de que a festa momesca terminava deixando saudade. Já nas praças, sobrou espaço para as crianças brincarem. Ao contrário de anos anteriores, o Carnaval não deu o ar da sua graça nos bairros centrais.

A Praça da República, antes o reduto das festas do período carnavalesco, amargou o silêncio. O Bar do Parque, tradicional ponto de encontro de diversos blocos de sujos, estava praticamente vazio. Os ambulantes também ficaram no prejuízo. "O Carnaval aqui já foi diferente. Hoje, está quase parando, se já não parou", lamentava o vendedor de cerveja Cláudio Soares.

Enquanto faltava a alegria das festas carnavalescas, sobrava diversão para as crianças e adolescentes que aproveitavam a praça para andar de bicicleta e fazer manobras radicais com *skates*.

Fora do centro da cidade, as cenas eram bem diferen-

## Com Cristo, por Cristo, em Cristo

O Carnaval com Cristo terminou ontem em ritmo de alegria e da fé. O público compareceu em peso para rezar e louvar a Deus em todas as Igrejas católicas que realizaram programações específicas para a data. Somente na capital paraense foram organizados mais de dez retiros espirituais.

O Renova!-vos, o mais tradicional encontro de Carnaval de Belém, lotou o ginásio Superior da praça ontem, no último dia do evento. Missa celebrada pelo arcebispo dom Vicente Zico foi o marco do encontro. Jovens, adultos e idosos cantaram e dançaram no primeiro carnaval do milênio com Jesus Cristo.

A dona de casa Sidéia Rayol era uma das pessoas que estavam ontem na missa celebrada por dom Vicente Zico. Moradora das proximidades da Escola Superior de Educação Física, ela resolveu ir até o local para combater o Renova!-vos e se disse encantada. "Achei que iria valer a pena orar e agradecer a Deus pela grande dádiva da vida, mas nunca pensei que seria tão emocionante", comentou.

De acordo com Sidéia, do encontro fluía uma energia diferente de tudo que já havia experimentado. "Fui a clubes e balneários durante este Carnaval, mas nada se compara a esta vibração, é glorioso. Mexe com a gente, preenche o vazio que existe nas pessoas", relata.

A secretária Danielle Gibson deixou para ir ao Renova!-vos no último dia. Segundo ela, ao contrário do que muita gente pode

Na Avenida Bernardo Sayão, a reportagem encontrou o primeiro bloco puxado pelo taxista Jair Medalha. "É para animar. A rua tava muito parada", explicava ao som de pandeiros e surdos. No grupo do taxista, meia dúzia de homens com vestidos decotados e um excesso de maquiagem de deixar qualquer mulher envergonhada. "Mas Carnaval é Carnaval. Tudo é válido", justificava-se.

Mais à frente, na Avenida Alcindo Caelea, a ambulante Amélia Cordeiro, uma das cabeças do bloco as "Virgens do Jurunas". O bom humor das Virgens do Jurunas já destila há três anos pelas ruas do bairro.

Pelas passagens do bairro do Guamá também não faltaram blocos de sujos.



*Na igreja de Santa Maria Goretti, uma tarde de louvor, com cânticos e orações. E a paz.*

pensar, o evento não é para quem não gosta de Carnaval. "Não tem nada a ver. O Renova!-vos é para quem gosta de viver a vida. É o amor de Cristo", ensina.

Goretti - No bairro do Guamá, centenas de fiéis também lotaram a igreja de Santa Maria Goretti. No templo decorado com adereços coloridos, a tarde foi de louvor. A missa, marcada por pregações e cânticos, representou a tomada de consciência por parte das pessoas que não querem mais o lado vazio das festas de Carnaval. Os fiéis pediram para louvar a Deus.

Na opinião do cantor e missionário, Sidnewoster Veiga, apesar do Carnaval ter o seu aspecto cultural importante, a festa tem representado a morte e a perdição. "Basta olhar as estatísticas do Pronto Socorro Municipal. Escolher o Carnaval com Cristo é ter a boa parte da festa", defende.

Ex-pastor da igreja protestante, Sidnewoster afirma que as orações durante o Carnaval são principalmente para que as pessoas voltem no com saúde e tranquilidade. "Quantas famílias não se perdem nessa época? Bom seria que todos descobrissem Jesus".

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Esse embate enunciativo fica mais evidente com a página 4 do caderno Atualidades, em 7 de março de 2011, quando *O Liberal* coloca na mesma linha de leitura os eventos religiosos e o debate sobre o Estatuto da Diversidade Sexual. O texto com temática religiosa enumera os vários retiros que estavam acontecendo na cidade, católicos, evangélicos, espíritas, entre outros, propondo um efeito de sentido de que o folião tinha a oportunidade de escolha (Figura 12). No lado oposto, enuncia os debates em torno da diversidade sexual em tom informativo.



Figura 12 - *O Liberal*, 7 mar. 2011, p. 4, Atualidades.

no meio do ano de Guiné Equatorial, esta investir aqui e voce vem me HA CONTROVERSIAS.

## Retiros religiosos reúnem milhares de paraenses

**OPÇÃO**  
Palestras, orações e muita alegria marcam os eventos de diversas igrejas

No Carnaval, muitas pessoas viajam para curtir a folia nas praias e cidades do interior do estado. No entanto, há quem prefira aproveitar o feriado prolongado para renovar a fé cristã. Em Belém, vários encontros religiosos acontecem pela cidade e reúnem centenas, em alguns casos, até milhares de fiéis. As programações dos encontros ocorrem pela manhã e à tarde, durante os dias do Carnaval.

Um deles é o "Cristo Alegria", encontro católico que começou ontem na Escola Superior de Educação Física. Em sua 10ª edição, a festa religiosa é promovida pela capelanía do Corpo de Bombeiros, e deve reunir de três a cinco mil pessoas. Para o diácono Emanuel Duarte, capelão da corporação e coordenador do evento, o "Cristo Alegria" não é um combate ao Carnaval, mas sim uma opção para quem quiser aproveitar o feriado praticando a fé católica. "A nossa proposta é de evangelização, de fazer uma programação especial e atrair os fiéis para participarem", afirma.

Músicas, adorações, pregações e rezas do terço são algumas das atividades realizadas no "Cristo Alegria". Além disso, seguindo a linha da Campanha da Fraternidade deste ano, o encontro aborda a questão da preservação ambiental. A pedagoga Liana Machado, especialista em meio ambiente, dará palestras educativas durante a programação. "Queremos conscientizar os participantes da importância de se preservar a natureza", explica



O Cristo Alegria completou dez anos com público fiel no ginásio da Uepa

o coordenador.

Outro encontro católico que ocorre neste feriado é o "Renovai-vos", realizado pela Comunidade Maira no ginásio da Universidade Estadual do Pará (Uepa), na avenida Almirante Barroso. O evento, que começou no sábado (5), possui uma ampla programação de missas, rezas, louvores e pregações. O evento traz à capital paraense o padre Marçal, da comunidade Canção Nova, de Roma. O arcebispo Dom Alberto Taveira também participa como pregador do evento, e celebrará a missa de encerramento, às 17h, amanhã. Segundo Danielle da Silva, da coordenação do "Renovai-vos", a expectativa é que cerca de 10 mil pessoas passem pelo ginásio da Uepa.

A comerciante Ivanilde Rodrigues veio da Ananindeua para participar do Renovai-vos. Ivanilde participa do encontro há cinco anos e garante que já recebeu várias graças.

"O encontro é maravilhoso. No Carnaval, sempre prefiro ficar em Belém para vir com a minha família", afirma. A estudante Suzany Cardoso, de 19 anos, e duas amigas, também abdicaram da folia para ficar mais perto de Deus. "É o primeiro ano que venho. Na verdade, ia viajar para Mesquita, mas Deus tocou o meu coração e preferi vir participar do encontro, que está maravilhoso", opina.

### ESPÍRITAS

Outro evento que está sendo realizado em Belém é o Encontro Intensivo do Movimento Espírita Paraense, que este ano traz o tema "Transição para o mundo de regeneração: medos e esperanças". O encontro está sendo realizado no Instituto de Educação Tecnológica do Pará (IFPA), e é promovido pela União Espírita Paraense. A presidente da União, Najda Oliveira Sales, conta que o encontro tem

uma proposta de reflexão. "Precisamos refletir sobre o que está acontecendo. Há na sociedade um medo que paira sobre um possível fim dos tempos, mas nós acreditamos em um mundo de regeneração", afirma a presidente.

Segundo Nadja, quase mil pessoas estão inscritas para participar do evento. Além da comunidade espírita de Belém, várias delegações vieram de municípios do interior do Pará, como Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Santarém e Breves. No encontro, as atividades são divididas por módulos e faixas etárias. "Temos uma programação bastante diversificada e adequada para cada faixa etária, com exibições de filmes, dinâmicas de grupo, reflexões, e até mesmo um correio fraterno, onde os participantes podem trocar mensagens entre si. Quem participar do evento, certamente terá quatro dias de intensa reflexão", convidou Najda.

## OAB debate Estatuto da Diversidade Sexual

**CONSELHO**  
Encontro será voltado para as políticas públicas para LGBT

A Ordem dos Advogados do Brasil vai discutir no próximo dia 23 a criação do Estatuto da Diversidade Sexual, proposto pela secretária-geral adjunta do Conselho Federal da entidade, Márcia Regina Machado Melaré. O debate reunirá três representantes de cada Estado brasileiro, ministros e senadores na sessão do Pleno do Conselho Federal da Ordem.

O Pará será representado pelo coordenador da Comissão de Diversidade Sexual da OAB-PA, Samuel Souza, que espera que o evento traga visibilidade para questões que envolvem a homossexualidade no país.

De acordo com a conselheira Márcia Melaré, o momento será comparado a uma "audiência pública" onde todos terão a oportunidade de debater as políticas públicas para o segmento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Depois de concluído, o projeto será levado ao Congresso Nacional com a finalidade de que sejam rejeitados os tratamentos discriminatórios contra homossexuais, transexuais e bissexuais.

Márcia ressaltou que o projeto ainda não está pronto. Por enquanto, trata-se de uma proposta de elaboração do Estatuto que tecnicamente ainda não existe, mas que será feito em conjunto com as Comissões da Diversidade Sexual que existem em algumas Seccionais da OAB. Para ela, o Estatuto vai representar o fim à rejeição e ao tratamento discriminatório que os homossexuais, transexuais e bissexuais sofrem diariamente. "Há sempre batalha pela causa em favor do segmento LGBT, mas só agora que pude propor

o anteprojeto", declarou.

A secretária-adjunta ressaltou que a Ordem é a voz dos cidadãos brasileiros e crítico o imaginário cultural que exclui os direitos dos homossexuais. "Para terem os seus direitos, precisam pedir em juízo e não é correto como é feito o julgamento", frisou Márcia. Sobre o Estatuto, Melaré preferiu não arriscar informar o que poderá estar escrito, porém adiantou que o Regimento vai aproveitar as diversas Propostas de Leis em favor do segmento que aguardam votação no Congresso Nacional. "Devemos fazer uma redutória do que está no Senado. Comista, poderemos agilizar o processo de aprovação das leis", projetou. Márcia ressaltou que esta não é uma luta apenas da OAB e espera que outras entidades que abracem a causa.

A comissão paraense ainda não formulou nenhuma nova proposta, mas está em fase de estudo sobre as demandas que já existem no Congresso. "Nós já estamos na luta para que seja consolidada a União Civil Homosafetiva (casamento entre pessoas do mesmo sexo), a utilização do nome social para travestis e transexuais e o atendimento em órgãos públicos. Estas demandas precisam ser contempladas no Estatuto", afirmou Samuel.

De acordo com o representante do Pará, o Estatuto é o reconhecimento dos Direitos Humanos para o segmento. Para ele, a criminalização da homofobia seria um dos mais importantes passos que a sociedade brasileira poderia dar. "A gente espera que se entenda que quando há uma agressão a uma pessoa, independentemente de sua orientação sexual, há uma violação dos direitos humanos", esclareceu. Em relação à União Estável, os homossexuais tem 26 direitos negados se forem comparados a um casal heterossexual.

Fonte: [oliberal.com](http://oliberal.com).

A linha de leitura nos leva a perceber uma proposta enunciativa do jornal que oferece ao destinatário o sentido de escolha para ambos os textos, estabelecendo a sexualidade também como uma escolha da mesma forma que se escolhe ser católico, evangélico ou espírita.

Embates mais explícitos serão postos no período da Parada Gay e, com maior ênfase, no Círio de Nazaré, com a Festa da Chiquita. Na semana da Parada Gay de 2011, no mês de outubro, ano que houve maior destaque para o movimento na cidade, encontramos um enunciado onde o Papa, à época, Bento XVI, mostrava-se contra o casamento gay, com o enunciador utilizando o verbo "rechaçar" para expressar o posicionamento da questão pelo pontífice. A partir das falas do Papa, o enunciador considera a homossexualidade como um "mal" que precisa ser "erradicado da sociedade". O enunciado permite a emergência de memórias mais antigas, empregadas pelos sermões cristãos a respeito da homossexualidade como um pecado que, de acordo com os enunciados do jornal, "desvirtuam os cristãos".

O texto foi colocado em evidência durante a semana que antecedia a Parada Gay de Belém, que tinha naquele ano a proposta de combater a homofobia nas escolas, ou seja, tinha como público principal os jovens. É o mesmo público ao qual o Papa se direcionava no texto sobre o casamento gay. Mesmo não estando nas mesmas páginas e, até mesmo, em dias diferentes, a enunciação do jornal novamente propõe dois caminhos aos destinatários, a religião ou a homossexualidade.

No período do Círio de Nazaré, essa proposta de escolha também se repete. Podemos destacar que o jornal enumera no período do Círio duas festas. A primeira seria a do Círio, a maior e mais conhecida, a oficial. A segunda, que o jornal enuncia como “Profana” e funciona como um grande guarda-chuva que engloba todas as outras festas não oficiais, uma em especial, a Festa da Chiquita.

A página do dia 8 de outubro de 2011 traz uma composição muito interessante. Ela apresenta as festas que iriam acontecer no sábado que antecedia “A” festa, o Círio de Nazaré, no segundo domingo de outubro. No alto da página, temos a personagem Gisela, interpretada pela atriz Lilia Cabral na novela Fina Estampa, da Rede Globo, em 2011, que na novela teve uma relação homoafetiva com outra mulher. O texto que acompanha a imagem informa a recusa da personagem de Lilia Cabral ao pedido de casamento do “português bonitão”. Na imagem, a atriz está com os olhos revirados, atitude que propõe sentido de desconforto com os fatos que estão sendo vivenciados ou expostos (Figura 13). Relação que se estabelece com a página do jornal.

Figura 13 - O Liberal, 08 out. 2011, p. 1, Magazine.

BELEM, SÁBADO 8 DE OUTUBRO DE 2011 magazine@oliberal.com.br Tel.: 3216-1228

**MAGAZINE**

■ SHOW ■ CULTURA ■ GENTE

**Eita, mulher difícil!**  
Em 'Fina Estampa', Gisela não quer saber de casa com Guaraci, o português bonito. **Página 7.**

**Rock e reggae agitam a noite**  
Festival de música e arte popular é opção no Circo de Nazaré na praça da República. **Página 2.**

**O almoço mais tradicional dos paraenses neste ano será diferente.**  
Será na Estação Gourmet Noblesse.  
• Estacionamento com manobrista.  
• Espaço infantil.  
• **Leitura de Nso, Sra. de Nazaré Padroeira dos**

# Hoje é dia de festa profana

**O Arraial do Pavulagem faz cortejo com muita música, paz e alegria pelas ruas. À noite, o movimento LGBT promete surpresas na Festa das Filhas da Chiquita**

Não há como negar que o paraense comemora o natal antecipadamente. O mês de outubro transforma Belém. É certo que os moradores da cidade respirassem montão ar. As casas decoradas, os mercados lotados, os carros na avenida Nazaré. Os dias que antecedem o segundo domingo de outubro, dia do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, retomam as manifestações culturais que sua cidade tem.

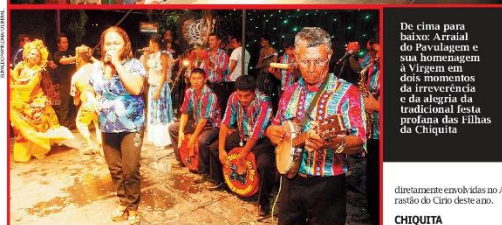
Depois de uma noite regada ao ludico e profano retratado no Auto do Círio, as homenagens continuam neste sábado. Primeiro, ocorre o Arraial do Círio - a tradicional homenagem do Instituto Arraial do Pavulagem a padroeira dos paraenses. A noite e a vez da Festa da Chiquita entrar em cena.

O Instituto Arraial do Pavulagem, apresenta na manhã de hoje (8), a partir das 10h, o Arraial do Círio. O cortejo espera a chegada da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, que após no caso da escadilha da Estação das Doças, logo após a Romaria Fluvial. Quando a santa passa em direção a avenida Presidente Vargas, os brincantes profanam sua homenagem com a execução do hino do Círio "Vos Sais o Lira Mimosa" ao de som mazaruca, um dos ritmos da Marujada de Bragança.

Em seguida, o cortejo segue outro destino a praça do Carmo, no bairro da Cidade Velha, onde a banda Arraial do Pavulagem e convidados encerram com um show e programação do Arraial do Círio. A concentração do cortejo será a partir das 10h, nas proximidades da praça dos Estivadores, entre a Presidente Vargas e a avenida Boulevard Castilhos França.

Este ano, em sua 11ª edição, o Arraial do Círio inova na visualidade. Nos anos anteriores, uma enorme cobra de mil riffs atravessa o cortejo. Ela dura lugar para 50 girândolas.

De acordo com um dos idealizadores e fundador do Instituto Arraial do Pavulagem, Junior Soares, o tradicional Arraial do Círio vai trazer novidades aos participantes. "Vamos fazer uma sinense dos outros arraiaes que aconte-



cem durante o ano, apresentando vários ritmos. Esta é nossa homenagem a Nossa Senhora de Nazaré e ao mesmo tempo uma mostra da nossa

cultura, genuinamente paraense", diz Junior.

O cortejo é formado pelas bandeiras, estandartes, cabeçudos, convidado do interior

dancários, boi-bumbá, micos e pelo batalhão das bandeiras coloridas, organizadas nessa ordem durante o cortejo. Cerca de 300 pessoas estão

**De cima para baixo: Arraial do Pavulagem e sua homenagem a Virgem em dois momentos da irreverência e da alegria da tradicional festa profana das Filhas da Chiquita**

Senhora de Nazaré. São homens e mulheres, independentemente da opção sexual, cantando, dançando, reunidos no mesmo espaço - a rua da Paz, ao lado do Teatro da Paz.

Em sua 3ª edição, a Festa das Filhas da Chiquita intitulada "Além do arco-íris - Um Show contra a Homofobia" vai fazer sua manifestação pacífica contra o preconceito. Seguindo o idealizador da festa, Floy Iglesias, a noite será repleta de surpresas. "O ponto alto da Chiquita será a premiação, representada pelo troféu Visão de Ouro, que daremos ao deputado federal Jean Wyllys, maior expressão na luta contra a homofobia", diz.

Floy destaca: "O diferencial da Chiquita em relação as outras ações profanas que homenageiam a Virgem é a surpresa. Não ensinamos nada, tudo flui naturalmente. A festa é uma manifestação feita pelo público".

Além da premiação, haverá uma programação cultural, com show de Floy e convidados. No repertório, algumas canções se sobressaem: "Mazurca de Nazaré", "Pecados de Adão" e o Hino Nacional, com um arranjo preparado especialmente para a Chiquita. O grupo de Cirimbo Barboletas do Mar também estará presente.

Em 2004, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) incluiu a Festa da Chiquita no processo de tombamento do Círio como patrimônio imaterial da humanidade.

A Festa das Filhas da Chiquita foi retratada no documentário "As Filhas da Chiquita (CMC)", dirigido por Priscilla Brasil. Em 52 minutos são mostrados, por vários pontos e ângulos, os personagens que compõem a festa, desde a produção até os participantes. Passo a passo. Exibido em vários cantos do Brasil e do mundo, o documentário recebeu dois prêmios no Mix Brasil: Melhor Filme pelo jur popular e Menção Honrosa pelo jur oficial.

O documentário está disponível no site: <http://www.greenvision.com.br/filhasda-chiquita/>.

**SERVICO:**

**Arraial do Círio e Festa das Filhas da Chiquita**

Arraial do Círio, hoje (7) a partir das 10h, na praça do Carmo. Festa das Filhas da Chiquita, hoje (8) a partir das 10h, na praça dos Estivadores, entre a Presidente Vargas e a avenida Boulevard Castilhos França.

diretamente envolvidas no Arraial do Círio deste ano.

**CHIQUITA**

Há mais três décadas, no segundo sábado de outubro, acontece a Festa das Filhas da Chiquita, a mais tradicional homenagem do grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transvestis e transexuais) a Nossa

## Exposições retratam aspectos do Círio de Nossa Senhora

Em alusão ao Círio de Nazaré, o Museu de Arte de Belém (MABE), abre duas exposições "Divino Manto", em homenagem a Virgem de Nazaré e "Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história", na reabertura do Salão Verde. O público paraense vai conferir as mostras até o dia 30 deste mês, sempre de terça a sexta, das 10h às 18h e sábados, domingos e feriados das 9h às 12h. As visitas podem ser agendadas no setor de Ação Educativa do MABE, pelo telefone (91) 3114-1028. A entrada é gratuita.

A mostra "O Divino Manto" expõem 16 pinturas de Vir-

gem de Nazaré pertencentes as tradicionais famílias paraenses e confeccionadas por exilistas e artistas de nossa região, além de três marcos oficiais e dez cartazes também oficiais de Círios. Entre eles destaca-se o matão confeccionado por Carlos Amílcar Pereira. Com um metro de extensão, bordado a mão com pedrarias, cristais e semijoias, retrata a figura da Igreja Católica.

De acordo com o presidente da Fundação Cultural de Belém (Fambul) e expositor, Carlos Amílcar Pereira, a exposição mostra a tradição e o paraense. "A exposição 'O

Manto Divino' aborda a história, a importância e tradição da confecção do manto para a Virgem de Nazaré entre as famílias da cidade. Por isso fizemos um link entre os marcos oficiais e os familiares", diz.

Já a "Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história", conta a história artística do Museu de Arte de Belém - MABE. Está a mostra todo seu acervo, com cerca de 1.080 obras entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, mobiliário de época, fotografias, construções artísticas, objetos de interior, e ornamentos.

A exposição "O Divino

Manto" segue aberta até o dia 30 deste mês, já a "Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história", ficará aberta até o dia 30 de outubro, na Sala Theodor Braga, junto ao Teatro do Palácio Antônio Lemos.

Após um longo período fechado para recuperação, o Museu de Arte de Belém, realce seu mais importante salão de exposição, o Salão Verde - ou Sala Domenico De Angelis. A reabertura, o MABE apresenta a exposição de longa duração, "Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história", que refaz o

percurso artístico de quase quatro séculos de história.

Criado em 1991, o MABE é o único museu do Região Norte e Nordeste ganhador do Prêmio de Pesquisa de Ações Artísticas, que o Mi-

nistério da Cultura e Fundação Nacional de Arte promoveram no final do ano passado. O museu foi contemplado através do Edital Modernização do Prêmio de Pesquisa de Ações Artísticas, que o Mi-

**SERVICO:**

**"O Divino Manto"** - Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história. Até dia 30 de outubro, no Museu de Arte de Belém - MABE. Visitação, sempre de terça a sexta, das 10h às 18h e sábados, domingos e feriados das 9h às 12h. Informações: (91) 3114-1028. Entrada gratuita.

Fonte: oliberal.com.

Acompanhando todo o conjunto da página, percebemos que o enunciador segue descrevendo, por meio de texto e fotos, o que seriam essas festas profanas, entre elas a Festa da Chiquita. A festa é representada pela foto do meio, na qual encontramos dois homossexuais



com figurino feminino, como *travestis*, e um *go-go boy*<sup>87</sup> no palco, diante de uma plateia. No canto direito inferior, o enunciador explica a colagem e posição das fotos: “De cima para baixo: Arraial do Pavulagem e sua homenagem à Virgem em dois momentos da irreverência e da alegria da tradicional festa profana das Filhas da Chiquita”. O enunciado apresenta a homenagem a Virgem de Nazaré como sendo feita pelo Arraial do Pavulagem, deixando o título de festa profana apenas para a Festa da Chiquita. De acordo com o Entrevistado 1 e 2, a festa da Chiquita foi pensada como uma forma de homenagem dos homossexuais à Nossa Senhora de Nazaré. O Entrevistado 2 chegou a relatar que um objetivo era demonstrar que existem devotos da Nazaré que “também são homossexuais” (nas palavras dele).

Percebemos que a associação entre os enunciados religião e homossexualidade são enunciados opostos, tanto na enunciação das páginas quanto dos textos. O enunciador apoia-se na memória de que a homossexualidade é um pecado, como afirma o próprio credo cristão. Por esse motivo, não pode se associar aos elementos do sagrado. Essa memória se constitui no enunciado a partir de uma enunciação que movimenta os sentidos em prol de estabelecer campos opostos, que não se cruzam, mesmo estando próximos por eventos concomitantes.

### 5.2.5 Histórias de carnaval: Diabolina, misteriosa e sensual

No material coletado, pudemos perceber a recorrência de enunciados que se materializavam em forma de histórias de carnaval, anedotas que contavam casos com efeitos jocosos sobre os momentos festivos proporcionados pela festa. Entre essas histórias, o tema central girava em torno de uma paixão em meio à folia.

O personagem central da história sempre era um homem que se apaixonava por uma mulher fantasiada, cujo nome não sabia, a quem nunca havia visto antes, apenas a achava bela, sedutora e misteriosa. Outro ponto em comum entre as histórias era que o cenário de fato era a rua, local onde as festas aconteciam, dando ritmo à história a partir do correr da festa ou dos dias de carnaval. O sentimento, a princípio, era platônico, sem a mulher corresponder, mantendo-se calada ou distante. Ao destinatário do texto, era reservado o lugar de observador do desenrolar dos acontecimentos.

O auge era, enfim, o homem apaixonado conseguir alcançar seu objeto de desejo, ou no final do dia, ou no final do carnaval, já próximo à quarta-feira de cinzas. O mistério em torno da personagem era o ápice da história, quando de alguma forma o homem descobria, ao tirar a

---

<sup>87</sup> Rapazes que se apresentam, geralmente, em casas noturnas com danças sensuais e/ou *strip-tease*.

máscara ou a fantasia, que a mulher, a quem ele tanto admirou e cuja atenção tentou chamar ao longo de toda a festa, era um homem travestido. De modo que esse homem era homossexual, pois permitiu e aceitou todos os galanteios do apaixonado. O tom jocoso fica mais evidente no momento da descoberta. A enunciação proposta pelo enunciador provoca sentidos de mistério que são desfeitos com a revelação da sexualidade da personagem descrita.

**Figura 14** - *Folha do Norte*, 6 fev. 1921, p. 4.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Em “Diabolina”, no jornal *Folha do Norte* de 6 de fevereiro de 1921, o apaixonado descobre que a mulher por quem ele tanto suspirou é um rapaz. O enunciado se compõe por uma enunciação que constitui a imagem do homossexual como um sujeito efeminado, fantasiado e misterioso. O texto é uma anedota localizada no canto inferior esquerdo do jornal, rodeado por outros textos que ou são músicas carnavalescas ou são outras anedotas. A imagem separa o texto em dois blocos, assemelha-se a uma imagem clássica do demônio cristão

fantasiado e em meio às festas de carnaval, tendo apenas de forma mais evidente o rabo e o chifre. Essa imagem representa a própria Diabolina, pois é ela a personagem da história que está fantasiada, e o próprio nome, “Diabolina”, seria uma espécie de neologismo utilizando a palavra em italiano *Diavolo*, que significa diabo. Podemos perceber uma memória cristã vinda da própria ideia de diabo, que, segundo a bíblia, é o “pai da mentira”.

Em outras palavras, o homossexual da história seria o próprio diabo fantasiado que engana o folião. Esse efeito de sentido toma mais corpo com o final do texto, quando a descoberta se dá no último dia de carnaval. Ou seja, a personagem homossexual, Diabolina, concede um tom jocoso à história, com a própria existência do carnaval ludibriando e encantando os sujeitos; mas, ao final, na quarta-feira de cinzas, as máscaras caem e tudo vira cinzas. O homossexual é enunciado como o exemplo da mentira que o carnaval é para os “desavisados”. A anedota parece se propor a cumprir uma função de alertar, em tom jocoso, sobre os “perigos” do carnaval, das armadilhas do diabo.

As demais histórias encontradas não seguem a mesma perspectiva religiosa, mas têm o mesmo eixo enunciativo como anedotas a contar a história de um homem que se apaixona por uma mulher fantasiada e misteriosa, que ao final é um homossexual fantasiado, travestido, efeminado, assumindo o efeito de sentido jocoso e de alerta para os homens que, segundo os textos, deixam-se levar pelas paixões do Carnaval.

### **5.2.6 Giselle: um filme, um anúncio, várias memórias**

No dia 3 de março de 1981, o jornal *O Liberal* publicou na página 10 do Primeiro Caderno o texto intitulado “Giselle escandaliza até o 3º sexo” (Figura 15), porém não há informações quais cinemas e horário o filme foi exibido. Optamos por fazer uma análise mais aprofundada do texto por percebermos que ele permite a emergência de memórias variadas e cristalizadas sobre a questão homossexual, dentro do escopo de nossa pesquisa.

Figura 15 - *O Liberal*, 3 mar. 1981, p. 10.

## Giselle scandaliza até o 3<sup>o</sup> sexo

O mundo gay explodiu, ontem, de alegria e perplexidade, antes, durante e depois da exibição especial do filme GISELLE. Acontece que os produtores, querendo testar a reação do público, resolveram convidar os adeptos e fervorosos do chamado 3<sup>o</sup> sexo para uma exibição especial. Como o convite frisava que, só poderia entrar quem estivesse assumidamente vestido, o cinema de 1.500 lugares foi pequeno e ficou absolutamente repleto de plumas e paetês. Logo nos primeiros minutos, a euforia, o delírio e o exibicionismo por parte da platéia eram incontáveis. Na medida em que os vários aspectos do filme GISELLE eram realisticamente mostrados, a platéia ia diminuindo o tumulto e entregava-se ao espetáculo. A partir do momento em que Carlo Mossy (efusivamente aplaudido) faz amor violentamente, com Ricardo Faria, todos passaram a assistir o filme em absoluto silêncio. Na medida em que Alba Valéria (considerada a nova grande maravilha do cinema), Monique Lafond, Maria Lúcia Dahl e Nildo Parente iam desfilando seus personagens, os presentes, já totalmente dominados, reagiam favoravelmente, não negando seus aplausos, principalmente nos momentos em que GISELLE transa com sua madrasta e com Ana Clementina. No final da exibição, com a maioria realmente deslumbrada, os gritos de "loucura" e os aplausos foram tão entusiasmados, que perduraram por mais de dez minutos. Na saída, a maioria dos comentários era de que além de maravilhoso, o filme era mais audacioso e corajoso que se podia imaginar. Estranhamente, apesar da independência da platéia, houve até quem saísse escandalizado com as cenas que viu neste, já tão considerado espetacular filme. GISELLE,



*Alba Valéria, a GISELLE, uma menina de apenas 17 anos, sem nenhum preconceito, que apaixona homens e mulheres.*

Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O texto refere-se a um longa-metragem brasileiro, lançado em 1980, com direção de Victor di Melo. O filme conta a história de Giselle, uma adolescente de 17 anos que vivia uma vida sexual livre. Ela é descrita como “sem nenhum preconceito, que apaixona homens e

mulheres”. O filme mostra diversas cenas de sexo: sexo entre mulheres, homens, bissexual e sexo grupal. Havia também cenas de estupro e cenas que deixavam explícito um caso de pedofilia. Segundo a própria abertura do filme, ele é um exemplo das relações da sociedade contemporânea que tem como célula a família:

Assim como na antiga civilização romana, como em Sodoma e Gomorra, todas as vezes que uma sociedade está em decadência, a principal característica é a falta de valores morais, a promiscuidade sexual, o desamor, as frustrações, e os desencontros. Os dias que hoje estamos vivendo, não diferem muito daqueles que antecederam a destruição daquelas sociedades (GISELLE, 1980).

O texto faz parte da abertura do filme, que é ainda composta por uma fumaça em formato de cogumelo ao fundo, fazendo referências aos eventos da bomba atômica da Segunda Guerra Mundial. O texto cita atos sexuais desenfreados como prenúncio da destruição de três sociedades: Sodoma, Gomorra e Roma, propondo, assim, que os atos sexuais contemporâneos enunciados no filme são também prenúncio da destruição da sociedade atual.

Na primeira cena do filme, sem nenhuma palavra, é mostrada a preparação de uma égua para cruzar com um cavalo, tendo uma música ao fundo; os personagens olham-se. No momento do coito dos animais, eles começam a sorrir uns para os outros. A estratégia enunciativa propõe um sentido a respeito do instinto animal para o coito, ato realizado pelos animais, mas que acaba excitando os personagens centrais do filme. Essa é basicamente a abertura do filme, que dará o fio condutor do longa, sempre voltando para o sentido do instinto sexual, que parece ser a justificativa de todas as cenas de sexo.

Tendo isso em vista, voltando-nos para o texto publicado pelo jornal *O Liberal* em relação ao filme, podemos, primeiramente, destacar a ordenação dos enunciados. Temos o título, seguido pelo texto em uma coluna à esquerda e, do lado direito, a imagem da atriz Alba Valéria personificada como Giselle, com roupas curtas e sensuais e que interpela o destinatário com o olhar.

O enunciador se posiciona na terceira pessoa e descreve o evento como sendo algo fora do comum, ainda não oficial, uma sessão especial para um público particular, os homossexuais, com a intenção de testar a recepção do filme, público esse que foi escolhido por ser “independente”, ou seja, semelhante à protagonista descrita como sem preconceitos. Os homossexuais foram descritos pelo enunciador como os “adeptos” do terceiro sexo, proporcionando uma ideia de opção desse público em relação às práticas sexuais homoeróticas. Ainda nessa linha, o enunciador opta por dar mais ênfase à cena de sexo entre dois homens, a qual ele adjetiva com a palavra “violento”. Com isso, apoia-se em memórias coletivas que a



sociedade faz circular a respeito dos homossexuais, uma memória voltada para o sexo primitivo, irracional, como já apontamos no capítulo 1, nos casos dos seringais no início do século XX. Afirma ainda que as cenas de sexo entre duas mulheres foram as mais elogiadas pelo público presente. A proposta enunciativa oferece ao destinatário o sentido de que havia no filme cenas que agradariam tanto ao público homossexual como ao público heterossexual.

A partir do todo do texto e da utilização da preposição “até” no título do enunciado, podemos perceber que o enunciador propõe que os homossexuais são sujeitos acostumados a praticar e observar atos sexuais fora do comum, e que o filme proporcionou à maioria uma experiência de euforia, uma vez que eles gritavam durante as cenas de sexo, afirma o texto. Outra porção dos homossexuais, a minoria, continua o enunciador, ficou escandalizada com o que viram. Ou seja, há uma proposta de sentido em relação ao caráter explícito das imagens de sexo e de uma possível inovação em cenas eróticas da época.

Por fim, podemos dizer que o enunciado tem mais características de um texto publicitário do que jornalístico, tendo como objetivo divulgar o filme em Belém no ano de 1981. Essa constituição enunciativa baseia-se em memórias cristalizadas sobre a questão homossexual, colocando-as em circulação e oferecendo aos destinatários ofertas de sentidos que dialogam com os repertórios de cada um.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi elaborado pensando no enlace entre memória e comunicação, pois como se comunica aquilo que não se lembra? As memórias estão em nós, ecoam em nós, somos vozes daqueles que nos antecederam. Memórias circulam, cristalizam-se e/ou modificam-se. Memórias alimentam a comunicação midiática e a comunicação social do dia-a-dia. As memórias se cruzam e produzem sentidos por meio dos enunciados/enunciações.

Buscamos essas memórias a partir dos estudos a respeito dos homossexuais no século XX. Percebemos que, a partir do enunciado/enunciação dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal*, emergem memórias ligadas à religião e à patologização mental desses homens algo que já era comum no século XIX. Tais enunciados/enunciações possibilitam trazer à tona memórias cristalizadas sobre a homossexualidade, fortalecendo discursos conservadores em tona da diversidade sexual.

Discursos que também foram muito fortalecidos pelo avanço do vírus HIV. O câncer gay, como era conhecido logo no começo da epidemia, nos anos de 1980, o que ajudou a marginalizar a diversidade sexual e posicionou os homossexuais como um dos principais grupos que ofereciam risco à população. A Aids foi devastadora, tanto no número de mortes quanto na visibilidade negativa promovida no início. No entanto, os grupos conseguiram se reestruturar e inverter, aos poucos, a visibilidade negativa para uma forma de pautar demandas necessárias dos homossexuais.

Após esse momento marcante da Aids, os movimentos homossexuais voltaram a se articular, constituindo maior unidade entre homens e mulheres homossexuais, bissexuais e outras formas de sexualidade. O movimento LGBT foi aos poucos se estruturando ao longo dos anos de 1990, estabelecendo-se a partir de movimentos sociais e políticos, tendo as Paradas do Orgulho Gay como principal ato de luta nas ruas. Atualmente, muitas conquistas se devem ao esforço desses primeiros militantes da causa, tanto que podemos acompanhar, com certa frequência, notícias de casamentos civis entre pessoas do mesmo sexo, adoção por casais homoafetivos, conquistas que possibilitam novos enunciados e sentidos para a causa LGBT. Em contrapartida, acompanhamos também o outro lado, a LGBTfobia e discursos religiosos fervorosos contra a própria existência dessas pessoas.

Todo esse histórico ajuda a apoiar nossos pensamentos a respeito da memória nos meios de comunicação, em especial no jornal impresso, uma vez que ele foi por muitos anos o principal meio de comunicação de massa do Brasil. Durante o século XX, tivemos o rádio, a televisão, o início da internet, mas os jornais impressos continuaram circulando e levando às

ruas memórias que articulavam temporalidades diversas, constituindo-se de enunciados passados e elaborando novos, em ciclo contínuo de um processo comunicacional entre os sujeitos.

Trata-se de memórias que estavam e estão em circulação, que ora estão mais presentes, ora estão mais ocultas na memória coletiva, dependendo das condições históricas para sua emergência. Essas memórias na imprensa são permeadas por diversas vozes, as dos jornalistas, instituições, fontes, etc. O jornal, então, assume o papel de documento/monumento que se posiciona como um lugar de memórias, um lugar de apoio que permite articulações sociais tanto com sujeitos do presente quanto do passado e do futuro, cada um com uma interação que perpassa a experiência individual.

Assim, os jornais materializam essas memórias pelos enunciados e enunciação que os compõem, propondo sentidos circulantes, interações entre enunciador e destinatário, que interagem no próprio enunciado, pois esse tem em si os dispositivos de enunciação, que tanto comportam a imagem e a posição do enunciador quanto a imagem e o local previstos para o destinatário, que interagem entre si.

Consideramos que estamos vivendo esse momento, de muitos enunciados e muitas memórias, o momento de lembrar e fazer lembrar, de trazer à tona vozes que por muito tempo foram caladas e mais, mostrar as formas pelas quais foram silenciadas. Diante do contexto atual, de políticas que visam silenciar novamente sujeitos marginalizados como os homossexuais, faz-se necessário estabelecer estratégias que permitam espaços a esses sujeitos poderem escolher a forma com que querem ser nomeados e entendidos na vida social. O esquecimento é uma estratégia política que visa organizar uma dita memória oficial, fazer lembrar é uma ação constata de emergir vozes até então marginalizadas.

Boa parte da primeira metade do século XX os homossexuais foram trancados em manicômios, ação segregadora que visava uma higienização do espaço urbano. Atualmente, ver-se discutir a “cura gay”, no horizonte de políticas que ainda tratam homossexuais como doentes (homossexualismo). Uma memória cristalizada que emerge a partir do contexto atual, cruzando presente e passado.

É preciso debater sexualidades, em especial nos e pelos palcos midiáticos, pois estes colocam em circulação memórias sociais todos os dias, na medida em que comunicam aquilo de que se tem lembrança na memória coletiva. Nesse processo comunicacional, as memórias estão presentes, constituindo, elaborando, retomando, cristalizando, produzindo enunciados antigos e novos, em um ciclo contínuo. Trazendo à tona memórias e novos sentidos que passam a circular na vida social e nos mais variados meios de comunicação.



É a partir desse ponto que se deu a nossa problemática de pesquisa: quais são as memórias tecidas pelos enunciados/enunciações dos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* sobre o sujeito homossexual na cidade de Belém durante o século XX e início do XXI?

Esse problema se materializou a partir da experiência obtida ao longo da jornada acadêmica e dos trabalhos desenvolvidos no projeto de pesquisa A História da Imprensa e de outros encaminhamentos de cunho pessoal. É preciso ainda considerar que o ato de lembrar, de não permitir que se esqueça, possibilita uma contribuição na produção de subsídios sociais e de conhecimento para que as memórias sobre os homossexuais não sejam entendidas apenas na superfície do presente, mas que mergulhe nas memórias do passado que continuam a circular e desenvolver sentidos.

Estabelecemos como procedimentos metodológicos a pesquisa documental, bibliográfica e a análise do par enunciado/enunciação como um possível caminho de identificar essas memórias. Tendo em vista que lidaríamos com mais de um século de jornais impressos, optamos por fazer saltos de dez em dez anos, nos meses de fevereiro ou março (carnaval), agosto, setembro e/ou outubro (Festa da Chiquita e Parada LGBT). Meses que, ao nosso ver, comportavam eventos que acreditávamos ter maior relação com a temática.

A escolha pelos jornais *Folha do Norte* e *O Liberal* mostrou-se pertinente, uma vez que ambos foram jornais diários de grande circulação e com coleções completas disponíveis na Biblioteca Pública Arthur Vianna. Houve alguns obstáculos durante a coleta de dados, haja vista que as máquinas de microfilmagem encontravam-se com defeito. No entanto, contamos com todo o apoio da direção da instituição, que nos autorizou a manusear os jornais mais antigos, o que tornou viável a pesquisa.

Um último procedimento metodológico foram as entrevistas com homossexuais que moraram em Belém e que vivenciaram os anos de 1960 ou 1970 em diante. A estratégia auxiliou na contextualização dos enunciados e nas memórias a respeito dos homossexuais na cidade, uma vez que não encontramos material bibliográfico a respeito dos homossexuais de Belém.

Em resumo, a partir do exposto, observamos 18 anos, 147 edições de jornais e coletamos 53 textos, a maioria sendo do jornal *O Liberal*, pois a questão homossexual passou a ser mais pública de 2001 a 2011, anos em que a Festa da Chiquita começou a ter destaque e as Paradas do Orgulho LGBT começaram a acontecer na cidade de Belém.

Dessa forma, chegamos ao cerne de nosso trabalho e pudemos apresentar os enunciados/enunciações dos jornais *Folha* e *O Liberal* a respeito dos homossexuais e as memórias que eles fazem emergir. No início do século XX, o enunciado mais recorrente era *rapazes alegres*, que podia sofrer alguma variação, mas que em seu núcleo mantinha uma

enunciação que mobiliza os sentidos em torno da festa carnavalesca, da alegria, da crítica social, da inversão dos costumes. Geralmente, eram ambientados nas ruas, em meio às festas e podiam causar algum desconforto às pessoas que eram mais ligadas aos costumes mais formais da época. Dentro desse enunciado, percebemos enunciações que mobilizavam memórias que remetiam aos séculos passados, com elementos da natureza, trazendo à tona memória sobre a sexualidade enunciada como desenfreada, ligada aos animais e ao sentido de pecado promovido pela ideologia cristã.

Um derivado do enunciado *rapazes alegres* foi o *travesti*, ambos se mantendo concomitantes ao longo do século XX. Porém, *travesti* passou a ter maior recorrência no material que coletamos, fazendo emergir as memórias semelhantes aos dos *rapazes alegres*. Os enunciados apresentavam as *travestis* a partir da utilização da roupa feminina, uma estratégia que auxiliava o enunciador a propor sentidos ligados à loucura, ao êxtase, à euforia, ao descontrole, etc.

Isso se manteve em boa parte do material analisado, mudando apenas no ano 1991, quando começam a figurar os enunciados *homossexual* e *gay*, sujeito em torno do qual houve sentidos mais voltados para as lutas políticas e sociais. É a partir desse momento que podemos perceber como a questão sai da invisibilidade da enunciação. Os homossexuais passam a ser nomeados de forma mais direta e o enunciador não parece manter uma invisibilidade do assunto, que dependesse do prévio conhecimento do destinatário sobre os homossexuais. *Homossexual* e *gay* apareceram com frequência como sinônimo um do outro. A pauta política se manteve atrelada à enunciação desses enunciados em boa parte do material analisado, porém, esses enunciados também estiveram presentes em outros textos que movimentavam sentidos em torno do preconceito, de memórias sobre o pecado, desvio sexual, devassidão, entre outros.

O cunho político será mais atrelado enunciativamente a *LGBT*, com enunciados que mobilizavam os sentidos de *comunidade*, *luta*, *enfrentamento* e *população*. Eles passaram a figurar nos jornais após a primeira Parada do Orgulho LGBT de Belém em 2002. Mesmo dentro da lógica política, as memórias em torno dos homossexuais mantiveram-se cristalizadas com sentidos ligados ao festivo, ao desconforto social. A *travesti* ganhou maior destaque na enunciação, tornando-se uma espécie de símbolo genérico dos demais homossexuais, tanto que ela foi um elemento que compôs as fotos dos eventos com homossexuais, carnaval de rua, Festa da Chiquita, Parada LGBT, todos com ênfase seja na imagem, seja na descrição da *travesti*.

Em resumo, a recorrência dos enunciados se deu a partir do efeito de sentido de festa, alegria, carnaval, o que já era esperando por causa das delimitações que organizamos. No entanto, um caráter ficou mais evidente, o lugar a que o homossexual parece pertencer, sempre

descrito nas ruas e nas festas. As memórias que mais se mostraram cristalizadas foram as que remetiam à selva, ao bestial, ao anormal, ao “não civilizado”. Por esse motivo, cada forma de nomear o homossexual movimentou sentidos particulares. Os *rapazes alegres* constituíam discursos de alegria, festa e incômodo social. Quando era enunciado o termo *travesti*, remontava à sugestão de loucura, ao êxtase do carnaval e das festas. Os jornais pesquisados nos permitem afirmar que *travesti* se tornou num símbolo que caracterizava o homossexual. Apesar de aparecer apenas em um enunciado, *veado* movimentou os sentidos para a questão da bestialidade e animalesco. Os termos *homossexual* e *LGBT* são os mais atuais, que começaram a ser mais recorrentes de 1990 a 2011, sendo usados para as questões políticas que envolvem os homens homos.

Podemos dizer que os enunciados dos jornais se basearam com maior ênfase nas memórias cristalizadas, não permitindo a emergência de enunciados diversificados, não trabalhando a homossexualidade com mais nuances ou menos estereótipos.

A pesquisa nos movimenta a continuar observando as alternâncias desses enunciados dos jornais, para acompanhar mais e novas memórias na imprensa. Em especial, no cenário político em que nos encontramos, no qual estão no cerne das discussões a sexualidade e as minorias, como mulheres e negros. Com a eleição de Jair Messias Bolsonaro à Presidência da República do Brasil, (re)emergiu um discurso conservador que ataca com frequência aos que não se submetem ao padrão heterossexual imposto. Padrão que ficou mais exposto a partir da escolha da pastora e advogada Damares Alves como Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, que, após assumir o cargo, afirmou, em um vídeo que circulou no dia 2 de janeiro de 2018, que uma nova era havia começado no Brasil e “que menino veste azul e menina veste rosa”. Tal afirmação colocou nos palcos midiáticos enunciados que reforçam a ideologia conservadora e que buscam invisibilizar novamente as diversidades sexuais.

Por isso, ir agora para os meios digitais e ver como essas memórias circulam e são enunciadas é um ponto importante da continuação da pesquisa. No entanto, não podemos deixar de lado os jornais impressos que ainda cumprem seu papel social dentro de uma sociedade inundada com as informações e desinformações do cotidiano, sendo para muitos um importante desarticulador de notícias falsas. Ou seja, temos ainda um campo imenso a observar e explorar, percebendo essas memórias sobre os homossexuais e os sentidos que são postos em circulação pelos enunciados e enunciações.

## REFERÊNCIAS

A FACA. Folha do Norte, Belém, p. 1, 19 jan. 1911.

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Leonídio Ribeiro. **Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro. 20[--]. Disponível em: <https://goo.gl/zTyZDK>. Acesso em: 21 dez. 2018.

AJZENBERG, Elza. A Semana de Arte Moderna de 1922. **Revista de Cultura e Extensão USP**, São Paulo, ano III, n. 7, v. 7, p. 25-29, jan./jun. 2012.

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de encontros gays**: traços indetítários, de seus usuários em Belo Horizonte. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2YIKcbq>. Acesso em: 21 jun. 2018

ALMEIDA, Pires de. **Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro)**: estudo sobre as perversões e inversões. Rio de Janeiro: Lammert & C, 1906. Disponível em: <https://goo.gl/Q8SPbj>. Acesso: 02 jan. 2019.

ARAÚJO, Maria Celina Soares D. O Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2000.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**: vida, genocídio e 60 mil mortes no hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ARTIGO DE OFFICIO. O Paraense, Belém, p.1, 26 jun. 1822.

AS FILHAS DA CHIQUITA - Documentário Completo. Publicado pelo canal Rodrigo Melhado. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (52 min). Disponível em: [https://youtu.be/7Cu\\_mt2SXBc](https://youtu.be/7Cu_mt2SXBc). Acesso em: 4 maio 2018.

ASSEMBLEIA PARAENSE. **Histórico**. Belém: [s/n], [20--?]. Disponível em: <http://bit.ly/2M5YZXE>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural memory studies**: an international and interdisciplinary handbook. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

BAKHTIN. Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo : Hucitec, 1979.

BAKHTIN. Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. São Paulo: Forense, 1981.

BAKHTIN. Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rebelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Muad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 11-27, jul. 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. O presente e o passado como processo comunicacional. **Matrizes**, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 145-155, jan./jun. 2012.

BARBOSA, Marialva. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 21, n. 1, abr./jul., p. 6-26, 2016.

BELA, Alice; PINHO, Éderson. Histórico do Hospital Psiquiátrico “Juliano Moreira”. In: RICCI, Magda; VALENTIM, Rodolfo (Org.). **História, loucura e memória**: o acervo do Hospital Psiquiátrico “Juliano Moreira”. Belém: Secult, 2009. p. 22-23.

BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay *made in Brazil*. **Bagoas**, Ano I, nº 1, v. 1, jan/dez, 2012, p 1-16.

BEZERRA NETO, José Maia. A conquista portuguesa da Amazônia. In: ALVES FILHO, Armando dos Santos; SOUZA JÚNIOR, José Alves de; BEZERRA NETO, José Maia (Org.). **Pontos de História da Amazônia**. 3 ed. Belém: Paka-Tatu, 2001. p. 11-26.

BÍBLIA. **Bíblia Ave-Maria**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BILATE, Lucas Ferreira. **Brilho em festa**: Homossexualidades masculinas nas escolas de samba. 2017. 183 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/33ncaZV>. Acesso em: 21 jun. 2018.

BOM CRIOULO. Folha do Norte, Belém, p. 2, 03 de fev. 1986.

BRAGA, Adriana Andrade; GUIMARÃES, Juliana Depiné Alves. Minorias e discurso na esfera pública digital: o caso da Parada Gay. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, ano 11, v. 11, n. 30, p. 57-81, jan./abr. 2014.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BUTTURI JÚNIOR, Atilio. **A passividade e o fantasma**: o discurso monossexual no Brasil. 2012. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2Kx3cR8>. Acesso 25 set. 2018.

CAMILO, Rodrigo Augusto Leão. A Teologia da Libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FACULDADE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2., 2011, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais, 2001.

CANOSA, Lucas. “Ueeepa, bicha não!”; relembre a história de Jorge Lafond, a Vera Verão. **Bastidores da Informação**, [on-line], 12 mar. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/1ZZWR8>. Acesso em: 4 maio 2018.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987**. São Paulo: Annablume, 2009.

CARVALHO, Vanessa Brasil de. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2MNRusK>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CLASTRES, Pierre. O Arco e o Cesto. In: CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado: pesquisas de Antropologia política**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1986. p. 71-89.

COELHO, Mártires. O surgimento da imprensa no Pará. **Revista Pará Zero Zero**, Belém, ano II, n. 5, p. 22-39, ago./set. 2008.

CORDÃO, Vinícius Ferreira Ribeiro. **Imprensa homossexual brasileira e construções de subjetividades (1960-1980)**. 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2OLGREP>. Acesso em: 12 out. 2018.

COUTINHO, Amélia. Magalhães Barata. In: CENTRO DE PESQUISA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro; São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 20[--]. Disponível em: <https://goo.gl/eQiSr9>. Acesso: 19 dez. 2018.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Org.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2015. p. 27-52.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações**. Belém: CEJUP, 1992.

DARDE, Vicente Willian da Silva. **As representações sobre cidadania gays, lésbicas, bissexuais, travestis, e transexuais no discurso da Folha e do Estadão**. 2012. 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2YN9OE5>. Acesso em: 21 jun. 2018.

DESIDÉRIO, Plábio Marcos Martins. Telenovela e Sexualidade: o Discurso sobre a Homossexualidade em *Insensato Coração* (2011). In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MÍDIA DISCURSO E AMAZÔNIA, 1., 2013, Belém. **Anais...** Belém: PPGCom, 2013.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, ano I, n. 3, p. 54-81, jan./dez. 2009.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, vol. 10, n. 18/19, p. 81-125, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia: a construção da Aids no Brasil**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.). **Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario: Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15.

FAUSTO NETO, Antônio. O conceito de recepção na obra de Eliseo Verón: 1968-2013. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25, 2016. Goiânia. **Anais...** Goiânia: Compós, 2016.

FRANÇA, Vera R. V. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes: O Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo**. São Paulo, 2006.

FIGARI, Carlos. **@s “outr@s” cariocas: interpelações, experiência e identidade homoeróticas no Rio de Janeiro: século XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (primeira parte). **ZYG360.com**, Belém, ano I, n. 4, p. 36-38, nov. 2008.

FIGUEIREDO, Candido. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: [s/n], 1913. Disponível em: <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes. 1987.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Editoria Paz e Terra, 2014.

FRANCISCO, Eduardo Pereira. **Enquadrando a diferença: análise dos frames sobre identidades LGBT nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo**. 2016. 334 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2YP9nF6>. Acesso em: 20 set. 2018.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 87-115.

FRY, Peter; MCRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural, 1985.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ. Biblioteca Pública Arthur Vianna. **FCP**, on-line, [20--]. Disponível em: <https://goo.gl/FhQWBN>. Acesso em: 4 maio 2018.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Seção de Microfilmes** – Catálogo de Jornais Microfilmados. Belém, PA: [s/n], [20--?].

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. João Guilherme Lameira Bittencourt. In: CENTRO DE PESQUISA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro; São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 20[--]. Disponível em: <https://goo.gl/cjmE2H> Acesso: 19 dez. 2018.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O Malho**. Rio de Janeiro: [s/n], [entre 2006 e 2018]. Disponível em: <https://goo.gl/9BU7mK>. Acesso em: 4 maio 2018.

GADELHA, Paulo Henrique. **Colorido, multidão, voto consciente e homofobia: a parada do orgulho LGBT de Belém nas páginas do jornal O Liberal (2002-2017)**. 2018. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

GAUDENZI, Paula. Intersexualidade: entre saberes e intervenções. **Cadernos de Saúde Pública**, ano 34, n. 1, p. 1-11, 2018.

GISELLE. Victor Di Mello. Geraldo Glodszal. Rio de Janeiro: Vydia Produções Cinematográficas S.A., 1980. 35 mm.

GONTIJO. Fabiano. **Rei Momo e o arco-íris: carnaval e homossexualidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo. Ed. UNESP, 2000.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. O abrasamento sexual nos seringuais amazônicos, por Alberto Rangel e Ferreira de Castro. **O Guari**, [on-line], set. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/72sG6z>. Acesso em 04 maio 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê I: Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2GTAw3x>. Acesso em: 12 out. 2017.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **A família Aguiar Whitaker: estudo genealógico, biográfico dos seus fundadores e alguns descendentes, através da documentação escrita, tradição oral e recordações pessoais do autor/ Edmur de Aguiar Whitaker**. Rio de Janeiro: [s/n], 1940. Disponível em: <http://bit.ly/2M6uQHR>. Acesso em: 15 mar. 2018.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTMED; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.



LIMA, Rodrigo Ramos. Terra de ninguém ou a terra de todo mundo?: a opoterapia como recomendação para o tratamento de homossexuais detidos no Laboratório de Antropologia Criminal do Rio de Janeiro (1931-1951). 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24012>. Acesso em: 1 jan. 2019.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-152.

MACEDO, Ferra. **Da prostituição, em particular em relação á cidade do Rio de Janeiro**: prophylaxia da syphilis. Rio de Janeiro: Tipographya Academia, 1873. Disponível em: <https://goo.gl/Byd9Zm>. Acesso: 1 jan. 2019.

MACHADO, Marcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, v. 1, n. 14, jan./jun., p. 1-11, 2006.

MARANHÃO, Haroldo. **Querido Ivan**. Belém: Jornal Pessoal, 1998.

MARTINS JÚNIOR, Carlos. A nova escola penal: Direito, controle social e exclusão no Brasil (1870-1920). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. **Anais...** ISBN: 978-85-98711-14-0.

MAURO NETO. Rômulo Maiorana Jr. não comanda mais O Liberal. Belém: **DOL**, [on-line], 6 out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2tzj90Y>. Acesso: 15 jan. 2019.

MAYA, Acyr Corrêa Leite. **Homossexualidade**: saber e homofobia. 2008. 187 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2OLk4ZM>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MEDEIROS, Raphael Carlos Cesar Medeiros; BARBOSA, Pedro Luís Navarro. A ressignificação do discurso pansexual: o jogo do também. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 24., 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: Departamento de Língua Portuguesa, 2015.

MILANEZ, Nilton. O corpo da bicha preta: Lafayette e a política do desamor na literatura de Charlene Harris. **Caderno Seminal Digital**, ano XX, n. 21, v. 21, p. 255 -283, jan/jun, 2014.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como métodos e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Rodrigues (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 267-279.

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA. **Coleção de Antropologia Ferraz de Macedo**. Universidade de Lisboa: [s/n], [20--?]. Disponível em: <https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/node/641>. Acesso em: 4 maio 2018.

NAPHY, William. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Lisboa: Edições 70, 2006.

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) má**: LGBTs em telenovelas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLHA A ONÇA. Folha do Norte, Belém, p. 4, 06 fev. 1921.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica**: abordarjes cualitativos em la investigación em comunicación, médios y audiencias. México: Colonia Navarte, 2001.

PEÇANHA, Natália Batista. Uma pedagogia “para homens”: *O Rio Nu* e sua função disciplinadora do homem civilizado. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 15, São Gonçalo, 2012. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2012.

PEDRO, Roberto Cardoso. **O preconceito no discurso gay**. 2006. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2GSF4HI>. Acesso: 12 jan. 2017.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.

PINTO, Lúcio Flávio. Rominho fora do grupo Liberal. Belém: **Jornal Pessoal**, [on-line], 6 mar. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/wXwjr1>. Acesso: 19 dez. 2018.

PINTO, Paulo Sousa. História do Vaticano II. **Ensina RTP**, [on-line], 25 mar. 2017. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/a-historia-do-concilio-vaticano-ii/>. Acesso em: 4 maio 2018.

PLATÃO. **Diálogos**. 5 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTAL CATARINA. José Ricardo Pires de Almeida. **Universidade Federal de Santa Catarina**, [on-line], 20[--]. Disponível em: <https://goo.gl/xQUACw>. Acesso em: 10 dez. 2018.

REIS, Roberto Alves. **Quando o afeto ganha a esfera midiática**: casos de sujeitos homoeróticos e estratégias jornalísticas para enquadrar as vozes de leigos e especialistas. 2004. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <http://bit.ly/2KltJ4P>. Acesso em: 07 mar. 2018.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. **Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra**, [on-line], 2003. Disponível em: <https://goo.gl/yi737j>. Acesso em: 19 dez. 2018.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e experiência. In: BRUCK, Mozahir Salomão; OLIVEIRA, Max Emiliano (Org.). **Atividade comunicacional em ambientes mediáticos**: reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 13-33.

RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de identidade**: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil. Niterói: EdUFF, 2010.

RODRIGUES, Leonardo Santana dos Santos; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. A campanha abolicionista na revista paraense A Semana Ilustrada. In: Ariane Pereira; Iluska Coutinho. (Org.). Comunicação, memórias e historicidades: olhares de pesquisadores em formação nos 40 anos da Intercom. 1ed.São Paulo: Intercom, 2018, v. 1, p. 91-108.

ROZARIO, Elton Santa Brígida do. **Para além das plumas e paêtes: a atuação do movimento LGBT de Belém-PA no enfrentamento à LGBTfobia.** 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2MGT6zP>. Acesso em: 21 jun. 2018

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem.** Belém: CEJUP, 1992.

SANTA BRÍGIDA, Jesse Andrade; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. O percurso da imprensa no Pará: de Belém rumo ao interior do Estado. In: Luis Francisco Munaro. (Org.). **Rios de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921).** 1ed.Porto Alegre: Editora Fi, 2017, v. 1, p. 71-112.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Memórias do "Velho" intendente: Antônio Lemos - 1869-1973.** 1998. 304 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <http://bit.ly/2OLfR8q>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912).** Belém: Paka-Tatu, 2002.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUIDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais**, São Paulo, ano I, n. 1, p. 1-15, jul. 2009.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; CASTRO, Avelina Oliveira de. Imprensa e poder na Amazônia: a guerra discursiva do paraense O Liberal com seus adversários. **Revista Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 101-119, jan./abr. 2014.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; SANTA BRÍGIDA, Jesse Andrade ; SANTOS, Lorena Emanuele da Silva . Panorama da imprensa na microrregião de Cameté-Pará. In: Roseane Arcanjo Pinheiro;Thays Assunção Reis; Domingos Alves de Almeida; Rodrigo Nascimento Reis. (Org.). Comunicação, jornalismo e memória - estudos regionais. 1ed.São Luís: EDUFMA, 2018, v. 1, p. 132-151.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil.** 2006. 271 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2YOXNxM>. Acesso em: 10 nov. 2018.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. O uso da imagem na mídia impressa de Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; NASCIMENTO, Layse; FERNANDES, Márcio (Org.). **Fatos do passado na mídia do presente: rastros históricos e restos memoráveis.** São Paulo: Intercom, 2011, p. 279-306.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; SANTA BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; NUNES, Cleonice Viana. Os vestígios do marxismo no jornal A Voz do Caixeiro. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 11, 2012, Belém. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **A trajetória da imprensa no Pará**. Projeto de pesquisa apoiado por Edital Universal MCT/CNPq Nº 14/2012. [Concluído]. Belém: UFPA, 2012a.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos et al. O "triunfo da legalidade": Cabanagem e discurso no jornal Treze de Maio. In: MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (Org.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na Comunicação**. Manaus: UFAM, 2012b. p. 269-283.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **A história da imprensa no Pará: do impresso à internet**. Projeto de pesquisa em andamento. Edital Universal CNPq 2016. Belém: UFPA, 2017.

SENRA, Flavio Pereira. **A herança do período naturalista nas letras do século XX**. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://bit.ly/2TdPZjO>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SETEMY, Adrianna. Eneias Martins. In: Centro de Pesquisa de História Contemporânea do Brasil, Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro; São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 20[--]a. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MARTINS,%20Eneias.pdf>. Acesso: dez. 2018.

SETEMY, Adrianna. Lauro Sodré. In: Centro de Pesquisa de História Contemporânea do Brasil, Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro; São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 20[--]b. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SODR%C3%89,%20Lauro.pdf>. Acesso: dez. 2018.

SHEEP, Nelson. Sigla 'LGBT' pode virar 'LGBTQQICAPF2K+'; entenda o significado. **Super Pride**, [on-line], 15 fev. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/h2paZi>. Acesso em: 4 maio 2018.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. "Eu sou a Filha da Chiquita Bacana..." notas antropológicas sobre a festa da Chiquita em Belém do Pará. **Revista Gênero na Amazônia**, Belém, ano III, n. 6, p. 183-212, jul./dez. 2014.

SILVA, Giuslane Francisca da. Resenha de Memória Coletiva. **Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, ago. 2016.

SILVA, Pâmela Guimarães da. **Não foi apenas um beijo**: o acontecimento beijo gay na telenovela Amor à Vida e a constituição de públicos. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOARES, Leonardo Antonio. **O discurso gay na televisão**: uma análise da representação gay nas novelas. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2OJy7Pu>. Acesso em: 15 set. 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOLIVA, Thiago Barcelos. “Nós Somos uma Família”: amizade, solidariedade e proteção em um grupo de homens homossexuais mais velhos. **Revista Gênero na Amazônia**, Belém, ano III, n. 6, p. 117-146, jul./dez. 2014.

SOLIVA, Thiago Barcelos. **A confraria gay**: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizade na Turma OK. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2YNgWQD>. Acesso: 20 set. 2018.

SOUTO JÚNIOR, Elio Marques de. **A construção do homoerótismo em O Segredo de Brokeback Mountain**: discurso, identidade e teoria queer. 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2YR0o6p>. Acesso em: 29 nov. 2018

SOUZA JÚNIOR, José Alves. A adesão do Pará à Independência. In: ALVES FILHO, Armando dos Santos; SOUZA JÚNIOR, José Alves de; BEZERRA NETO, José Maia (Org.). **Pontos de História da Amazônia**. 3 ed. Belém: Editora Paka-Tatu, 2001, p. 55-72.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Rodrigues (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

TEDESCO, João Carlos. Memórias em batalhas: dimensão política da memória. **Cadernos do CEOM**, ano 25, n. 34, p. 15-44, 2011.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Imprensa, poder e contra-hegemonia na Amazônia**: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007). 2008. 318 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bit.ly/2H6QSpV>. Acesso em: 12 out. 2018.

VÉRON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004

VIANA, Azilton Ferreira. **A produção científica acerca da temática LGBT**: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2GSHZA0>. Acesso em: 22 out. 2018.

VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 22, p. 107-116, set./dez. 2003

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado para pesquisa de Dissertação orientada pela prof<sup>a</sup> Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas e desenvolvida pelo discente do Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Jessé Andrade Santa Brígida (nº de matrícula: 201725170003), a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário por meio dos telefones (91) 98266-4015/3238-7277 ou do e-mail [jesse.asb@gmail.com](mailto:jesse.asb@gmail.com).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é entender a sociabilidade homossexual em Belém com a finalidade de dar suporte a pesquisa “De Moços Alegres a Homoafetivos: explorando a memória sobre os homossexuais nos jornais Folha do Norte e O Liberal”.

Minha colaboração ocorrerá por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos e que, de acordo com a minha vontade, posso ou não permanecer anônimo (o que será perguntado no início da entrevista).

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Belém, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_